

humanidades



BRASIL PANDÊMICO

O espanto e a dor diante da Covid-19

Nº 64 | DEZEMBRO 2020
ISSN 0102.9479



Colagem: Regina Pouchain



“ *Vivemos, sim, tempos incertos e algo obscuro. Em tempos de avanço do negacionismo, este é um grande aprendizado para a sociedade brasileira: compreender a importância da Universidade, o lugar imprescindível da ciência, do conhecimento, do saber.*”

Márcia Abrahão

Reitora da Universidade de Brasília



“Nenhum ‘nós’ deveria ser aceito como algo fora de dúvida, quando se trata de olhar a dor dos outros”, afirma a ensaísta Susan Sontag no seu livro *Diante da dor dos outros*. Sem dúvida, não sofrer com as consequências da pandemia do coronavírus, que já ceifou centenas de milhares de vidas, não sentir repugnância diante do descaso, da falta de empatia, e não lutar contra o que podemos chamar de tempos sombrios, é desumano, cruel.

Ninguém que tenha noção da importância da vida dos outros pode permanecer alheio ao que ocorre em nosso país, testemunhas que somos da grave iniquidade daqueles que ocupam os lugares de decisão do Estado diante dos desafios que a pandemia trouxe aos brasileiros.

Nossos corpos, nosso cotidiano, nossa saúde foram afetados. Em alguns, com maior gravidade. As imagens de dor fixadas na memória de muitos servem para contribuir para a consciência de que no mundo há doenças, crueldades e mortes. Devemos saber interpretar esses momentos para nossa própria percepção e compreensão das representações da experiência humana diante das tragédias e dos sentidos da saúde e da doença. E, sobretudo, devemos lembrar da capacidade de reação diante da adversidade, o que despertou um sem-número de ações singulares, por parte dos cientistas, do pessoal da saúde, de cidadãos comuns que escolheram o lugar de quem não aceita ficar parado em face da tragédia.

Dessa forma, a Universidade de Brasília assumiu um papel fundamental, demonstrando uma visão acurada de nosso momento histórico, enfrentando as inúmeras demandas que esse processo requereu. Este talvez tenha sido o maior desafio, entre tantos, que as Universidades do mundo inteiro, e do Brasil, em especial, tenham encarado em busca de pesquisas que possam minimizar as consequências do vírus Sars-Cov-2. De fato, logo no início da pandemia, a UnB, no sentido de proteger a comunidade acadêmica, suspendeu as atividades presenciais e criou o Comitê Gestor do Plano de Contingência da Covid-19 para realizar ações, orientações acerca de ocorrências relacionadas à Covid-19 na UnB, em consonância com as diretrizes da Organização Mundial de Saúde, do Ministério da Saúde e da Secretaria de Saúde do Governo do Distrito Federal, e estabeleceu estratégias visando à redução dos efeitos da pandemia no Distrito Federal, buscando contribuir com outros órgãos para a redução desses efeitos na população do Distrito Federal e do Brasil.

Diante dessa realidade inescapável e à luz de uma reflexão sobre a pandemia, seu impacto e os sentidos metafóricos a ela atribuídos em uma explosão de narrativas pelas redes sociais e veículos da imprensa, a revista *Humanidades*, em compromisso com a memória de tempos históricos, publica esta edição especial dando vazão à percepção dos sentidos diante da nossa dor e da dor dos outros, como disse Sontag.

Foram muitos textos recebidos, pelos quais agradecemos a todos que se dispuseram a escrever. Narrativas, versos, artigos acadêmicos, ensaios, contos, crônicas, relatos testemunhais: recebemos mais de cem colaborações dessas diversas tipologias textuais. Infelizmente, seria impossível publicar todas as contribuições. Porém, temos a certeza de que os textos aqui publicados representam muitas narrativas sobre a vivência e experiência em um tempo inteiramente novo e fora do contexto de muitos brasileiros. Alguns têm uma visão crítica das implicações políticas da pandemia, outros são relatos íntimos, ainda outros falam do cotidiano e da estranheza diante de novos hábitos; há ainda os que traduzem pesquisas acadêmicas. Enfim, a revista *Humanidades* mostra com este número que do desamparo, da doença, e do sofrimento, é possível trazer, por meio das ações visando a colaboração e o coletivo, uma nota de esperança. Deixamos aqui o convite aos leitores para uma leitura que certamente os surpreenderá e lhes devolverá o sentimento de que não estamos sozinhos na luta contra a Covid-19.

Germana Henriques Pereira

Diretora da Editora Universidade de Brasília

Inês Ulhôa

Editora da revista *Humanidades*



Reitora
Márcia Abrahão Moura

Vice-Reitor
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora
Germana Henriques Pereira

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira
Fernando César Lima Leite
Beatriz Vargas Ramos G. de Rezende
Carlos José Souza de Alvarenga
Estevão Chaves de Rezende Martins
Flávia Millena Biroli Tokarski
Jorge Madeira Nogueira
Maria Lídia Bueno Fernandes
Rafael Sanzío Araújo dos Anjos
Sely Maria de Souza Costa
Verônica Moreira Amado

EXPEDIENTE

Editora
Inês Ulhôa

Revisão
Alexandre Vasconcellos de Melo

Programação visual
Cláudia Dias

Colagens
Regina Pouchain

Editora Universidade de Brasília
SCS Q. 2, bloco C, nº 78, Ed. OK, 2º andar
CEP 70.302-907 - Brasília-DF
Tel.: +55 (61) 3035-4235/4224

www.editora.unb.br

Os artigos publicados são de
responsabilidade de seus autores

sumário

Pesquisa Social UnB: saúde e condições de trabalho remoto em meio à pandemia da Covid-19 <i>Lucio Rennó, Michelle Fernandez, Ana Maria Nogales, Janaina Penalva, Ronaldo Pillati e Jhames Sampaio</i>	9
Uma pandemia neoliberal <i>Alfredo Saad Filho</i>	15
Manifesto agrestino pernambucano: “Temos o direito de viver!” <i>Ingrid Silva de Melo e Diogivânia Maria da Silva</i>	24
Se essa rua (ainda) fosse minha...: reflexões sobre o brincar em tempos de pandemia <i>Rebeca Azambuja, Ana Luiza Batista e Gabriela Mietto</i>	29
Do abraço ao toque digital: mídias e pandemia <i>Vanessa Moraes</i>	35
Pandemia, autorrelação e a crise da gestão dos alimentos <i>Mariana Paolozzi</i>	40
Lições da pandemia para o mundo do trabalho <i>Gabriela Neves, Lucilia de Almeida Neves Delgado e Mauricio Godinho Delgado</i>	44
Arte e promoção de saúde em tempos de Covid-19 <i>Flávia Mazitelli de Oliveira, Daniela da Silva Rodrigues e Josenaide Engracia dos Santos</i>	49
A vida como valor absoluto <i>Uribam Xavier</i>	51
Reflexões sobre o futuro e o direito pós-pandemia <i>José Geraldo de Sousa Junior</i>	53

artigos e ensaios

Antropoceno: a importância da implantação da cultura da inovação no contexto social contemporâneo 58

Rodolfo Augusto Melo Ward de Oliveira

Do pessimismo ao neorrealismo: uma passagem em meio ao assédio pandêmico 63

Rafael Reginato Moura

Humanidade e pertencimento: lições em tempos de pandemia 68

Maria Ivoneide de Lima Brito, Margô Gomes de Oliveira Karnikowski e Zaira Nascimento de Oliveira

Solidariedade em tempos de Covid-19 72

Wladimir Porreca

Pandemia: o que tememos e o que seremos 74

Marcos Cesar Danhoni Neves

Adaptação e o impacto socioeconômico no combate à Covid-19 81

Marcos Mourão Santa Brígida, Tiago Duarte da Silva, Vitória Carolina Farias de Oliveira, Raquel Soares Casaes

As torturas do silêncio 86

Elen Geraldês, Georgete Medleg e Kênia Figueiredo

De pandemia em pandemia: antipolíticas do luto 91

Sávio Barros

A cultura popular embala os pequenos brincantes do Ensino Infantil 96

Leandro Costa da Fonsêca e Isabel Haialy Pereira da Silva

O ambiente da pandemia 101

José Domingues de Godoi Filho

crônicas e contos

Resumo da ópera: pandemia e pandemônio 105
Jorge Antunes

A Bolha 104
Matheus Zucato Robert

Que país é esse? 108
Colonizado e periférico ou protagonista?
Isaac Roitman

Diário da peste 110
Fernando Fiorese

2020: o ano da reconstrução 112
Neila Conceição Cunha-Nardy

Tempo invisível 118
Rodrigo Cristalino Bezerra da Silva

**A súbita intimidade com os aplicativos,
ou a adolescência das máquinas** 121
Hilan Bensusan

Que fim levou a New Age? 123
Angélica Torres



poesias

Solene momento pela alma dos mortos 129
Josafá de Orós

Guerra e paz 132
Elieni Caputo

Pericentral 133
Francisley da Silva

O ovo da serpente 134
Oswaldo Duarte

Plinto 135
Joba Tridente

a artista desta edição

Regina Pouchain é poeta nascida no Rio de Janeiro, designer gráfica, artista intermídia, programadora e diagramadora visual, engajada no poema contemporâneo experimental, poesia discursiva; pesquisadora em artes visuais; pós-graduada em Artes e Filosofia. Realiza projetos próprios de criação; exposições como curadora e artista, livros e obras tais como: fotopoemas, poema visual gráfico, poemas matemáticos eletrônicos, poemas-objetos e de manuseio, colagens, trabalhos com mídia mista, livros de artista, com diversos trabalhos em meio digital.

A equipe da revista *Humanidades* agradece à artista Regina Pouchain pela cessão dos poemas visuais que ilustram esta edição.



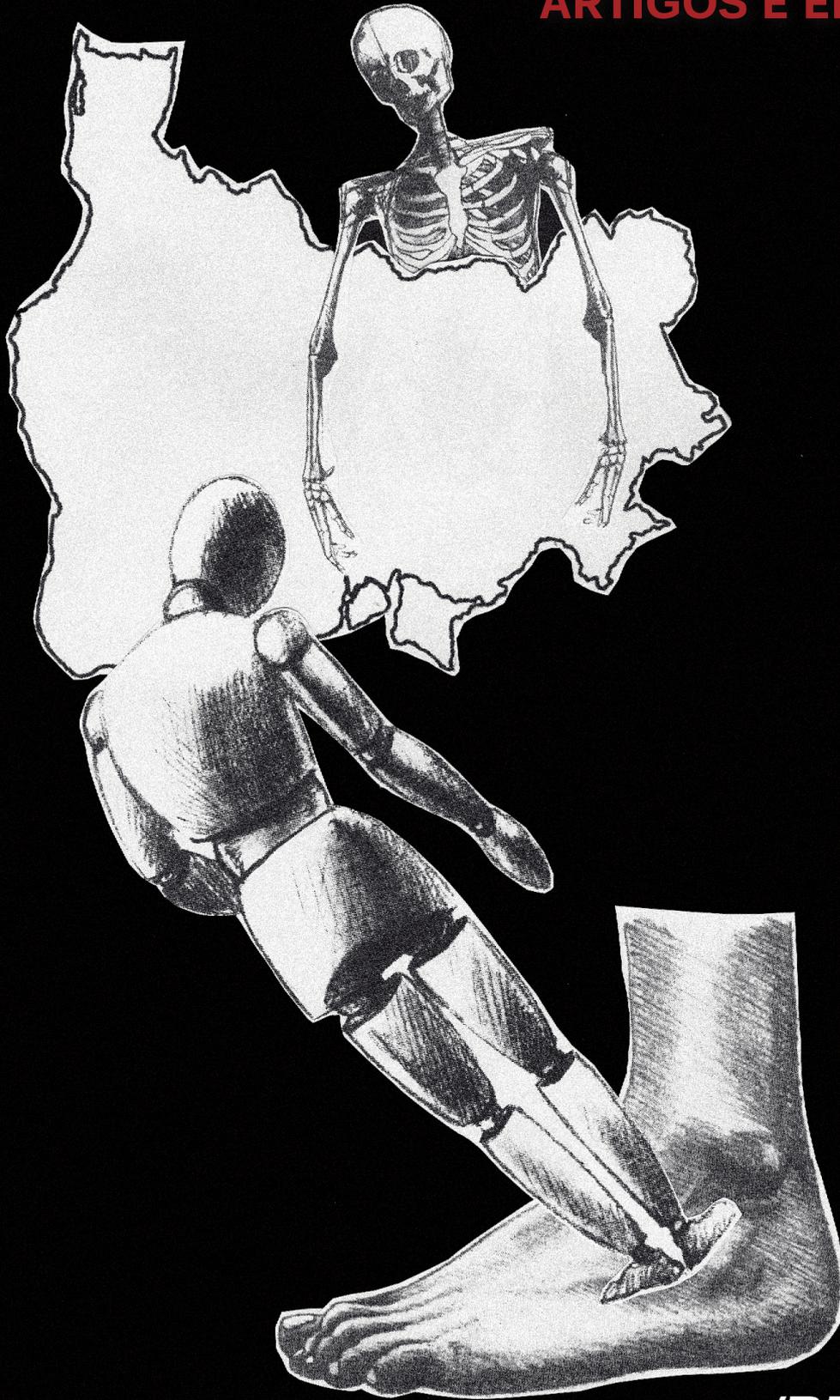
Universidade de Brasília

EDITORA



UnB

ARTIGOS E ENSAIOS



Pesquisa Social UnB: saúde e condições de trabalho remoto em meio à pandemia da Covid-19

A pandemia da Covid-19 alterou o comportamento e a rotina de pessoas e de instituições. Escolas e universidades adaptaram suas formas de interação, e a lógica de trabalho mudou substancialmente, com implicações para a saúde mental e física. Nesse cenário, a Universidade de Brasília (UnB) realizou uma pesquisa para saber as condições para a retomada do calendário acadêmico”, primeira de seu gênero na história da UnB, cujos resultados observam ainda a enorme complexidade dos desafios ainda a enfrentar em situações como essa.

Lucio Rennó
Michelle Fernandez
Ana Maria Nogales
Janaina Penalva
Ronaldo Pillati
Jhames Sampaio

Lucio Rennó é professor associado/Diretor do Instituto de Ciência Política da UnB.

Michelle Fernandez é professora no Instituto de Ciência Política da UnB.

Ana Maria Nogales é professora na Faculdade de Estatística da UnB.

Janaina Penalva é professora na Faculdade de Direito da UnB.

Ronaldo Pillati é professor no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da UnB.

Jhames Sampaio é professor no Departamento de Estatística da UnB.

O ano de 2020 é único na história da humanidade. O surto da Covid-19 é a primeira grande pandemia global em um mundo pós-internet. Seus efeitos têm sido sentidos em todas as partes, mas é especialmente devastador no Brasil. Além da perda de vidas, com custos inestimáveis, há efeitos econômicos claros decorrentes das medidas de enfrentamento à pandemia, centradas no distanciamento social. O fechamento do comércio, a interrupção das atividades presenciais, as restrições à circulação impactam o dia a dia de todos, alterando padrões de comportamento social e de atuação profissional.

Não é diferente nas universidades. Em todo o mundo, as comunidades acadêmicas tiveram que rever suas rotinas e adaptar suas formas de atuação, reduzindo as práticas presenciais e ampliando os espaços de interação a distância, fortemente baseado em novas ferramentas de interação social remota e *on-line*, dependentes da internet. Em uma pandemia global com internet, a lógica do trabalho muda.

As implicações para a saúde mental e física de todos e para a qualidade do próprio trabalho são evidentes. As condições de concentração e execução das atividades profissionais nos domicílios, com espaços físicos restritos, equipamentos compartilhados e convivência intermitente com as mesmas pessoas, além da ameaça de exposição ao próprio vírus, mudaram nossas vidas e nosso bem-estar.

“Na medida em que as universidades públicas brasileiras se tornaram mais inclusivas, passam a espelhar melhor a nossa sociedade, aumentando a complexidade da gestão.”

Universidade e inclusão

Nas universidades brasileiras, esses desafios são potencializados por nossa condição social e econômica de profundas desigualdades. Na medida em que as universidades públicas brasileiras se tornaram mais inclusivas, passam a espelhar melhor a nossa sociedade, aumentando a complexidade da gestão. O maior desafio, em face ao enfrentamento da pandemia, é dar sequência às atividades de pesquisa, extensão e ensino, sem colocar em risco a saúde das pessoas e sem aprofundar desigualdades.

A UnB tem tomado inúmeras medidas para proteger a comunidade e dar sequência à sua contribuição para a formação de quadros, desenvolvimento de pesquisas e de ações de extensão. Dentre elas, foi realizada a “Pesquisa Social UnB: condições para a retomada do calendário acadêmico”. A pesquisa, primeira de seu gênero na história da UnB, coletou dados com base na aplicação de questionários predominantemente no modelo *on-line*, mas também por telefone, com os três setores da comunidade universitária: técnicos, docentes e discentes. O trabalho de campo foi implementado nas primeiras semanas de junho, e a pesquisa, na sua totalidade, levou aproximadamente seis semanas, incluindo todas as fases da coleta – desenho de questionário, trabalho de campo, limpeza e análise das bases. Foram coletados mais de 25 mil questionários, tratando de temas como saúde, condições de trabalho no domicílio, disponibilidade de equipamentos de informática, acesso à internet e familiaridade com ferramentas digitais de ensino e pesquisa.

É importante ter clareza que a Pesquisa Social UnB cumpre um papel adicional ao de auxiliar no planejamento de curto prazo. Por ser uma base de dados única, ela passa a ser instrumento fundamental para o apoio continuado à gestão da UnB e uma fonte preciosa de dados para pesquisas sobre ensino superior no Brasil. Dessa forma, os dados, relatórios e informes estão disponíveis publicamente no repositório da UnB¹.

Neste artigo, exploramos dois aspectos do estudo, fundamentais para entendermos os aspectos humanos dessa crise: como a saúde de nossa comunidade é afetada pela pandemia e quais são as condições no domicílio para o trabalho e estudo remoto. Ambos são essenciais para o entendimento do bem-estar daqueles que dão vida à universidade, sua comunidade discente, docente e de técnicos. Queremos mostrar como nossa vida diária foi afetada pela pandemia: como está nossa saúde e como estamos nos adaptando ao trabalho remoto imposto pelo distanciamento social.

Por um lado, vamos aqui pensar na exposição ao vírus. Por outro, iremos analisar as características dos domicílios, no que tange as condições de estudo e trabalho, as interrupções ao desempenho e a divisão das atribuições domésticas no domicílio. Esses dois elementos serão moderados pelo efeito de variáveis importantes para o entendimento sobre como desigualdades sociais e econômicas se infiltram e se acumulam em nosso cotidiano, com ênfase em renda e gênero. Inúmeros outros recortes são possíveis, ficando o convite para que os dados, disponíveis publicamente, sejam acolhidos pela comunidade científica e amplamente utilizados.

¹ Disponível em: <http://repositoriocovid19.unb.br/pesquisa-social/>. Não iremos aqui discutir detalhes técnicos da pesquisa referentes a taxas de respostas, como lidamos com possíveis distorções da amostra de estudantes de graduação e análise de outros temas da pesquisa como acesso a equipamentos de informática, à internet e frequência de uso de ferramentas digitais. Para essas discussões, remontamos à Nota Técnica (2020) que acompanha a pesquisa, disponível no site do repositório.

Saúde e condições domiciliares em período de atuação remota

Um aspecto central para mapear a situação de uma dada sociedade em um contexto de pandemia é entender a abrangência do contágio (OLIVEIRA *et al.*, 2020). Nesse contexto, como a comunidade da UnB tem sido afetada pela pandemia? Há padrões nesses processos de contaminação? Há perfis mais vulneráveis para o contágio?

A Tabela 1 apresenta os resultados das respostas de nossos três segmentos com maior participação na pesquisa – docentes, técnicos e discentes – sobre a exposição ao coronavírus². Para tratar desse tema, perguntamos se o entrevistado ou alguém que mora em sua residência atual foi testado para Covid-19, se algum dos testes deu resultado reagente, se o membro da comunidade acadêmica cuida ou cuidou de alguém diagnosticado com Covid-19 e se apresenta sintomas.

Os índices de testagem para os três setores da UnB são semelhantes aos indicados pela Secretaria de Saúde do Governo do Distrito Federal (GDF) para a população do Distrito Federal, que noticiou a testagem de 10% da população³. Fica evidente que discentes e técnicos apresentam resultados mais próximos entre si, principalmente na exposição ao vírus, com um grau mais elevado de contágio do que professores e professoras e com maior incidência de sintomas. Na verdade, os índices de contaminação declarada são muito elevados para discentes e técnicos, dentre os que realizaram algum teste para Covid-19. Em relação à população total de cada segmento, e não só em referência aos que foram testados, as porcentagens se assemelham à da população do DF, conforme dados da Codeplan (2020). Assim, não parece haver nada de específico na comunidade acadêmica que a diferencie da população em geral, mas o corpo discente é certamente mais sensível do que os outros segmentos da universidade, de perto seguido pelos técnicos na contaminação pela Covid-19.

Tabela 1: Testagem e exposição para Covid-19 na Comunidade Acadêmica (%)

VARIÁVEL/SEGMENTO	DISCENTES GRADUAÇÃO	TÉCNICOS	DOCENTES
Realizaram teste	13	10	11
Resultado reagente dentre os testados	21	19	11
Resultado reagente em relação à população	2	2	1
Cuida de alguém com Covid-19	2	4	2
Sentiu sintomas da Covid-19	14	14	7
TAMANHO DA AMOSTRA	20451	1315	2010

Fonte: Pesquisa Social UnB (2020).

Análise dos perfis

Qual o perfil daqueles que indicaram terem recebido resultados reagentes para Covid-19? Vamos analisar essas questões para a amostra de discentes – a que apresenta incidência e maior heterogeneidade de perfis.

De fato, dentre as variáveis avaliadas (cor da pele, gênero, deficiência e renda), a renda da família é o fator que mais claramente define não só quem é

² A taxa de resposta para discentes de pós-graduação foi muito abaixo de padrões internacionalmente aceitos e não será trabalhada aqui.

³ Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2020/06/18/df-ja-testou-10-da-populacao-para-covid-19/>.

“ Se as famílias de renda mais baixa apresentam taxas mais altas de contágio, e são menos testadas, é muito provável que em um cenário de amplo acesso ao diagnóstico o número comprovado de pessoas infectadas na comunidade discente seria ainda maior.”

exposto ao vírus, mas também quem é testado. Quarenta e cinco por cento dos estudantes com renda familiar até um salário mínimo apresentaram resultado positivo para Covid-19 quando foram testados. Esse número cai para 30% nas famílias com renda até dois salários mínimos e 23% entre dois e cinco, chegando ao nível mais baixo de 11% nas famílias com renda alta.

Por sua vez, a relação é inversa quando se trata de testagem: as famílias com renda mais alta testam com mais frequência do que as de renda mais baixa. Apenas 6% com renda até um salário mínimo, 8% até dois e 11% entre dois e cinco foram testadas; frente a 22% em famílias com renda superior a vinte salários e 26% com rendimentos acima de trinta salários mínimos.

Portanto, fica evidente que a renda familiar é um elemento definidor do acesso ao diagnóstico para Covid-19 e para o contágio. Há um efeito perverso, com uma possível subnotificação do contágio pelo vírus na comunidade universitária com baixa renda. Se as famílias de renda mais baixa apresentam taxas mais altas de contágio, e são menos testadas, é muito provável que em um cenário de amplo acesso ao diagnóstico o número comprovado de pessoas infectadas na comunidade discente seria ainda maior. Esse parece ser um problema que afeta toda a sociedade brasileira. Repare também que 61% das pessoas que apresentaram sintomas da Covid-19 no período da coleta de dados da “Pesquisa Social” têm renda familiar de até cinco salários mínimos, reforçando a ideia de que esse grupo de renda possivelmente apresenta níveis altos de subnotificação.

Condições de trabalho e de estudo

Além da própria situação da exposição à pandemia, outro elemento importante da crise é entender as condições de vida em distanciamento social, que nos levam a ficar mais tempo no ambiente da residência, junto aos demais habitantes em espaços restritos, para a maioria de nós. Tal situação potencialmente afeta o bem-estar de todos, ampliado pelo acúmulo de responsabilidades referentes aos trabalhos domésticos, de cuidado de pessoas e às novas atividades profissionais realizadas dentro dos lares. Assim, para entendermos melhor como é a vida da comunidade acadêmica em tempos de pandemia, exploramos as condições de trabalho e estudo nos domicílios.

Uma vez que as atividades presenciais estão restritas ou vedadas, a expansão do trabalho remoto ganhou centralidade na atuação dos diferentes segmentos da Universidade. É razoável supor que em um ambiente de preocupação com o adoecimento, de contágio de uma porcentagem razoável da população de estudantes de graduação, principalmente daqueles com renda mais baixa, as condições de trabalho nos domicílios sejam subótimas.

A Tabela 2 retrata a avaliação dos três segmentos da Universidade acerca de suas condições de trabalho no domicílio. Perguntamos se a pessoa tem interrupções na execução de seu trabalho/estudo na residência, o tipo de intervenção, percepções sobre distribuições das tarefas domésticas e como avalia suas condições de trabalho.

A seguir, segundo as declarações dos três segmentos, o de técnicos é o que registra as condições de trabalho com menos interferência ou interrupções nas atividades e tem as melhores avaliações das condições de trabalho no domicílio. Contudo, são os que mais apresentam interrupções por atividades domésticas e cuidado de outras pessoas.

Tabela 2: Condições de trabalho no domicílio (%)

VARIÁVEL/SEGMENTO	DISCENTES GRADUAÇÃO	TÉCNICOS	DOCENTES
Interferência nos estudos/trabalho	40	33	48
Cuidado de outras pessoas	14	58	33
Lugar inadequado	48	41	25
Atividades Domésticas	38	72	41
Faço mais que outras pessoas	20	26	31
Condições ótimas/boas	56	75	69
Condições ótimas/boas	20451	1315	2010

Fonte: Pesquisa Social UnB (2020).

Já os discentes são os que pior avaliam suas condições de trabalho, sendo as características do local de estudo – consideradas inadequadas – o principal motivo. Cuidado de outras pessoas e atividades domésticas são bem menos comuns para esse grupo – algo esperado, dado que na maioria ainda não assumiu a responsabilidade por seus domicílios e moram com os pais (82%).

Os docentes, por sua vez, são os que mais relatam interrupções no trabalho e estudo, 48%, e mais sentem que são pessoalmente sobrecarregados com atividades na divisão de trabalho no domicílio. A principal interrupção para esse grupo são as responsabilidades domésticas. Mas a grande maioria ainda avalia positivamente suas condições de trabalho na residência (69%).

Perfis socioeconômicos e demográficos

E como esses fatores são matizados por características do perfil socioeconômico e demográfico em cada segmento? Enfocaremos dois fatores para analisar as desagregações: a avaliação das condições de trabalho no domicílio e a percepção de sobrecarga na divisão dos trabalhos domésticos. Entre discentes, quanto maior a renda, menor a percepção de que o membro da comunidade acadêmica “faz mais do que as outras pessoas” da residência nas tarefas domésticas: o indicador usado para percepção sobre sobrecarga de atividades. Trinta por cento dos discentes de renda abaixo de um salário mínimo, 28% dentre os com renda até dois salários e 25% até cinco, se sentem dessa forma. Esses valores caem para 9% nas famílias com renda superior a 10 salários mínimos, 2% para rendas acima de 20 e 1% com renda superior a 30 salários.

A renda é também decisiva para a melhora da avaliação das condições de trabalho na residência. Se para quem recebe até um salário mínimo de renda familiar, 34% dizem ter condições boas e ótimas, esse valor chega a 87% para quem tem renda superior a 30 salários. A relação é claramente linear: à medida que a renda sobe, a avaliação da qualidade das condições de trabalho remoto melhora. Até dois salários mínimos, a avaliação positiva é 40%; até cinco salários, passa a 52%; entre cinco e 10 salários, chega a 66%, depois 77%, acima de 10 e 81%, acima de 20 salários.

Há também um padrão claro da divisão de gênero do trabalho doméstico. Entre as discentes, 27% declaram dizer que fazem mais, enquanto esse número é de 11% para homens. Colocado de outra forma, dentre os discentes que declaram se sentirem sobrecarregados (fazem mais que os outros), 75% se identificam como do gênero feminino e apenas 24%, do masculino. A renda já não é tão relevante

“Segundo as declarações dos três segmentos, o de técnicos é o que registra as condições de trabalho com menos interferência ou interrupções nas atividades e tem as melhores avaliações das condições de trabalho no domicílio. Contudo, são os que mais apresentam interrupções por atividades domésticas e cuidado de outras pessoas.”

nesse caso: a distribuição desigual do trabalho doméstico entre homens e mulheres perpassa grupos de renda, sendo um pouco menor nos grupos de renda maior.

Para os docentes, o padrão de divisão do trabalho por gênero é ainda mais acentuado, com 49% das mulheres declarando que fazem mais que outros no domicílio referente às tarefas domésticas; apenas 12% dos homens se sentem assim. Dentre as pessoas que afirmam “fazer mais que outros”, 77% são do gênero feminino, entre professores e professoras. Como a renda, cor da pele e local de moradia desse grupo é muito homogênea, gênero é preponderante nas percepções sobre a divisão de responsabilidades nas atividades domésticas.

Para técnicos os padrões são semelhantes: mulheres afirmam com mais frequência (40%) do que homens (10%) que assumem mais tarefas domésticas. Elas compõem 83% daqueles que afirmam fazerem mais dentro do domicílio. Não há, novamente, um efeito claro de renda e outras variáveis socioeconômicas.

Questões práticas e desafios

Este artigo, com base em dados únicos coletados junto à comunidade acadêmica da UnB em junho de 2020, constatou a significativa exposição ao coronavírus e a dramática mudança nos hábitos de trabalho e convívio dentro da residência. Ademais, constatou como padrões de desigualdade social baseados em renda, no que tange a exposição ao vírus, e de gênero, no que afeta a situação atual de trabalho remoto e distanciamento social afetam os membros da UnB.

Esses resultados demonstram a riqueza de informações e análise possíveis a partir da “Pesquisa Social UnB”, e os enormes desafios impostos pela pandemia da Covid-19. Para além de questões práticas, como acesso à internet, familiaridade com plataformas de ensino superior e disponibilidade de equipamentos, que podem ser remediadas com políticas específicas de assistência aos membros da comunidade, há dimensões bem mais intangíveis do efeito da pandemia. Essas questões estão fora do controle da UnB. Na verdade, ao restringir as atividades presenciais, única forma direta de controle do contágio na Universidade, reduzimos a propagação da pandemia, mas aumentamos o distanciamento social e suas implicações para a vida diária confinada ao domicílio, agora com mais atribuições de trabalho e estudo remoto. Esse quadro complexo foi aqui retratado, expondo uma realidade que só pode ser conhecida mediante a coleta de dados por meio de pesquisas sociais.

Referências

BOLETIM CODEPLAN-Covid-19, n. 11, 30 de junho de 2020. Disponível em: http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/Boletim_Codeplan_n11.pdf.

OLIVEIRA, Wanderson Kleber de et al. Como o Brasil pode deter a Covid-19. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 1-8, 2020.

PESQUISA Social UnB: condições para retomada do calendário acadêmico. Subcomitê de Pesquisa Social do Comitê de Coordenação de Acompanhamento das Ações de Recuperação. Nota Técnica, Brasília, julho de 2020. Disponível em: http://repositoriocovid19.unb.br/wp-content/uploads/2020/07/Nota_tecnica_Pesquisa_Social_UnB.pdf.

Uma pandemia neoliberal

A pandemia da Covid-19 atingiu o mundo no final de uma década de baixo desempenho econômico e 'austeridade fiscal' após a Grande Crise Financeira e no meio de uma crise de democracias neoliberais em todo o mundo. A pandemia intensificou essas limitações do neoliberalismo, revelou as deficiências das economias e governos neoliberais e apontou para a intensificação dessas debilidades. Apesar dessas tendências adversas, a pandemia também abriu espaços para a atividade política de esquerda.

Alfredo Saad Filho é professor de Economia Política e Desenvolvimento Internacional na *University of London*

Alfredo Saad Filho

Nos encontramos em um mundo transformado em algum momento entre os meses de fevereiro e abril de 2020. Ruas assustadoramente vazias, lojas fechadas, um céu azul incomum e a escalada do número de mortes: algo sem precedentes estava se revelando diante de nossos olhos.

As notícias sobre a economia foram especialmente alarmantes: a pandemia da Covid-19 desencadeou a maior e mais profunda contração econômica na história do capitalismo¹. Parafrazeando *O Manifesto Comunista*, tudo o que era sólido se desmanchou no ar: a 'globalização' retrocedeu; longas cadeias de suprimentos, que antes eram a única maneira 'racional' de organizar a produção, entraram em colapso e fronteiras rígidas foram restituídas; o comércio diminuiu drasticamente e as viagens internacionais foram severamente restringidas.

Em questão de dias, dezenas de milhões de trabalhadores ficaram desempregados e milhões de empresas perderam funcionários, clientes, fornecedores e linhas de crédito². Diversas economias esperam contrações do Produto Interno Bruto (PIB) este ano na casa dos dois dígitos, e uma longa fila de setores rapidamente se formou para implorar a seus governos por resgates financeiros. Somente no Reino Unido, bancos, ferrovias, companhias aéreas, aeroportos, o setor de turismo, instituições de caridade, o setor de entretenimento e universidades estiveram à beira da falência, sem falar dos trabalhadores demitidos e dos (designados) autônomos, que perderam tudo por causa do choque econômico³.

¹ N. Roubini, 'Coronavirus Pandemic Has Delivered the Fastest, Deepest Economic Shock in History', *The Guardian*, <https://www.theguardian.com/business/2020/mar/25/coronavirus-pandemic-has-delivered-the-fastest-deepest-economic-shock-in-history>.

² Para uma revisão de como a pandemia rastreou os circuitos globais do capital, ver K. Moody 'How "Just in Time" Capitalism Spread Covid-19', <https://spectrejournal.com/how-just-in-time-capitalism-spread-covid-19/>

³ Para uma visão geral, ver A. Tooze, 'Shockwave', <https://www.lrb.co.uk/the-paper/v42/n08/adam-tooze/shockwave>

Texto traduzido por: Myllena Ribeiro Lacerda e Patrícia Rodrigues Costa

Agradecimentos: agradeço os comentários generosos de Alice Kinghorn-Gray, Aneesa Peer, Aylin Topal, Ben Fine, Ben Wiedel-Kaufman, David Fasenfest, David Laibman, Lucas Bertholdi-Saad, Maria Nikolakaki, Xiaoyu Mei e Navtej Purewal. Aplicam-se os avisos de costume. Este artigo foi baseado no texto "Coronavirus, Crisis, and the End of Neoliberalism" (Coronavírus, Crise e o fim do neoliberalismo), <https://www.ppesydney.net/coronavirus-crisis-and-the-end-of-neoliberalism/>

“O setor privado e a mídia imploram pelos gastos do governo, e os pregadores do ‘livre mercado’ correm para as telas de TV para suplicar por gastos públicos ilimitados”

A matemática dos neoliberais

As implicações políticas ainda são incertas. Ideologicamente, os discursos neoliberais sobre o imperativo da ‘austeridade fiscal’ e as limitações das políticas públicas desapareceram imediatamente. Adeptos da escola austríaca e neoliberais de todos os matizes se voltaram às pressas para um keynesianismo malconcebido, como costumam fazer quando as economias entram em colapso: na hora da necessidade, o primeiro a agarrar as tetas do Tesouro britânico ganha o grande prêmio, e a intervenção estatal é questionada apenas pelo que ainda não fez. O setor privado e a mídia imploram pelos gastos do governo, e os pregadores do ‘livre mercado’ correm para as telas de TV para suplicar por gastos públicos ilimitados, a fim de salvar a iniciativa privada. Sem dúvida, eles voltarão ao normal quando as circunstâncias mudarem e as memórias esvanecerem. Nessa altura, o Estado se tornará ‘ruim’ novamente e os serviços públicos estarão prontos para outra rodada de cortes. Enquanto isso, o neoliberalismo se vê desprovido de ideólogos, enquanto grupos enfurecidos do movimento antivacina, terraplanistas e fanáticos religiosos se reduziram à negação da própria pandemia, às vezes com grande risco pessoal⁴, vendendo curas milagrosas fundamentadas em remédios não comprovados, ou orando e jejuando junto ao presidente do Brasil, Jair Bolsonaro⁵.

Lamentavelmente, a epidemia em si não era inesperada. Por décadas, estrategistas civis e militares têm considerado uma ampla variedade de cenários, especialmente desde as experiências com o HIV na década de 1980, a SARS em 2003 e, mais recentemente, o Ebola e outras ‘novas’ doenças⁶. A probabilidade de um vírus semelhante ao da gripe aparecer nos mercados de animais do sul da China era bem conhecida⁷. Observa-se que as crises de saúde pública e da economia não foram causadas por falhas no planejamento; em vez disso, refletiam escolhas políticas, o desmantelamento das capacidades do Estado, estorpecedoras falhas de implementação e uma chocante subestimação da ameaça – pelas quais, certamente, reputações devem ser arruinadas e cabeças devem rolar, como ponto de partida para um acerto de contas sistêmico⁸.

Durante várias semanas, no começo de 2020, a China ganhou tempo para que o mundo se preparasse para a epidemia e ofereceu um exemplo de como

⁴ Para uma amostra, ver ‘Israel Health Minister under Fire over Ultra-Orthodox Covid-19 Crisis’, <https://www.france24.com/en/20200408-israel-health-minister-under-fire-over-ultra-orthodox-covid-19-crisis>; ‘Coronavirus: Pastor Who Decried “Hysteria” Dies after Attending Mardi Gras’, <https://www.bbc.co.uk/news/world-us-canada-52157824>; ‘Bishop Who Said “God is Larger Than This Dreaded Virus” Dies of Covid-19’, <https://edition.cnn.com/2020/04/14/us/bishop-gerald-glenn-god-larger-coronavirus-dies/index.html>, e ‘Prefeito Bolsonaroista, Para Quem a Cura da Covid-19 Viria de Igrejas, é Internado em Hospital de Luxo com a Doença’, <https://www.brasil247.com/regionais/sudeste/prefeito-bolsonarista-para-quem-a-cura-da-covid-19-iria-de-igrejas-e-internado-em-hospital-de-luxo-com-a-doenca>.

⁵ T. Phillips e D. Phillips, ‘Bolsonaro Dragging Brazil towards Coronavirus Calamity, Experts Fear’, <https://www.theguardian.com/world/2020/apr/12/bolsonaro-dragging-brazil-towards-coronavirus-calamity-experts-fear>. O ator e diretor argentino Ricardo Darín afirmou de modo sucinto: “é muito difícil lutar contra a pandemia de imbecis”, <https://www.contioutra.com/ricardo-darin-em-entrevista-disse-e-muito-dificil-lutar-contr-a-pandemia-de-imbecis/>.

⁶ Ver, por exemplo, T.J. Coles ‘Freedom from Fear: John Pilger discute propaganda do coronavírus, imperialismo e direitos humanos’, <https://www.counterpunch.org/2020/04/10/freedom-from-fear-john-pilger-discusses-coronavirus-propaganda-imperialism-and-human-rights/>.

⁷ Ver, por exemplo, Ming Wang et al ‘Food Markets with Live Birds as Source of Avian Influenza’, *Emerging Infectious Diseases* 12 (11), 2006, p. 1773-1775, <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3372357/>. De um modo mais geral, “a China foi o epicentro... Em nenhum outro país houve uma convergência tão vertiginosa de urbanização, integração nas cadeias globais de valor, e adoção de novas normas alimentares” (C. Katz, ‘Un Detonador de la Crisis Potenciado por el Lucro’, <https://vientosur.info/spip.php?article15727>).

⁸ Para uma descrição detalhada, ver S. Grey e A. MacAskill, ‘Johnson Listened to His Scientists about Coronavirus – But They Were Slow to Sound the Alarm’, <https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-britain-path-speci-idUSKBN21P1VF>



Colagem: Regina Pouchain

/RP

“ Percebeu-se rapidamente que o neoliberalismo havia esvaziado, fragmentado e privatizado parcialmente os sistemas de saúde em vários países, ao mesmo tempo em que criava uma classe trabalhadora carente e empobrecida, altamente vulnerável tanto à suspensão em seus rendimentos quanto às ameaças à saúde devido à falta de economias, à moradia precária, à nutrição inadequada e aos padrões de trabalho incompatíveis com uma vida saudável.”

enfrentá-la. Outros governos do Leste Asiático, especialmente Cingapura, Coréia do Sul, Taiwan e Vietnã, apresentaram alternativas políticas (mais ou menos invasivas) e tiveram muito sucesso. Enquanto isso, o Ocidente meteu os pés pelas mãos: diante de um problema que não poderia ser resolvido com propinas, ou sanções, bloqueios ou bombardeios a uma terra distante, os governos dos países mais ricos do mundo não souberam o que fazer. Como esperado, os governos do Reino Unido e dos EUA se saíram especialmente mal, enquanto a União Europeia, mais uma vez, decepcionou em um momento de necessidade⁹.

Embora a magnitude da implosão de diversas economias – centrada nos países ocidentais desenvolvidos – tenha sido sem precedentes e tenha consequências a longo prazo para o funcionamento do capitalismo, a Covid-19 não atingiu uma economia global próspera. No início de 2020, o mundo já estava imerso em uma “grande estagnação” que se seguiu à Crise Financeira Global de 2007; mesmo a economia ocidental com melhor desempenho, os EUA, estava visivelmente desacelerando. Isso não é para minimizar a magnitude do furacão, já que qualquer economia teria ficado sobrecarregada; no entanto, ao atingir países frágeis, a Covid-19 imediatamente expôs suas vulnerabilidades.

A rentabilidade em primeiro lugar

O baque causado pela pandemia, após quatro décadas de neoliberalismo, havia esgotado as capacidades estatais em nome da “eficiência superior” do mercado, fomentado a desindustrialização por meio da “globalização” da produção e construído estruturas financeiras frágeis protegidas por ilusões e pelo Estado, tudo em o nome da rentabilidade a curto prazo. A desintegração da economia global evidenciou as economias neoliberais mais intransigentes, sobretudo o Reino Unido e os EUA, como sendo incapazes de produzir máscaras faciais e equipamentos de proteção individual suficientes para suas equipes da área da saúde, sem falar dos ventiladores para manter sua população hospitalizada viva.

Ao mesmo tempo, a prestação de serviços sofreu transformações sem precedentes imediatamente, com o trabalho *on-line* se tornando a norma em inúmeras áreas em questão de dias, em vez dos anos que essa transição normalmente levaria. Enfim, o culto neoliberal ao consumo se dissolveu em disputas torpes por desinfetante para as mãos, macarrão e sardinha, e trocas de socos por papel higiênico.

Percebeu-se rapidamente que o neoliberalismo havia esvaziado, fragmentado e privatizado parcialmente os sistemas de saúde em vários países, ao mesmo tempo em que criava uma classe trabalhadora carente e empobrecida, altamente vulnerável tanto à suspensão em seus rendimentos quanto às ameaças à saúde devido à falta de economias, à moradia precária, à nutrição inadequada e aos padrões de trabalho incompatíveis com uma vida saudável. Enquanto isso, a destruição da esquerda social-democrata deixou a classe trabalhadora politicamente desprotegida. Esses processos culminaram em confusões despropositadas para a produção chinesa (conduzida pelo Estado), na qual os EUA frequentemente se comportavam como

⁹ Para a opção Eurobond, ainda não adotada, ver G. Stahl ‘The Reconstruction of the Europeans Economy after the Corona Pandemic’, <https://progressivepost.eu/spotlights/the-reconstruction-of-the-europeans-economy-after-the-corona-pandemic> e P.-O. Gourinchas, *Flattening the Pandemic and Recession Curves*, <https://econfp.org/policy-brief/flattening-the-pandemic-and-recession-curves/>

valentões bêbados, roubando as máscaras e os ventiladores que não poderiam produzir nem comprar, além de insultar os países mais fracos¹⁰.

A incursão humana na natureza pode ter causado o problema¹¹, mas não há dúvida de que a destruição da coletividade sob o neoliberalismo exacerbou o impacto da pandemia. Emblematicamente, o neoliberalismo tem desvalorizado a vida humana de tal modo que um tempo valioso foi desperdiçado em vários países – sobretudo aqueles com administrações neoliberais de direita mais intransigentes: EUA, Reino Unido e Brasil – com tentativas governamentais de impor uma estratégia de ‘imunidade de rebanho’ que inevitavelmente eliminaria os idosos, os fracos e aqueles com saúde debilitada (o que era visto de forma positiva, pois aliviaria seu ‘ônus’ sobre o orçamento fiscal)¹², em detrimento da imposição de um bloqueio total* que, embora provasse reduzir a perda de vidas, prejudicaria os lucros e (que choque, que horror!) mostraria também que os Estados podem desempenhar um papel construtivo na vida social. Enfim, a pressão das massas e as evidências de sucesso na China e em outros lugares forçaram até mesmo os governos mais relutantes a impor bloqueios, mas às vezes apenas parcial e hesitantemente, sendo que tais decisões sempre corriam o risco de serem prejudicadas por mensagens contraditórias e uma implementação incompetente. Nesses países, a testagem também tendia a ser restrita e as equipes dos serviços de saúde tiveram que lidar frequentemente com cargas de trabalho insustentáveis, sem proteção adequada. Essa abordagem da pandemia resultou em milhares de mortes injustificáveis¹³.

No Reino Unido, a administração caótica liderada pelo questionável Boris Johnson se viu diante de dois males: por um lado, estimativas crescentes de mortes e, por outro, estimativas cada vez piores da potencial queda do PIB. Pressionado desde o início pelo Partido Conservador e por alguns dos apoiadores de negócios mais eloquentes do Brexit¹⁴, o governo do Reino Unido

¹⁰ Ver, por exemplo, B. Wright, ‘U.S. Accused of Stealing Ventilators from Barbados as Coronavirus Spreads in the Caribbean’, <https://newsone.com/3924158/barbados-accuses-us-ventilators-seized/>; V. Doğanekin, ‘US “Steals” Medical Supplies Amid Pandemic’, <https://www.aa.com.tr/en/americas/us-steals-medical-supplies-amid-pandemic-expert/1800001> e L. Jeffery, ‘German, French Officials Accuse U.S. of Diverting Supplies’, <https://www.npr.org/2020/04/04/827321294/german-french-officials-accuse-u-s-of-diverting-supplies?t=1586817225869>

¹¹ Ver, por exemplo, B. Zahoor, ‘Health: Why New Viruses Continue to Spread’, <https://www.dawn.com/news/1546447> e J. Vidal, ‘Human Impact on Wildlife to Blame for Spread of Viruses, Says Study’, <https://www.theguardian.com/environment/2020/apr/08/human-impact-on-wildlife-to-blame-for-spread-of-viruses-says-study-aoe>

¹² Ver I. Frey, ‘“Herd Immunity” is Epidemiological Neoliberalism’, <https://thequarantimes.wordpress.com/2020/03/19/herd-immunity-is-epidemiological-neoliberalism/?fbclid=IwAR1S6GyMrklntU7c54CEEMceZOI92Ipf0rlWPCbY2nCKIEu3MCcARoGbOgThe>. Do mesmo modo, ‘De acordo com relatos da imprensa no fim de semana, [o conselheiro especial do Primeiro Ministro Boris Johnson, Dominic] Cummings inicialmente interrompeu a ação do governo, argumentando sobre a praga que se aproximava: “se isso significar a morte de alguns pensionistas, que pena”. Essa abordagem explica o prolongamento da situação por tantos dias. https://www.jonathan-cook.net/blog/2020-03-24/coronavirus-terrified-us?fbclid=IwAR2yJJI162tZB0wBvqZYBgcGdr73a0ZiBudd_PNLtkCTAf7xvpT7BY8dJHA. Ver também D. Conn e P. Lewis, Documents Contradict UK Government Stance on Covid-19 “Herd Immunity”, <https://www.theguardian.com/world/2020/apr/12/documents-contradict-uk-government-stance-on-covid-19-herd-immunity>. Para o caso igualmente escandaloso dos EUA, ver E. Lipton et al ‘He Could Have Seen What Was Coming: Behind Trump’s Failure on the Virus’, <https://www.nytimes.com/2020/04/11/us/politics/coronavirus-trump-response.html#click=https://t.co/njlugzJ3bq>

¹³ O exemplo de Bergamo, na Itália, é especialmente dramático, pois revela o preço de proteger os lucros às custas das pessoas; ver A. Sidera, ‘Bérgamo, la Masacre que la Patronal No Quiso Evitar’, <https://ctxt.es/es/20200401/Politica/31884/Alba-Sidera-Italia-coronavirus-lombardia-patronal-economia-muertes.htm>

¹⁴ Para um exemplo particularmente ofensivo, veja F. Greig, ‘Wetherspoons Founder Tim Martin Has Told Staff Who Might Not Be Paid During Lockdown to “Go Work at Tesco”’, <https://www.yorkshireeveningpost.co.uk/read-this/wetherspoons-founder-tim-martin-has-told-staff-who-might-not-be-paid-during-lockdown-go-work-tesco-2516460>

* (N. das. T) O termo *lockdown* difere-se de isolamento e de quarentena. Para maiores informações, verificar: <https://covid19br.org/glossario/>

usou seus ‘peritos médicos’ para justificar a proteção dos lucros e a ideia de um ‘pequeno Estado’ em nome da ciência. Diante de uma opinião pública cada vez mais irritada, o governo alterou o posicionamento drasticamente em meados de março, mas, então, já era tarde demais. Em virtude da escolha inicial do governo em postergar a adoção de medidas, de sua falta de preparação e de uma inaptidão impressionante, o Reino Unido acabaria inevitavelmente no pior dos dois mundos: incontáveis mortos (literalmente incontáveis, dado ao esforço deliberado em subnotificar a perda de vidas)¹⁵, e perdas econômicas em centenas de bilhões de libras¹⁶.

Implicações sociais da pandemia

As implicações sociais da pandemia surgiram rapidamente, por exemplo, por meio da capacidade diferencial dos grupos sociais de se protegerem. Em síntese, os muito ricos se mudaram para seus iates, os ricos fugiram para suas residências secundárias, a classe média lutou para trabalhar em casa na companhia de crianças muito empolgadas, e os pobres, em geral com uma saúde pior do que os privilegiados, perderam completamente seus ganhos ou tiveram que arriscar suas vidas diariamente para realizar os já muito elogiados (é claro) ‘trabalhos essenciais’ mal remunerados como motoristas de ônibus, profissionais de saúde, enfermeiros, porteiros, lojistas, construtores, agentes de saneamento, entregadores e assim por diante; enquanto isso, as famílias deles permaneciam trancadas em residências apertadas. Não é de se espantar que pessoas pobres e de minorias étnicas estejam dramaticamente super-representadas nas estatísticas de óbitos¹⁷.

Em resposta a esse choque, muitos governos retomaram as políticas econômicas implementadas após a Crise Econômica Global, que rapidamente se mostraram insuficientes: esse colapso econômico é muito mais abrangente, a crise será muito maior e os resgates financeiros serão muito mais onerosos do que nunca¹⁸. De forma inédita, os bancos centrais começaram a conceder financiamento direto às grandes empresas: basicamente, estão repassando a capitalistas selecionados ‘dinheiro de helicóptero’ (que, em alguns casos, foi imediatamente transferido aos acionistas como dividendos)¹⁹. Para disfarçar o espetáculo indecoroso dos bilionários, frequentemente exilados fiscais,

¹⁵ Em suma, o total de mortes no Reino Unido geralmente inclui apenas mortes diretamente relacionadas à Covid-19, reportadas em hospitais do NHS; isto é, não incluíram, a princípio, mortes em casa ou em casas de repouso. A insensibilidade com que o governo britânico tratou aqueles em casas de repouso deve ser classificada como um dos mais graves escândalos na Europa pós-guerra. Ver N.P. Walsh e M. Krever, ‘The UK’s “Coronavirus Dashboard” May Be Under-Reporting Deaths Significantly’, <https://edition.cnn.com/2020/04/07/uk/coronavirus-uk-deaths-intl-gbr/index.html> e C. Giles ‘Deaths from Coronavirus Far Higher in England than First Reported’, *Financial Times*, <https://www.ft.com/content/c07e267b-7bca-418f-ad9e-8631a29854cb>

¹⁶ Ver I. Sinclair e R. Read, ‘“A National Scandal”: A Timeline of the UK Government’s Woeful Response to the Coronavirus Crisis’, <https://bylinetimes.com/2020/04/11/a-national-scandal-a-timeline-of-the-uk-governments-woeful-response-to-the-coronavirus-crisis/>

¹⁷ Ver, por exemplo, I.X. Kendi, ‘What the Racial Data Show’, <https://www.theatlantic.com/ideas/archive/2020/04/coronavirus-exposing-our-racial-divides/609526/>, N. Scheiber, N.D. Schwartz e T. Hsu, ‘“White Collar Quarantine” Over Virus Spotlights Class Divide’, *The New York Times*, <https://www.nytimes.com/2020/03/27/business/economy/coronavirus-inequality.html>, J. Valentino-DeVries, D. Lu e G. Dance, ‘Location Data Says It All: Staying at Home During Coronavirus is a Luxury’, *The New York Times*, <https://www.nytimes.com/interactive/2020/04/03/us/coronavirus-stay-home-rich-poor.html>, e S. Lerner, ‘Coronavirus Numbers Reflect New York City’s Deep Economic Divide’, <https://theintercept.com/2020/04/09/nyc-coronavirus-deaths-race-economic-divide/>

¹⁸ Ver, por exemplo, J. Michell, ‘Coronavirus Reveals the Cost of Austerity’, <https://tribunemag.co.uk/2020/04/coronavirus-reveals-the-cost-of-austerity>, e M. Sandbu, ‘Huge Fiscal Spending is Needed to Fight the Coronavirus Downturn’, *Financial Times*, <https://www.ft.com/content/9963f71e-67b2-11ea-800d-da70cffe4d3>

¹⁹ Z. Wood, ‘Tesco Defends £635m Dividend Payout after Coronavirus Tax Break’, <https://www.theguardian.com/business/2020/apr/08/tesco-sales-up-30-per-cent-because-of-pre-lockdown-stockpiling-coronavirus>

implorando por subsídios do mesmo erário que haviam evadido anteriormente, alguns governos prometeram garantir a renda dos trabalhadores, mas, em geral, por meio de seus empregadores e não diretamente. Nos EUA, o governo federal está enviando um único cheque miserável (nitidamente assinado pelo próprio Donald Trump) a todas as famílias, a fim de disfarçar os subsídios estarrecedores oferecidos ao capital, começando com um socorro sem precedentes de U\$ 2 trilhões que, mais tarde, se intensificou rapidamente à medida que as paralisações continuavam prejudicando os lucros e a eleição presidencial se aproximava.

Se as implicações econômicas da pandemia são certamente catastróficas, as implicações políticas não podem ser projetadas com precisão. No Reino Unido, a pandemia desmascarou o Partido Conservador (e, ainda, o malfadado governo da coalizão e seu antecessor, o *New Labor*), por terem atacado a resiliência social e sistematicamente desmantelando o serviço de saúde público britânico, o *National Health Service* (NHS)²⁰. Mesmo quando o dinheiro era gasto no serviço de saúde, como foi o caso durante o *New Labour*, o objetivo era desorganizar e fatar o NHS, introduzir a concorrência independentemente do custo, omitir o serviço e privatizar o que pudesse ser vendido, a fim de aumentar a dependência do sistema de saúde na motivação de lucro.

Com a pandemia, os sermões conservadores sobre o imperativo da ‘austeridade fiscal’ foram obliterados pela evidente capacidade do Estado de criar dinheiro do nada e entregar a salvação a setores selecionados, desde que fossem considerados ‘essenciais’ (que, conseqüentemente, não era o caso da habitação, da saúde, do emprego e assim por diante, no período anterior). Ao mesmo tempo, a ideologia do individualismo se mostrou uma fraude porque, embora possa haver fuga individual do vírus, não pode haver soluções individuais para a catástrofe: uma pessoa sozinha nunca pode estar a salvo de uma epidemia ou ser cuidada quando fica doente e apenas o Estado pode conter o colapso econômico, garantir fluxos de renda quando a economia congela, impor o bloqueio total e abastecer o serviço de saúde. Como a esquerda sempre soube e o primeiro-ministro do Reino Unido foi forçado a reconhecer, existe, afinal, uma coisa chamada sociedade²¹. E a desumanidade do imperativo do lucro capitalista foi desmascarada pela rejeição em massa de sua política preferida de ‘imunidade de rebanho’, com a conseqüente dizimação dos não trabalhadores.

Agora, podemos nos concentrar no que a esquerda pode reivindicar. Primeiro é aprender as lições. A crise da saúde e o colapso econômico no Ocidente, em comparação com as respostas muito mais eficientes no Oriente, demonstraram que as administrações radicalmente neoliberais são incapazes de desempenhar as funções mais básicas de governança: proteger vidas e assegurar meios de subsistência. A pandemia provavelmente também será um marco na transferência de hegemonia do Ocidente para o Oriente. É evidente – e não pode ser esquecido – que Estados centralizados e capazes (não importa se mais ou menos democráticos – a experiência mostra que o regime político tem pouco a ver com a competência política) e uma sofisticada base produtiva são

“ A crise da saúde e o colapso econômico no Ocidente, em comparação com as respostas muito mais eficientes no Oriente, demonstraram que as administrações radicalmente neoliberais são incapazes de desempenhar as funções mais básicas de governança: proteger vidas e assegurar meios de subsistência.”

²⁰ Ver C. Leys, ‘How Market Reforms Made the NHS Vulnerable to Pandemics’, <https://socialistproject.ca/2020/03/how-market-reforms-made-the-nhs-vulnerable-to-pandemics>; H. Siddique, ‘Despite PM’s Praise of Nurses, It’s Tory Policies that Made them Suffer’, <https://www.theguardian.com/society/2020/apr/13/despite-pms-praise-of-nurses-its-tory-policies-that-made-them-suffer>, e S. Wren-Lewis, ‘Who Still Thinks Austerity Was a Good Idea?’, <https://mainlymacro.blogspot.com/2020/04/who-still-thinks-austerity-was-good-idea.html?m=1>. Para o caso dos EUA, ver S.B. Glasser, ‘How Did the U.S. End Up with Nurses Wearing Garbage Bags?’, <https://www.newyorker.com/news/letter-from-trumps-washington/the-coronavirus-and-how-the-united-states-ended-up-with-nurses-wearing-garbage-bags>

²¹ R. Saunders, ‘“There is Such a Thing as Society”: Has Boris Johnson Repudiated Thatcherism?’, <https://www.newstatesman.com/politics/uk/2020/03/boris-johnson-thatcher-society-no-such-thing-policies>

“O foco da esquerda deveria ser a construção da solidariedade na base, responsabilizando o governo e desafiando o neoliberalismo enquanto culto à morte”

importantes para as vidas das pessoas e que, na hora da verdade, as fronteiras podem ser fechadas e os amigos desaparecem.

A segunda reivindicação é o dever de garantir a vida propriamente dita. Os Estados devem garantir empregos, renda e serviços básicos, incluindo a rápida expansão do sistema de saúde. Isto não é apenas por razões de políticas econômicas, mas como parte de políticas de saúde eficientes: empregos e renda garantidos possibilitam que mais pessoas fiquem em casa, o que ameniza a carga sobre o sistema de saúde, antecipa o fim da pandemia e acelera a recuperação²². Para isso, o sistema bancário deve ser nacionalizado para garantir o fluxo de crédito e evitar especulações, e os bancos centrais devem garantir que haja liquidez suficiente para manter a economia em funcionamento. Os serviços essenciais devem ser assumidos pelo Estado para garantir que as necessidades básicas sejam atendidas e, se as autoridades centrais podem dar dezenas de bilhões às companhias aéreas, às ferrovias e às redes de supermercados, o público igualmente ser dono deles²³.

A terceira reivindicação é consolidar a redescoberta da coletividade e a sociabilidade irredutível da espécie humana que emergiu por meio das dificuldades da crise. A esquerda deve enfatizar que a economia é um sistema coletivo (“nós somos a economia!”), que estamos unidos como seres humanos e que os serviços públicos são essenciais. Isso poderia preparar o caminho para uma alternativa progressista ao neoliberalismo (que é, até agora, uma forma claramente zumbi).

A quarta reivindicação é a alocação de custos. O ônus econômico desta crise será muito maior do que o da Crise Financeira e de forma alguma os serviços públicos podem, ou devem, arcar com esse ônus. A única saída é por meio da tributação progressiva, da nacionalização, da moratória quando necessário, e uma nova estratégia de crescimento ‘verde’.

A quinta reivindicação, especificamente no Reino Unido, é o que deveria ser a posição do Partido Trabalhista (*Labour Party*) e, por extensão, de diferentes partidos e organizações progressistas em outros lugares: a união com o governo nesta hora de crise (e para ‘desintoxicar’ o Partido Trabalhista pós-Corbyn e facilitar o retorno ao governo)²⁴, ou criticar o governo conservador, correndo o risco de parecer antipatriótico? O cerne da questão é que os Conservadores escolheram as políticas erradas e as implementaram de forma incompetente, e dezenas de milhares morrerão como consequência direta disso (as administrações descentralizadas na Escócia e no País de Gales têm se saído melhor, mesmo que de modo insuficiente).

Pela construção da solidariedade

É fundamental para a credibilidade do Partido Trabalhista que ele não seja maculado por essas políticas nem que seja responsável por essas mortes que poderiam ser evitadas. Isto desnortearia uma grande parte da população, que percebe que o governo estava errado e deseja ver as consequências disso. De outro modo, o foco da esquerda deveria ser a construção da solidariedade na base,

²² Ver, por exemplo, G. Mankiw, ‘Thoughts on the Pandemic’, <http://gregmankiw.blogspot.com/2020/03/thoughts-on-pandemic.html>

²³ Para uma abordagem semelhante, ver D. Henwood, ‘A Few Ambitious Points on Fighting the Crisis’, https://lbo-news.com/2020/03/20/a-few-ambitious-points-on-fighting-the-crisis/?fbclid=IwAR2k5vz91AwG7hl_foOmbWVGEEpwn0WdQivEmXWGGfaeNBWBGPfloo0-UKY e S. Gindin, ‘The Coronavirus and the Crisis This Time’, <https://socialistproject.ca/2020/04/coronavirus-and-the-crisis-this-time>

²⁴ Ver, por exemplo, O. Salem, ‘The PM Should Offer a National Unity Government – And Labour Should Accept’, <https://labourlist.org/2020/04/the-pm-should-offer-a-national-unity-government-and-labour-should-accept/>

responsabilizando o governo, criticando incessantemente os *Tories* por suas políticas criminosas e implementações incompetentes e expandindo os limites do politicamente possível, desafiando o neoliberalismo enquanto culto à morte ao mesmo tempo em que apoia as redes de segurança estatais e a reconstrução da capacidade do Estado após os danos causados pelo neoliberalismo.

Tem sido argumentado, em contrapartida, que o Partido Trabalhista se aliou com o Partido Conservador durante a Segunda Guerra Mundial, então por que não agora? fato É certo que havia um governo nacional naquela época: mas era uma coalizão no gabinete de guerra de Winston Churchill, não com a pérfida administração de Neville Chamberlain, que os Trabalhistas, com razão, se recusaram a apoiar.

Sou cautelosamente otimista de que o capitalismo não pode acabar com essa vergonha. Agora, é hora de imaginar que tipo de sociedade pode atender à maioria e evitar a repetição dos resultados deploráveis que estamos vivenciando. Em vez dos crimes e das ineficiências do neoliberalismo, precisamos de taxaço progressiva, da expansão de serviços públicos com área integrada com capacidade para emergências e uma sociedade baseada na solidariedade, nos valores humanos e no respeito à natureza. Isto é fácil de dizer, e é indubitavelmente correto, mas a esquerda está na defensiva quase em todos os lugares, por vezes por décadas, e a pandemia pode muito bem acarretar respostas autoritárias, racistas e reacionárias.

Em suma, a pandemia da Covid-19 aconteceu por acaso, mas não foi inesperada. Suas consequências são muito mais do que escandalosas: são criminosas, e a esquerda deve dizer isso em alto e bom som. O capitalismo neoliberal foi exposto por sua desumanidade e criminalidade, e a Covid-19 mostrou que não pode haver política de saúde sem solidariedade, política industrial ou capacidade do Estado. Esta é uma luta urgente. Devemos sair dessa crise com uma sociedade melhor. A esquerda é ainda mais necessária do que antes, e ela deve estar à altura do desafio.

“O capitalismo neoliberal foi exposto por sua desumanidade e criminalidade, e a Covid-19 mostrou que não pode haver política de saúde sem solidariedade, política industrial ou capacidade do Estado. Esta é uma luta urgente.”

Manifesto agrestino pernambucano: “Temos o direito de viver!”

Ingrid Silva de Melo

é discente do Curso de Psicologia, Centro Universitário Vale do Ipojuca, Caruaru, PE.

Diogivânia Maria da Silva

é professora doutora do Curso de Psicologia, Centro Universitário Vale do Ipojuca, Caruaru, PE

Em um contexto tão inusitado como o desta pandemia, há que se questionar a ética de quem governa, diante do presenciado do descaso com os corpos vulnerabilizados. Este é um manifesto pela vida, um imperativo pela sobrevivência física de nós, dos nossos pais e avós, mas também de uma preservação psíquica que esteja implicada com as diferentes subjetividades: nossas memórias, nossas relações de respeito aos mais velhos, nossos ritos fúnebres, nossas manifestações culturais, tudo, absolutamente tudo, que nos mantêm vivos.

Ingrid Silva de Melo
Diogivânia Maria da Silva

O que ocorre nestes tempos de obscuridades e obscenidades políticas é que talvez a substância que constitui a ética esteja passando por processos de mudanças e sendo aviltada a todo momento, e isso nos impele *escrever* (EVARISTO, 2016). Nesse aspecto, a singularidade imersa nesse *Zeitgeist* contemporâneo nos convida a pensar a ineficiência da esfera federal para gerir uma crise dessa proporção, que antes de ser sanitária é ética, visto que o movimento empreendido é pela decisão perversa de quem *pode viver* e quem *deve morrer* (MBEMBE, 2018). Bem sabemos que do ponto de vista sanitário temos o maior sistema único de saúde pública do mundo, o SUS; portanto, apesar do desafio imenso, tínhamos, não fosse pela crise ética, alguma chance de diminuir a hecatombe.

Situadas no interior do Nordeste pernambucano, onde trabalhamos e estudamos, lançamos um olhar para aquilo que nomeamos de “genocídio dos corpos historicamente vulnerabilizados”, e nessa perspectiva oferecemos uma posição narrativa e analítica, que é local e situada (HARAWAY, 1995). Nesse contexto, no final de 2019, o novo coronavírus, intitulado como SARS-CoV-2, apresenta um *ethos* pelo qual já estávamos contando, ou seja, sabíamos que uma pandemia incidiria diretamente na ameaça às nossas vidas, considerando nossas desvantagens regionais, sociais, bem como dos fatores de determinação social da doença; sabíamos que poderíamos estar numa rota das existências mínimas e das vidas matáveis (LAPOUJADE, 2017).

A máxima foucaultiana nos provoca e diz: “onde há poder há resistência!” (FOUCAULT, 2011). Os governos regionais e estaduais situados no Nordeste ativaram uma força de enfrentamento que por ora pode nos dar alguma chance de sobrevivência à hecatombe. O manifesto realizado aqui justifica-se na medida em que se torna imperativo reflexões críticas em prol não apenas da nossa sobrevivência física, dos nossos pais e avós (moradores de zonas rurais em sua maioria), mas também de uma preservação psíquica que esteja implicada com as diferentes subjetividades existentes no interior pernambucano: nossas

memórias, nossas relações de respeito aos mais velhos, nossos ritos fúnebres, nossas manifestações culturais, tudo, absolutamente tudo que nos mantêm vivos.

Com base nisso, pensar a ética apresenta-se como uma posição inerente a nossa situada experiência, haja vista nosso direito como professora e estudante universitária de exercitarmos nossa reflexão e resistirmos mediante uma lógica das hegemonias do saber e do poder – não nos queremos sobreviventes apenas! E exigimos mesmo num contexto tão traumático quanto esse de nos pôr em ação de pensamento, desobedecendo a lógica colonial e epistêmica que neste momento nos ameaça. Assim, o isolamento social no interior de Caruaru ocorreu como em muitos lugares; e o ensino remoto se tornou prerrogativa num contexto de aprofundamento das desigualdades do ensino superior e da mercantilização do ensino. Não tivemos, como professora e como estudante, a opção de dialogar se era a melhor estratégia e se enquadrava nos nossos anseios e necessidades. Mas, como aquelas do conto da Evaristo (2016) em “Olhos d’água”, “A gente combinamos de não morrer”; e nos colocamos em posição de pensar a emergência da ética num contexto regional.

“Nós nos queremos vivas”

Sabíamos do quanto isso era também privilégio, principalmente porque a principal preocupação de nossos amigos e parentes era como sobreviver sem a feira da Sulanca ou sem a feira de Toritama, locais de escoamento de produtos onde circula semanalmente mais de um milhão de pessoas. Atendemos o chamado universitário e decidimos pensar a crise nos encontros em sala de aula, produzindo o que chamamos de “diários de quarentena”. Muito provável este foi o lugar de tecermos sentidos para nos proteger da ameaça da morte; contudo, nem todos/as trabalhadores/as puderam assim o fazer. A preservação da vida como bem maior foi colocada em xeque pela política ultraliberal bolsonarista, e queremos fazer nossa parte, impondo o dedo em riste e encarnando a personagem da Evaristo (2016): se eles nos querem mortas, nós nos queremos vivas, e um texto, uma aula remota, um encontro virtual é um bom lugar para garantir nossa existência como pensadoras. Entendemos bem a regra do jogo necropolítico descrito por Mbembe (2018), e para nós é óbvio o que se desenha nos Marcos dessa Guerra– Quem pode morrer? Ou ainda, por quais vidas podemos duelar numa inscrição butleriana (BUTLER, 2001). O Estado decidiu a hora da nossa morte, nós decidimos o contrário: queremos viver e viver plenamente e aprendemos mais sobre isso com nossos avós e avôs do que nos livros. A sociabilidade rural e interiorana nos ensinou que, não importa o tamanho da dor, é preciso encará-la.

Esse manifesto emergiu na tentativa de suscitar reflexões acerca de aspectos éticos e políticos associados ao confinamento em função do acelerado contágio do novo coronavírus mundialmente disseminado e dos possíveis entraves que essa situação nos coloca – aqui no interior onde não dispomos de leitos de UTI para os que precisarem e se agravarem pela doença.

Neste cenário, o que era um problema inicialmente localizado na China rapidamente se alastrou, sendo considerada uma pandemia mundial declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), no dia 11 de março de 2020, a qual limitou à população aos cômodos de seus lares por meio da quarentena instaurada no Brasil em março de 2020 (ESTEVÃO, 2020). À vista disso, as certezas do *homo sapiens* foram destronadas para em seu lugar ser restabelecido o caos da ignorância e o declínio da majestosa posição do suposto saber que no decorrer dos dias é exaurida pela insuficiência de recursos básicos, por exemplo, para higiene no enfrentamento da pandemia daqueles que estão à margem da população.

“Queremos viver e viver plenamente e aprendemos mais sobre isso com nossos avós e avôs do que nos livros. A sociabilidade rural e interiorana nos ensinou que, não importa o tamanho da dor, é preciso encará-la.”

“A noção de ocupar-se de si mesmo, para os gregos, era um dos aspectos primordiais para a convivência social, pois para eles o princípio délfico ‘conhece a ti mesmo’ era aquele que permeava toda filosofia ocidental, diferente do cuidado de si para o sujeito contemporâneo.”

O refazimento da natureza

Enquanto isso, o vírus letal ameaça as vidas que dele tentam se defender e viaja em muitos hospedeiros, conhecendo vários lugares que nesse meio-tempo lhes servem de hospedagem. Por aqui, muitos parentes saíram de suas pequenas cidades e retornaram para o campo e sítios, sabendo não só do salutar distanciamento social, mas do refazimento que a natureza é capaz de oferecer em momentos de agonias impensáveis. É muito comum em nossa região os deslocamentos do rural às cidades circunvizinhas, para estudar ou trabalhar, mas as pequenas propriedades rurais, fruto de heranças ou conquistas familiares, se mantiveram e se tornaram, nesse momento, o lugar de refúgio.

Nesse impasse, é indubitável que a crise numa sociedade ultraliberal e em colapso, não apenas pela Covid-19, como também pela incapacidade de pensar em si como coletividade e autonomia, não começou agora. O modo como o sujeito se constitui como indivíduo ético a partir de suas práticas de isolamento social, evidenciada não apenas na concordância ou discordância de normas (usar ou não usar máscaras tornou-se disputa política), estabelece o princípio do cuidado de si, conforme Foucault (2011).

A noção de *ocupar-se de si mesmo*, para os gregos, era um dos aspectos primordiais para a convivência social, pois para eles o princípio délfico “conhece a ti mesmo” era aquele que permeava toda filosofia ocidental, diferente do cuidado de si para o sujeito contemporâneo. Nesse sentido, Foucault trará o quanto esse princípio estava atrelado a uma prática de conduta para a cultura greco-latina, que vislumbrava o cuidado de si em detrimento da primazia pelo conhecimento de si, o qual, para a modernidade, respalda a moral. O “conheça-te a ti mesmo” na Grécia não era só conhecimento, pois tornava-se prática de cuidado, na medida em que era praticado; todavia como os contemporâneos podem lidar com uma pandemia quando o conhecimento de si que lhes guia traduz-se em um princípio abstrato destituído de um cuidado de si?

Vale salientar que etimologicamente *ethos* é um termo de origem grega que corresponde a uma toca de animal ou casa humana, sendo equivalente ao *habitat*, o qual deve ter sua sustentabilidade preservada para garantir que um novo processo civilizacional possa vir a emergir (BOFF, 1999). Em meio a esse panorama, não é difícil perceber que a “Bio”, que não equivale a “vida”, é utilizada como objeto de lucro, independentemente de sua qualidade, sendo a longevidade oriunda muitas vezes de uma necessidade industrial (BERNARDET, 2019). Esse processo é facilmente identificado, por exemplo, no aumento nos valores atuais do álcool em gel ou nos preços cobrados pelo tratamento em alguns países prestado a pessoas com crises em decorrência do novo coronavírus que não priorizam a preservação da vida, mas, sim, da obtenção dos lucros.

Nesse âmbito, como docente e discente do curso de psicologia, partimos desse lócus, no qual compreendemos essa área como um estudo de cunho científico do comportamento humano situada em uma dimensão biopsicossocial. Assim, diferentes formas de psicologia trabalham com a subjetividade, e isso já revela uma dimensão ética da teoria e da prática psicológica, na proporção que dado entendimento do humano está associado às distintas fenomenalidades do indivíduo. A consideração em relação a alteridade do discurso exige do psicólogo a responsabilidade irrevogável que caracteriza a dimensão ética de estar a serviço do Outro, ofertando-lhe um lugar, isto é, um *ethos*. Essa morada temporária, ao passo que viabiliza a (re)construção do ser de sua própria habitabilidade, incita o surgimento no sujeito de seu próprio outro em sua estranheza e singularidade que deve ser assistida em todos os aspectos (FREIRE, 2003).

Transcendendo a dor

O homem alienado do exercício de ser, na ausência de vínculos significativos com seus ancestrais, reduz as possibilidades de sobrevivência. Uma quarentena oriunda de um estado de calamidade pública exige um contato mais próximo consigo mesmo e uma humildade ao reconhecer que a humanidade não é a única espécie que importa, pois é apenas uma parte integrante do todo. A humanidade, para agir a partir de um *ethos*, aumentando as chances de vencer a guerra contra o novo coronavírus, talvez precise comportar-se como uma coletividade, em vez de relegar à periferia aqueles que são considerados como parte da sub-humanidade. A queda iminente que o ser humano teme já era uma constante antes mesmo da crise atual, exigindo agora uma criatividade tamanha que transcenda essa dor do homem ao acessar a consciência de uma queda já recorrente há muito tempo (KRENAK, 2019).

Os indivíduos que irrompem essa mobilização social quando têm abertura para sua memória ancestral podem vir a ter um recurso a mais de luta por uma sobrevivência que não começou aqui e agora, mas que é marca registrada em muitos povos antigos de distintas culturas. Depreende-se, mediante este estudo efetuado, que a ética, a prática de cuidado e a psicologia podem ser áreas que se articulam entre si e atravessam o humano, cada uma a seu modo de forma a possibilitar uma consciência coletiva que constitui e é constituída pelo cuidado.

O manifesto aqui realizado se posiciona na interseção de diferentes pontos analíticos: assumimos uma posição local e situada no Agreste Pernambucano entremeada pela perspectiva de duas mulheres: uma professora e outra estudante de Psicologia que assumiram breves considerações éticas para o contexto atravessado pela pandemia da Covid-19, o que nos obrigou ao isolamento social, mas não nos impediu



“O homem alienado do exercício de ser, na ausência de vínculos significativos com seus ancestrais, reduz as possibilidades de sobrevivência.”

de produzir conexões com aquilo que nos circunda e ao mesmo tempo nos habita. Entendemos este momento como especialmente trágico para nossa região, e para o Brasil. Mesmo admitindo que escrevemos este texto ao mesmo tempo que uma catástrofe sem precedentes nos acomete, resolvemos optar pela escrita como nosso campo de batalha e disputa. Temos o direito de viver.

Referências

BERNARDET, Jean-Claude. *O corpo crítico: Por que me rebelei contra o sistema médico-hospitalar*, 2019.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. Disponível em: <http://abre.ai/aY0R>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BUTLER, Judith. *Marcos de guerra: las vidas lloradas*. Buenos Aires: Paidós, 2001.

ESTEVÃO, Amélia. Covid-19. *Acta Radiológica Portuguesa*, v. 32, n. 1, p. 5-6, jan-abr. 2020. Disponível em: <http://abre.ai/aY8s>. Acesso em: 12 abr. 2020.

EVARISTO, Conceição. *A gente combinamos de não morrer*. Olhos d'Água. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FREIRE, José Célio. A Psicologia a serviço do outro: ética e cidadania na prática psicológica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 23, n. 4, p. 12-15, dez. 2003. Disponível em: <http://abre.ai/aY0w>. Acesso em: 12 mar. 2020.

FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Revista Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Tradução de B. A. Starostin. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em: <http://abre.ai/aY1h>. Acesso em: 02 abr. 2020.

LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. Tradução de Hortencia Santos Lencastre. São Paulo: N-1 edições, 2017.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

Se essa rua (ainda) fosse minha...: reflexões sobre o brincar em tempos de pandemia

Diante da situação atípica da pandemia, reflexões sobre o brincar levaram as autoras a estudar a infância e suas construções sociais no isolamento social em que as ruas e escolas estavam vazias, e as crianças se viram na condição de construir novas formas de interação.

Rebeca Azambuja
Ana Luiza
Gabriela Mietto

Rebeca Azambuja é graduanda em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Ana Luiza Batista é graduanda em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Gabriela Mietto é professora Adjunta do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (PED) e do PPG-PDE do Instituto de Psicologia Universidade de Brasília (UnB).

No dia 11 de março de 2020, enquanto eu brincava na sala¹, a televisão anunciou que a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a pandemia do novo coronavírus (Covid-19) (OMS, 2020). Embora eu não entendesse muito o que aquilo significava, percebi que a partir daquele momento várias coisas na minha vida, na minha casa e na minha rua mudariam. Me explicaram que ficaríamos em casa para nos prevenirmos da doença e não colocar outras pessoas em risco. Durante um tempo ainda não determinado, eu não iria mais à escola, pois passaria a ter aulas pelo computador, meus pais trabalhariam de casa, não visitaríamos a vovó e não poderíamos receber visitas.

Na minha casa, começamos a conversar sobre essa nova realidade, do distanciamento social (OMS, 2020), sabendo que a forma como eu vivia essa pandemia não seria a mesma para muitas crianças no Brasil. Minha mãe podia acessar livremente a internet para ver sugestões de diversas atividades criativas para fazer comigo, eu podia ligar para familiares por chamadas de vídeo e até adaptar minha forma de estudo. Por manter as crianças conectadas, auxiliar no aprendizado e ajudar na vivência da pandemia, o acesso à tecnologia e seu uso no enfrentamento ao distanciamento físico é promotor de bem-estar social, físico, emocional, intelectual e espiritual nesse contexto (GOLDSCHMIDT, 2020).

Procurei saber quantas outras crianças teriam essa oportunidade e descobri que, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), 4,8 milhões de crianças e adolescentes não têm acesso à internet (UNICEF, 2020). Eu e minha família percebemos o que especialistas sinalizavam: a crise de saúde causada pela Covid-19 expôs diferenças sociais marcantes já existentes no país e o alto nível de vulnerabilidade das classes desfavorecidas diante

¹ As autoras escolheram escrever, de forma lúdica, como se fossem uma criança narrando uma história, para chamar a atenção sobre a necessidade da escuta às crianças diante da situação atípica e desconhecida que têm vivido no contexto desta pandemia. O olhar da criança sobre o fenômeno pesquisado tem a intenção de tornar a leitura mais fluida e as reflexões, mais acessíveis.

da pandemia que enfrentam essa realidade tendo recursos muito limitados (DE ARAÚJO, 2020; FIOCRUZ, 2020).

Minha mãe, além de viver pessoalmente essa nova realidade comigo, é estudiosa da infância e ficou curiosa sobre o novo modo de viver causado pela pandemia. Ela sabia que já havia sugestões *on-line* de brincadeiras para se fazer com crianças, mas percebeu que ganharam novas proporções em quantidade e formatos a partir da pandemia. Minha mãe e seu grupo de pesquisa consideraram necessário verificar como isso estava ocorrendo e planejaram uma pesquisa séria sobre esse fenômeno.

A brincadeira como atividade central à infância

Este grupo estuda aspectos da Psicologia do Desenvolvimento sob a lente da Psicologia Cultural, que considera a brincadeira como atividade central à infância, uma vez que a partir dela as crianças exploram as construções sociais que fazem parte da cultura em que estão inseridas. O brincar permite que as crianças façam relações entre aspectos do imaginário e do mundo real e concretizem essas relações por meio do uso simbólico dos objetos, promovendo desenvolvimento psíquico e social (VYGOTSKY, 2008), construindo novas formas de ser e estar no mundo (BARBATO; MIETO, 2015).

A teoria da Pragmática do Objeto (RODRÍGUEZ *et al.*, 2018; GUEVARA; MORENO-LLANOS; RODRÍGUEZ, 2020) também serviu de base para a pesquisa, visando compreender o desenvolvimento infantil a partir da relação criança-adulto-objeto. Para essa teoria, os adultos são mediadores de cultura e fazem isso por meio da apresentação de objetos e de seus usos às crianças, tanto nos espaços domiciliares e de lazer quanto escolares. Os usos dos objetos são construídos e compartilhados socialmente por pessoas de uma mesma cultura, e podem ser classificados como usos canônicos, usos não canônicos e usos simbólicos. E agora, que a rua não era mais minha, que as escolas estavam distantes e vazias, que a vivência nos lares estava sendo reorganizada, como o compartilhamento destes recursos culturais estariam sendo ressignificados? E as crianças que tinham a rua como suas casas? Como isso tudo afetaria as relações triádicas? Minha mãe falava que não havia informações científicas sobre algo tão novo e específico.

O grupo queria entender melhor como as brincadeiras mediadas por objetos estavam sendo utilizadas no enfrentamento desse momento. Sendo assim, o estudo teve como objetivo identificar e analisar as principais brincadeiras oferecidas e partilhadas na internet no início da pandemia da Covid-19.

“O brincar permite que as crianças façam relações entre aspectos do imaginário e do mundo real e concretizem essas relações por meio do uso simbólico dos objetos.”

Construção do método

Minha mãe explicou que o método é coisa séria e precisa ser descrito tim-tim por tim-tim, como eu conto a seguir. Foi observado no primeiro mês da pandemia (11/03/2020 à 11/04/2020) um aumento significativo do número de compartilhamento de sugestões de brincadeiras pela internet. Assim, esse foi o período de tempo escolhido para fazer a primeira delimitação do conteúdo analisado. Para identificar o que estava sendo oferecido neste primeiro momento, foi pesquisado no site do Google a palavra-chave “brincadeiras na quarentena”.

Foram encontrados no total 230 sites, e entre estes, 41 foram selecionados. O critério de inclusão foi: listar de forma escrita sugestões de brincadeiras para serem feitas em casa durante o distanciamento. Foram excluídos

os sites que forneciam sugestões em forma de vídeos; apenas citavam a importância das brincadeiras nesse momento ou não tinham data de publicação.

A análise das brincadeiras encontradas dividiu-se em duas etapas: primeiro, a análise quantitativa do número total de brincadeiras oferecidas; em seguida, foi feita a análise qualitativa das brincadeiras em que se levou em conta os conteúdos e as características das brincadeiras, de forma que foram divididas e agrupadas em categorias de acordo com suas semelhanças. Para organizar os dados, as informações quantitativas e qualitativas foram tabuladas, sendo que a primeira coluna referia-se à quantidade de brincadeiras compartilhadas por cada site.

A segunda coluna referia-se às categorias de brincadeiras definidas anteriormente, e englobava sete categorias: artística, que envolve a criação de produtos como desenhos e pinturas; manual, em que se manuseia ou constrói um brinquedo ou brincadeira; corporal, na qual há a utilização de diferentes partes do corpo na brincadeira; literária, com realização da leitura de livros infantis; faz de conta, em que a essência são brincadeiras imaginárias; pedagógica, com foco no aprendizado ou treino de alguma habilidade; tecnológicas, que envolvem o uso de qualquer tecnologia.

A terceira coluna (que envolvia duas categorias) indicava se as brincadeiras necessitavam da mediação de um adulto, ou seja, se minha mãe tinha que me ajudar a realizar a atividade (primeira categoria) ou se eu conseguia realizar a brincadeira sozinha (segunda categoria).

Por fim, a última coluna referia-se aos tipos de objetos que seriam utilizados em cada atividade, englobando oito categorias: objetos de uso cotidiano (que eu uso no dia a dia na minha casa); brinquedo estruturado (fabricado para ser usado por crianças); material artístico para produzir desenhos e pinturas; livros; sucatas (materiais recicláveis como garrafa pet e rolo de papel higiênico); o próprio corpo como mediador da brincadeira; outros objetos (bem específicos, que não se enquadram nas outras categorias, como plantas); se a atividade não solicitava o uso de nenhum objeto (por exemplo, atividades de relembrar eventos do passado ou criar histórias).

Descobertas fantásticas

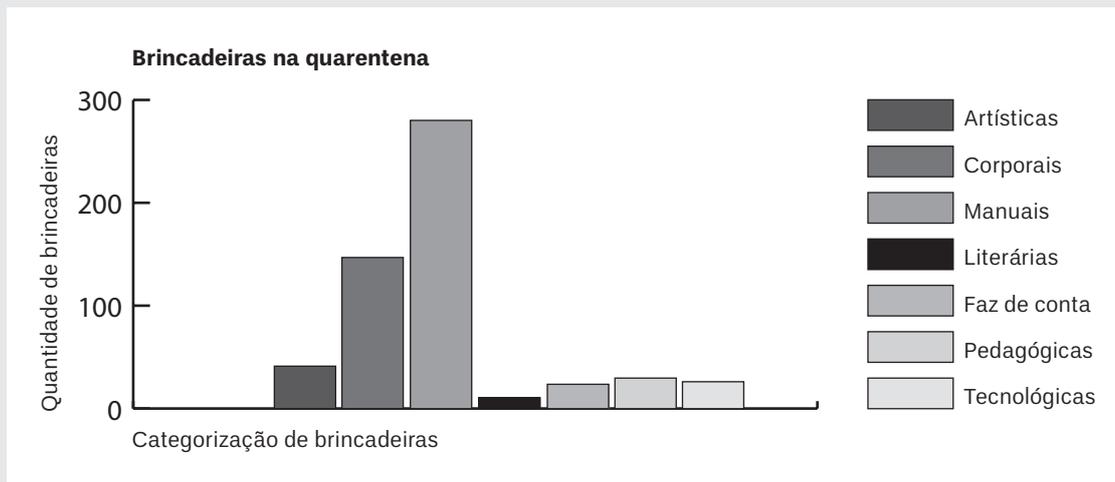
Em casa, tornei-me companhia constante da minha mãe em seu trabalho. Sempre que podia, ela compartilhava parte dos resultados comigo, me explicava o que faziam. Foram encontradas 561 brincadeiras com a palavra-chave “brincadeiras na quarentena”.

Para facilitar a compreensão dos resultados da pesquisa, minha mãe optou por mostrá-los a partir de desenhos chamados de gráficos. O Gráfico 1 mostra a quantidade de brincadeiras analisadas nas categorias definidas e citadas anteriormente.

No Gráfico 1, observamos que as brincadeiras manuais foram as mais oferecidas, seguida das brincadeiras corporais, representando 280 e 147 brincadeiras, respectivamente. Porém, algumas categorias de brincadeiras foram muito pouco sugeridas nos sites, como as literárias e as de faz de conta, com 11 e 24 indicações, nessa ordem.

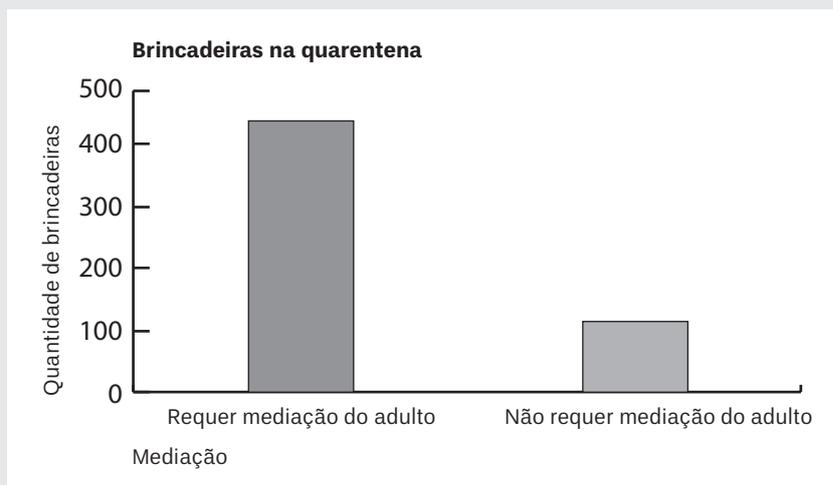
“As diferenças sociais existentes no Brasil influenciaram a forma como as famílias reagiram às mudanças na rotina, pois a disponibilidade de recursos para enfrentar a pandemia eram desiguais, como o acesso à internet.”

Gráfico 1: Categorização das brincadeiras oferecidas na quarentena



O Gráfico 2 mostra a quantidade de brincadeiras que indicavam a necessidade da mediação de um adulto ou não para a sua realização.

Gráfico 2: Distribuição das brincadeiras que solicitaram mediação dos adultos ou não



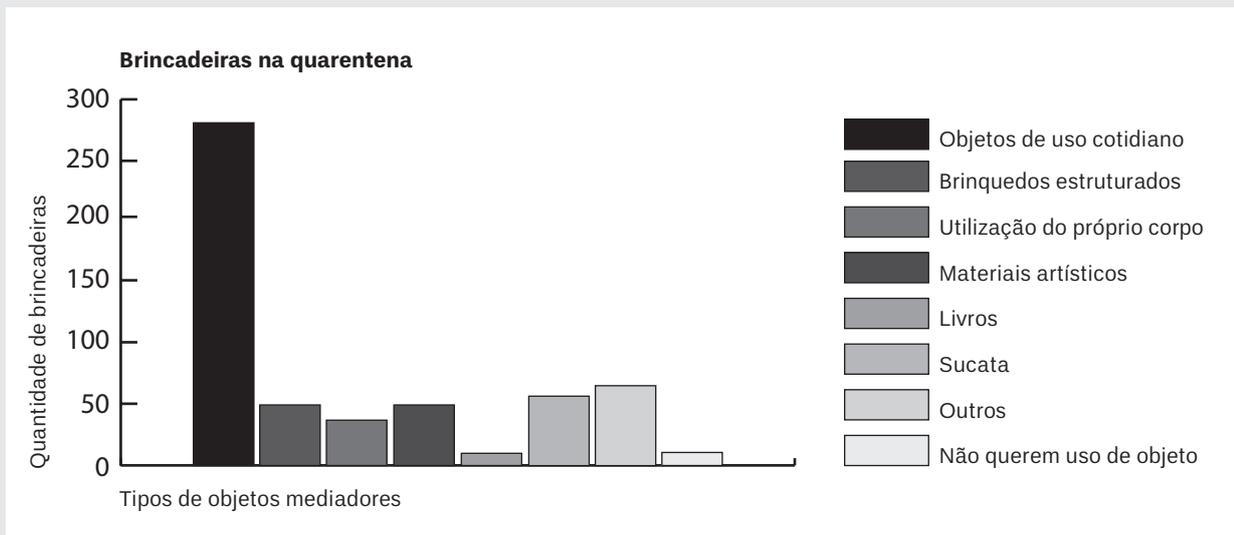
De acordo com o Gráfico 2, notamos que na maioria das brincadeiras o auxílio de um adulto era necessário, mais precisamente em 443 delas. As 117 restantes não indicavam a necessidade da mediação de um adulto.

O Gráfico 3 apresenta a distribuição dos tipos de objetos mediadores utilizados para a realização das brincadeiras.

Em relação aos tipos de objetos, eu e minha mãe vimos que 278 brincadeiras, que representam mais de 49% do total, utilizavam objetos de usos cotidianos como mediadores. “Livros” foi a categoria de objetos menos oferecida, totalizando somente 11 propostas.

Apesar de achar os gráficos muito diferentes dos desenhos que faço, percebi que chamaram muito a atenção da minha mãe. Ela disse que o destaque às brincadeiras manuais e corporais pode indicar que os adultos estão tentando manter durante a pandemia algumas práticas de atividades parecidas com o que as crianças realizavam fora de casa (na escola e em locais de lazer) como aquelas que envolvem a movimentação do corpo: agachar e levantar, dançar,

Gráfico 3: Tipos de objetos mediadores



manusear objetos de diferentes tamanhos e texturas, entre outras. Por outro lado, o baixo número de propostas que envolvessem as atividades voltadas à literatura e brincadeiras de faz de conta também chamam a atenção, visto que ambas são importantes categorias para o desenvolvimento infantil. A brincadeira de faz de conta pode contribuir para o bem-estar das crianças em situações emocionais difíceis (VYGOTSKY, 2008); e a literatura pode incentivar as vivências dos jogos de imaginação (BARBATO; MIETO, 2015). Tais atividades muitas vezes requerem recursos mais simples para serem realizadas. A contação de histórias, por exemplo, pode ser feita a partir de um livro ou apenas usando a imaginação, compartilhando-se histórias de tradição oral que são passadas de uma geração a outra, muitas vezes, sobre a própria família.

A grande quantidade de brincadeiras sugeridas que envolviam objetos do uso cotidiano como mediadores pode ser indicativo que seus usos ocorreram em grande parte de forma simbólica, ou seja, transformando o uso canônico de objetos comuns das casas, como lençóis usados para cobrir as camas, em barracas improvisadas em algum dos cômodos (RODRÍGUEZ *et al.*, 2018).

Minha mãe se surpreendeu com as inúmeras atividades sugeridas para serem feitas pelas crianças na presença de um adulto. Naquele primeiro mês do distanciamento social, em que houve um aumento das ofertas das atividades via internet, as famílias, e muito especialmente as mães, tiveram de lidar com o cuidado das crianças, das tarefas domésticas, a realização dos seus trabalhos profissionais e autocuidado. Muitas vezes não lhes faltava ideia do que propor às crianças, mas como se organizar para conseguir fazer tudo.

Mudanças e rotinas

A pandemia da Covid-19 acarretou grandes mudanças na rotina das famílias brasileiras, principalmente devido ao distanciamento social. As diferenças sociais existentes no Brasil influenciaram a forma como as famílias reagiram às mudanças na rotina, pois a disponibilidade de recursos para enfrentar a pandemia eram desiguais, como o acesso à internet. Já indiquei à minha mãe que é necessário planejar uma pesquisa para compreender como a infância dessas crianças está sendo afetada: Como estão passando seu tempo livre? Como tentam superar

a saúde de amigos e da rotina dentro da escola? Apesar da pouca oferta de atividades lúdico-literárias, eu me deparei com muitos sites de contação de história para me distrair – as crianças sem internet fizeram o quê? Precisamos escutar as crianças sobre o que lhes é ofertado ou sobre a ausência desta oferta. E precisamos de estudos que avancem também na compreensão dos momentos diferenciados da infância diante das vivências da pandemia.

Ainda não conhecemos todos os impactos que a pandemia vai gerar no desenvolvimento infantil ou suas dimensões, nem como será a minha vida depois que o pico da doença passar, e para isso, outros estudos deverão ser realizados. Este trabalho é um dos primeiros a abordar o tema do compartilhamento de brincadeiras para se fazer com crianças durante o período de distanciamento social devido à pandemia da Covid-19, e espero que possa contribuir para reflexões ao período pós-pandemia, para quando a rua voltar a ser nossa.

Referências

BARBATO, Silviane; MIETO, Gabriela. O brincar, a construção de conhecimentos e a convivência. In: SILVA, Daniele N. H.; ABREU, Fabrício S. D. (org.) *Vamos brincar de que? Cuidado e educação no desenvolvimento infantil*. São Paulo: Summus, 2015. p. 91-110.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia Covid 19: crianças na pandemia Covid-19, 2020. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/41182/2/CarilhaCrianc%cc%a7as_Pandemia.pdf. Acesso em: 29 jul. 2020.

DE ARAÚJO, Jose Newton Garcia. Infância e pandemia. *Caderno de Administração*, v. 28, n. Edição E, p. 114-121, 2020.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. UNICEF alerta: garantir acesso livre à internet para famílias e crianças vulneráveis é essencial na resposta à Covid-19, 12/05/2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/unicef-alerta-essencial-garantir-acesso-livre-a-internet-para-familias-e-criancas-vulneraveis>.

GOLDSCHMIDT, Karen. The Covid-19 pandemic: Technology use to support the wellbeing of children. *Journal of Pediatric Nursing*, v. 53, p. 88-90, 2020.

GUEVARA, Irene; MORENO-LLANOS, Ivan; RODRÍGUEZ, Cintia. The emergence of gestures in the first year of life in the Infant School classroom. *Eur J. Psychol Educ.*, v. 35, p. 265–287, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. OMS Coronavirus Disease (Covid-19) Dashboard. Disponível em: <https://covid19.who.int/>, 2020.

RODRÍGUEZ, Cintia *et al.* Object pragmatics: Culture and communication – the bases for early cognitive development. In: ROSA, Alberto; VALSINER, Jaan (ed.) *The Cambridge handbook of sociocultural psychology*. Cambridge: Cambridge University Press Cambridge, 2018. (Cambridge Handbooks in Psychology). p. 223-244.

VIGOTSKI, Lev. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*, p. 23-36, jun. 2008.

Do abraço ao toque digital: mídias e pandemia

Em tempos de pandemia, as modificações pelas quais os processos comunicacionais passaram (e passam) ficam muito mais evidentes. Conhecemos, agora mais, novas maneiras de estreitar os laços afetivos; aceitamos outros canais para estabelecerem vínculos, para acessar notícias; e, por fim, descobrimos novas redes de comunicação.

Vanessa Moraes é doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB).

Vanessa Moraes

Harry Pross e Norval Baitello Junior (2014) argumentam que a Comunicação passou (e passa) por três momentos distintos: da mídia primária à terciária. Nessa concepção, todo processo comunicativo tem suas raízes em uma demarcação espacial no corpo. A comunicação é uma construção de vínculos, e, sendo assim, nossas relações internas podem ser cada vez mais numerosas, independentemente do tempo e do espaço.

Comunicamo-nos com o corpo, e esse processo é marcado pela ponte entre dois espaços distintos que acontece desde o nascimento: a transposição de um lugar aquoso para um frio leva o bebê a chorar e a se comunicar através das linguagens corporais (térmicas, olfativas ou visuais). Chamamos de mídia *primária* aquela que tem sua relação direta com o corpo e suas incontáveis possibilidades de produção de linguagem – as expressões faciais e corporais – o “cara a cara”. Essa mídia, com o tempo, passou a ser deixada de lado nas ciências da comunicação. Prestar atenção nos sons e na fala, nos gestuais, nos movimentos do corpo, na dança, nos cheiros, no rubor ou na palidez, na respiração ofegante, nas cicatrizes, nas rugas, no sorriso tímido, na gargalhada ou se atentar para as lágrimas de alguém parece que foi se tornando algo obsoleto num tempo em que a quantidade e a rapidez de interpelações das novas mídias nos distraem com outros movimentos.

O vínculo estabelecido entre corpos na comunicação passa a ter aparatos entre o emissor e o receptor: pinturas corporais, máscaras, adornos ao corpo para acrescentar informações. Ocorre, então, uma ampliação nos campos comunicativos, e o uso de ferramentas podem prolongar a mensagem temporalmente; temos a materialização de algo que anteriormente só poderia ser dito, gesticulado. Surgem inscrições e pinturas rupestres, surge a escrita, o registro de ideias. Temos, aqui, a *mídia secundária*. A partir da escrita, isto é, das imagens gravadas em suportes duráveis, o homem se vê como imortal, como se pudesse driblar a morte. Assim, inicia-se a era da virtualidade, pois a escrita é a presença virtual de um corpo associada à sua história.

Já a *mídia terciária* traz a inovação da eletricidade. Nela, a apropriação do tempo não mais se dá apenas por meio da durabilidade da mensagem conservada, mas pelo somatório do tempo dos milhões de receptores. Ampliam-se ainda mais as escalas espaciais e de impacto receptivo. O impacto é tão grande que o próprio conceito de comunicação passa a ter uma versão que restringe à mídia terciária. Hoje em dia, é difícil imaginar como era a comunicação no período da gripe espanhola, em 1918, por exemplo. A população não dispunha de televisão,

“**Ultimamente estamos assistindo a tudo pelas janelas: as de nossas casas e as virtuais. Não tocamos as pessoas, não há abraços, mas o toque aos aparatos tecnológicos cresce na mesma medida que a saudade.**”

rádio ou internet. A eletricidade estava nos seus primórdios, e a primeira fábrica de lâmpadas do país, a General Eletric, só foi inaugurada em 1921, no Rio de Janeiro.

Mudança de hábitos

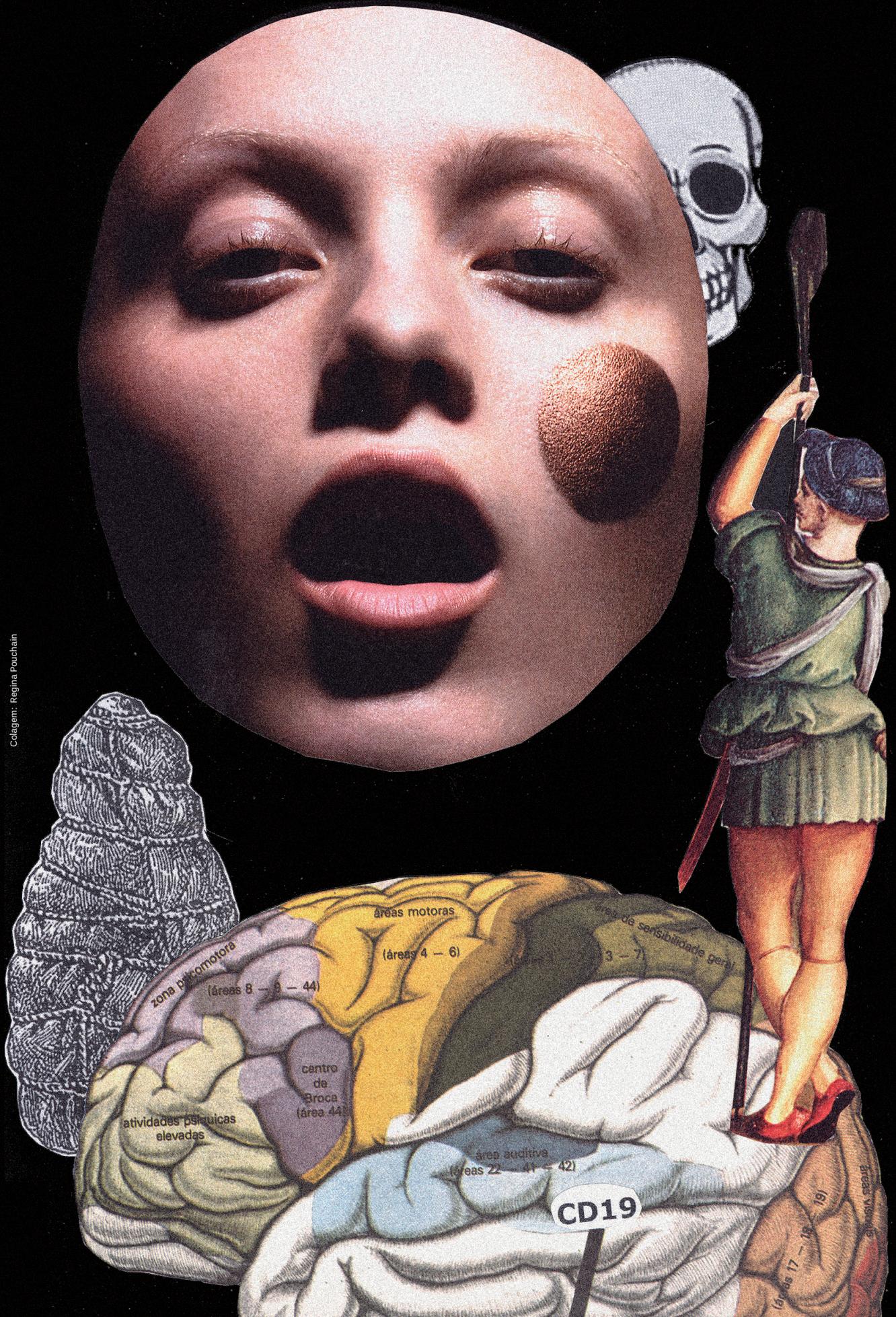
Os formatos da comunicação estão se moldando a esses tempos que outrora não podíamos prever. Com o flagelo do coronavírus, mudamos nossos hábitos de consumo, nossa rotina e algumas concepções. Ultimamente estamos assistindo a tudo pelas janelas: as de nossas casas e as virtuais. Não tocamos as pessoas, não há abraços, mas o toque aos aparatos tecnológicos cresce na mesma medida que a saudade. O slogan “Fique em casa” não é uma propaganda de nada, mas um apelo. Em tempos em que os deslocamentos espaciais são cada vez mais comuns e as viagens aéreas movimentam turismos e negócios, nunca foi tão emblemático manter-se em casa. O uso das tecnologias, aliado a um esforço mental, parece que tem amenizado os desejos pelos deslocamentos. Para aguentar a frustração da imobilidade, vale a leitura de Bernardo Soares, no *Livro do desassossego*, que dizia:

Viajar? Para viajar basta existir. Vou de dia para dia, como de estação para estação, no comboio do meu corpo, ou do meu destino, debruçado sobre as ruas e as praças, sobre os gestos e os rostos, sempre iguais e sempre diferentes, como, afinal, as paisagens são. Se imagino, vejo. Que mais faço eu se viajo? Só a fraqueza extrema da imaginação justifica que se tenha que deslocar para sentir. “Qualquer estrada, esta mesma estrada de Entepfuhl, te levará até ao fim do mundo.” Mas o fim do mundo, como o princípio, é o nosso conceito do mundo. É em nós que as paisagens têm paisagem. Por isso, se as imagino, as crio; se as crio, são, vejo-as como às outras. Para que viajar? Em Madrid, em Berlim, na Pérsia, na China, nos Polos ambos, onde estaria eu senão em mim mesmo, e no tipo e gênero das minhas sensações? A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos (SOARES, 1982, p. 387).

O esforço para que o deslocamento espacial seja apaziguado pelas paisagens mentais é uma necessidade que nem sempre alivia as dores emocionais. Cresce, assim, o consumo das mídias secundárias e terciárias: aumento de livros lidos, filmes assistidos, músicas ouvidas. Conectar-se à internet é quase um modo de sobrevivência. Em meio à pandemia, é preciso paciência, e, felizmente, dispomos da mídia terciária para amenizar a dor, para “diminuir distâncias”. *Lives*, plataformas disponíveis com filmes, livros, videochamadas: recursos que hoje facilitam a vida não só no campo profissional, mas também na esfera pessoal. Famílias inteiras se conectam virtualmente. Até 2019, a internet parecia um tanto paradoxal porque, além de juntar pessoas, também distanciava, se usada em excesso. Muitas pessoas se conectavam demasiadamente no virtual e se abraçava pouco na vida “real”. Agora, em tempos de pandemia, ela aproxima e faz pensar em quantos abraços poderiam ser dados antes e foram evitados, em quanto o contato físico nos faz bem e não nos dávamos conta disso. O isolamento não é tão simples porque somos seres sociáveis, mas é preciso cumprir essa tarefa, literalmente, “de casa”, e adaptarmos às novas rotinas, ao menos, momentaneamente.

Trago a ideia de uma casa como essência. Essa casa pode ser nosso próprio corpo (nós mesmos), como também o lar físico; de uma conexão com a essência para superar a dificuldade, para ganhar forças na presença, no “estar”. No livro

Colagem: Regina Pouchain



Ausência, Byung-Chul Han (2019) nos ensina etimologias fundamentais para a compreensão desse processo:

Em alemão, a palavra WESEN (essência) significava originalmente permanecer em um lugar, estadia, o doméstico, habitar e duração. A mesma etimologia corresponde a Vesta, a deusa romana do lar. A essência, então, remete à casa e ao doméstico, à propriedade e à posse, ao que dura e ao consolidado. A essência é aposento. A casa cuida posses e bens. A interioridade da casa é inerente à essência (HAN, 2019, p. 14) (tradução nossa).

Em outros tempos, era válida a crítica ao “ativismo de sofá”, já que uma luta, de fato, é o engajamento, o movimento de sair para as ruas. Estamos vivendo tempos de protestos (lutas urgentes e necessárias), e sair às ruas nesse período exige cuidados redobrados. Podemos, então, ressignificar aquilo que chamávamos de “ativismo de sofá” para nosso contexto, ou ainda, fazer valer um “ativismo de janela” (virtuais ou arquitetônicas). Nossa luta, hoje, deve buscar essa essência que por muitas vezes esteve escondida, mas que contém a resistência, a rebelião, a rebeldia, não só o imutável e o amável. Com a ajuda da internet, de filmes, de livros, podemos fazer essa “revolução” e esperar que a pandemia perca sua força. “Ninguém sai ileso depois do envolvimento com as tecnologias” – diz *Ciro Marcondes Filho* (2014, p. 95).

A comunicação que leva à essência de nós

A utilização dos recursos tecnológicos, agora, é uma forma para mais rápido voltarmos à comunicação pelo corpo, pelos gestos, pelos sentidos (olfato, visão, tato). É por este caminho que poderemos alcançar a essência, o habitar em nós para estarmos seguros de nossas decisões e posturas (políticas, sociais ou sentimentais), no sentido que já mencionava Han (2019), e poder comunicar com o outro. Atualmente, pensar no autocuidado é pensar também no coletivo.

Do olho no olho passamos ao toque digital. O toque não é mais na pele, epiderme do corpo. O dedo tornou-se a porta de entrada para outro mundo sensorial, de informação, de comunicação. *Digitus*, em latim, significa “dedo”. E, nesse sentido, associa a célebre frase do poeta Paul Valéry “O mais profundo é a pele” como uma via de sensações, uma camada que, embora externa, aciona os dispositivos sensoriais mais profundos no ser humano.

A comunicação também se dá pela via afetiva, pela intimidade, pela sensação de proximidade. A mudança entre o público e o privado no jornalismo durante a pandemia é uma prova disso. Antes, a rua ou o estúdio era o espaço onde o jornalista falava para os espectadores. E eles entravam em nossas casas pelo rádio ou pela TV. Agora, nós “entramos em suas casas” quando as gravações são feitas em seus espaços privados. Conhecemos seus livros, seus objetos de decoração. A impressão é que a intimidade que temos com esses jornalistas aumentou porque conhecemos um pouco de seus universos pessoais, impressão que anteriormente se neutralizava pela formalidade dos estúdios televisivos.

As imagens que outrora praticamente nos cegava com seus excessos, não somente nos grandes centros urbanos, mas, sobretudo, pela internet, hoje parece nos tirar da solidão e do medo que nos arrasa em tempos de Covid-19. Se antes éramos bombardeados por imagens excessivas, com reproduções em abundância, agora, nessa pandemia, nós é que buscamos filmes, livros de literatura, poesia, música. É uma busca voluntária. A arte está preenchendo esse vazio, sendo mais efetiva no

“O toque não é mais na pele, epiderme do corpo. O dedo tornou-se a porta de entrada para outro mundo sensorial, de informação, de comunicação. *Digitus*, em latim, significa ‘dedo’.”

processo emissor-receptor. Se o excesso de imagens foi prejudicial para comunicar, talvez o que era excesso já não transborda, é justo, e, às vezes, ainda falta.

Haverá a poesia?

A poesia, mais do que nunca, tem nos livrado da depressão, dando um alento à alma. Ainda há poesia depois de Auschwitz. Haverá depois do coronavírus? Os *Pequenos poemas em prosa*, de Charles Baudelaire (1966, p. 111), foram publicados em jornais parisienses a partir de 1855 e reunidos em livro em 1869. A comunicação pode ser sugestiva, como infere o poema “As janelas”, dessa coletânea de Baudelaire. Em nosso contexto de pandemia, quero fazer um paralelo entre a janela arquitetônica com a virtual; um exercício de transposição temporal. Se no poema baudelaireano a curiosidade pousava sobre aquilo que estava por trás de uma vidraça, hoje desperta interesse na “clausura”. Pessoas fechadas em apartamentos, em casas, fazem das janelas o único espaço de visibilidade; por ali se têm a entrada de um pouco de sol. Atrás das janelas há vidas cheias de projetos, angústias, medos... e mais uma vez podemos formar histórias a partir daquilo que a imaginação suscita – partindo tanto de uma janela arquitetônica quanto de uma tela de smartphone, tablet ou computador. O que vemos por trás das janelas virtuais? O que imaginamos? Nesse momento importa que tudo seja físico se tudo nos compõe para sermos quem somos, e se isso nos ajuda a sentir e a viver com mais entusiasmo?

Com os hábitos modificados pelo isolamento social, frequentemente nos perguntamos: Depois da pandemia seremos outros? Haverá uma “nova normalidade”? As relações mudarão? Teremos mais convivências pessoais ou nos acostumaremos com o virtual?

Talvez aquilo que antes considerávamos “a normalidade” precisava de um tempo de reflexões. Precisávamos repensar as relações humanas, o consumo desenfreado, a importância do contato físico. Creio que a tecnologia terá, sim, um uso mais frequente, porque inúmeras pessoas (especialmente as mais idosas) tiveram que aprender a usar recursos tecnológicos que antes não conheciam e que facilitam a vida, em alguns momentos. No entanto, o dígito na tela não substitui o toque na pele: os abraços resistirão a esses tempos.

Referências

- BAITELLO JUNIOR, Norval. *A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura*. São Paulo: Paulus, 2014.
- BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. Tradução de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- HAN, Byung-Chul. *Ausencia: acerca de la cultura y la filosofía del Lejano Oriente*. Traducción Graciela Calderón. Buenos Aires: Caja Negra, 2019.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *A arte de envenenar dinossauros: comunicação, filosofia e crítica dos meios*. Brasília, DF: Casa das Musas, 2014.
- SOARES, Bernardo. *Livro do desassossego*. Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1982. v. II.

Pandemia, autorrelação e a crise da gestão dos alimentos

Se a pandemia desnuda o problema alimentar em termos coletivos (fome; má nutrição; falta de segurança alimentar) e individuais, nos interpelando a respeito do autocuidado (o que escolhemos comer?), da imunidade e da saúde, todavia, nos deixa com uma interrogação mais grave ainda: Levando em conta determinadas políticas, ou a abstenção de outras, podemos estar diante de práticas eugênicas, ou genocídio dos desnutridos? Qual nossa parte diante dessa crise?

Mariana Paolozzi é professora no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Mariana Paolozzi

O problema da autorrelação é antigo na história da Filosofia, remontando à Antiguidade Tardia¹. Trata-se de importante tema da Ética, a nosso ver não discutido com a atenção que mereceria. Se na Ética a reflexão sobre a ação e conduta humana frente aos outros é tema amplamente investigado, por outro lado as decisões e escolhas que tomamos, o modo como agimos frente a nós próprios – um ato também de alcance político – pode ser tido como ponto importantíssimo e merece exame atento em suas diversas facetas (CUNHA, 2012, p. 17).

Assim, na experiência de si, os comportamentos que adotamos frente a nós mesmos – o tratamento que nos dispensamos – remete ao problema da autorrelação (inclui-se aí a questão do autocuidado) – tema que será abordado aqui em algumas de suas implicações e por questionamentos decorrentes da crise instaurada pela Covid-19².

A Pandemia/2020, espalhada por todos os cantos do globo, desencadeou medidas de urgência implementadas pelos governos. Pensemos no caso brasileiro e na quarentena; mais exatamente, o meu questionamento está dirigido a quem aderiu ao isolamento (visto que as camadas mais empobrecidas da população brasileira, embora sofrendo alguns dos seus efeitos, não chegaram a entrar em quarentena); e tem em conta um prisma bem específico da autorrelação: a questão alimentar individual associada à crise do sistema alimentar mundial.

O que escolhemos comer

Assim, inicialmente, levantarei um questionamento ético decorrente da autorrelação e ligado à questão alimentar, como apresentarei também algumas

¹Ver, por exemplo, J. Brachtendorf (2008), que aborda o tema da autorrelação em Santo Agostinho ao analisar a obra *Confissões*.

²Um acrônimo do termo “doença por corona vírus” em inglês (*corona virus disease* 2019).

Agradecimentos: a Paulo Sérvulo, pelo texto disponibilizado, e a Maria Aldrighi, pelas conversas sobre ativismo alimentar.

reflexões relativas à segurança alimentar mundial e à pandemia. Para embasar a discussão e contextualizá-la, cito o artigo de McVeigh (2020) – “Malnutrition leading cause of death and ill health worldwide” (*The Guardian*), que examina o problema da gestão mundial de alimentos e a crise instaurada pela Covid-19.

Pode parecer truísmo, mas cabe ressaltar que as escolhas que fazemos para nós relativas ao autocuidado, pensando mais exatamente sobre um ponto específico, isto é, a respeito de “o que escolhemos comer” (referindo-se aqui àquela parcela de nossa sociedade que tem o que comer e que pode escolher do que se alimentar), ultrapassam as questões do âmbito da saúde pessoal, entrelaçando-se à gestão mundial de alimentos.

Como se pode constatar, os temas mais notórios e debatidos da gestão mundial de alimentos dizem respeito, por exemplo, ao problema da desnutrição e da fome; à segurança alimentar; também ao impacto ambiental da má gestão dos alimentos e da terra.

No entanto, importa associar o tema da gestão de alimentos a outra importante matriz, a da autorrelação e o modo como lidamos com nossa alimentação e seu alcance transpessoal. Nesse sentido, podemos pensar no ativismo alimentar – a micropolítica das práticas cotidianas³ –, como também nas relações entre alimentação e impacto ambiental.

O artigo “*Malnutrition leading cause of death and ill health worldwide*” aponta a necessidade da transformação da gestão dos alimentos em escala mundial. Primeiro, para se combater o problema da fome, e das complicações de saúde decorrentes daí; e segundo, aponta-se também nesse quadro para o problema ambiental gerado pela má gestão dos alimentos.

Desnutrição e fome como fatores de morte

E aqui chegamos mais diretamente à questão da pandemia. O artigo citado aborda a questão alimentar e o impacto do coronavírus. Todos sabemos que pessoas famélicas e desnutridas têm baixa imunidade. Até aí nenhuma novidade. Mas se a desnutrição e a fome são as maiores causas de morte e de problemas de saúde no mundo (vide relatório mundial de nutrição de 2020)⁴, acrescente-se agora o impacto do coronavírus frente a essa realidade.

David Nabarro (representante especial do Secretariado-Geral da ONU para Segurança Alimentar) comenta que pessoas subnutridas podem estar mais expostas ao risco de coronavírus, devido à debilitação do sistema imunológico, enquanto a obesidade e diabetes também estão associadas aos piores resultados frente à resistência ao vírus.

Relata-se que uma em cada nove pessoas no mundo passa fome (820 milhões de pessoas) e uma em cada três está com sobrepeso. O número de países com doenças ligadas à obesidade e doenças ligadas à dieta constantemente aumenta, para além da desnutrição clássica. A fim de combater a desnutrição e a má alimentação – tidos como fatores “multiplicadores de ameaças” por gerarem baixa imunidade –, é preciso uma mudança e transformação na gestão de alimentos.

Relata-se também que a maioria das pessoas não pode acessar ou comprar alimentos saudáveis, devido aos sistemas agrícolas que favorecem calorias em

“ “A fim de combater a desnutrição e a má alimentação – tidos como fatores ‘multiplicadores de ameaças’ por gerarem baixa imunidade –, é preciso uma mudança e transformação na gestão de alimentos.”

³ Ver as interessantes observações de Dória e Azevedo (2020, *on-line*), “Por último, mas não menos importante, o discurso das micropolíticas das práticas cotidianas, dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Felix Guattari, transfere o poder para as mãos dos indivíduos, grupos e organizações. São teorias que têm em comum o deslocamento das ações transformadoras para um território ainda não ‘colonizado’ pelos partidos tradicionais, mesmo os de esquerda.”

⁴ Disponível em: <https://globalnutritionreport.org/reports/2020-global-nutrition-report/2020-global-nutrition-report-context-covid-19/>.

“*Ao se consumir alimentos com agrotóxicos, contribui-se indiretamente para o impacto do meio ambiente (contaminação ambiental); deteriora-se a saúde; e de modo indireto se favorece a indústria de defensivos agrícolas perniciosos.*”

detrimento da nutrição⁵, bem como devido à oferta maciça e ao baixo custo de alimentos altamente processados.

Assim, nesse espectro, tanto a fome, a desnutrição, quanto a má alimentação (que pode desencadear o sobrepeso e obesidade – ligada ao consumo de alimentos altamente processados) estão associadas à baixa imunidade das pessoas. Em outras palavras, o coronavírus está, nada mais, nada menos, expondo à luz do dia, em escala global, também as deficiências do sistema mundial alimentar já afetado pelas mudanças climáticas e marcantes disparidades sociais. Ou seja, ele salienta aspectos da crise.

O alcance ético de nossas escolhas

Pensando na autorrelação (exacerbada pela quarentena em suas facetas positivas e negativas) e alimentação – incluindo aí o pano de fundo da gestão mundial de alimentos –, percebemos o alcance ético de nossas escolhas, e aqui, mais especificamente, de nossas escolhas alimentares. Como nos alimentamos, de que modo, e com o quê? Quais as consequências de nossas escolhas?

A escolha de nossa alimentação tem alcance ético e político, como bem vem demonstrando o ativismo alimentar, considerando

[...] uma vertente do ativismo político, que corre por fora dos partidos, e que emergiu como uma perspectiva mais porosa e criativa de fazer política, sendo recorrentemente associado a causas progressistas e à promoção da equidade e dos direitos das minorias, visando uma transformação da realidade a partir de estratégias coletivas (DÓRIA; AZEVEDO, 2019, [on-line]).

O que escolher comer? Que relação queremos estabelecer com o meio ambiente e com o desejo de saúde?

Nessa linha, podemos contribuir para a preservação ou destruição do meio ambiente por meio de nossas opções alimentares. Ao se consumir alimentos com agrotóxicos, contribui-se indiretamente para o impacto do meio ambiente (contaminação ambiental); deteriora-se a saúde; e de modo indireto se favorece a indústria de defensivos agrícolas perniciosos; ao se comer carne pode-se incentivar indiretamente os maus-tratos aos animais e os danos ambientais (degradação do meio ambiente decorrente da indústria agropecuária); o consumo de alimentos altamente processados, além de prejudicar a saúde, também é fator que contribui para a degradação do meio ambiente.

Em suma, se a pandemia desnuda o problema alimentar em termos coletivos (fome; má nutrição; falta de segurança alimentar) e individuais, nos interpelando a respeito do autocuidado (o que escolhemos comer?), da imunidade e da saúde, todavia, nos deixa com uma interrogação mais grave ainda: Levando em conta determinadas políticas, ou a abstenção de outras, podemos estar diante de práticas eugênicas, ou genocídio dos desnutridos? Qual nossa parte diante dessa crise?

⁵ Podemos pensar aqui, como exemplo, nas monoculturas de cana-de-açúcar e do papel do açúcar na indústria alimentar.

Referências

BRACHTENDORF, Johannes. *Confissões de Agostinho*. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2008.

DÓRIA, Carlos Alberto; AZEVEDO, Elaine de: *Banquetaço*: ativismo alimentar e a construção de novas formas de expressão política. *Le Monde Diplomatique*, 19 mar. 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/banquetaco-ativismo-alimentar/>. Acesso em: 06 maio 2020.

MCVEIGH, Karen. Malnutrition leading cause of death and ill health worldwide. *The Gardien*, [on-line] Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2020/may/12/malnutrition-leading-cause-of-death-and-ill-health-worldwide-report>. Acesso em: 15 maio 2020.

CUNHA, Sérgio Sérvulo da. *Ética*. São Paulo: Saraiva, 2012.



Lições da pandemia para o mundo do trabalho

Gabriela Neves Delgado é professora associada de Direito do Trabalho da Faculdade de Direito da UnB, coordenadora e pesquisadora do Grupo de Pesquisa “Trabalho, Constituição e Cidadania” (UnB/CNPq).

Lucilia de Almeida Neves Delgado é ex-professora adjunta de História da UnB e do seu Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania.

Mauricio Godinho Delgado é professor de Mestrado em Direito das Relações Sociais e Trabalhistas do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF), ministro do Tribunal Superior do Trabalho.

Desafio para o século XXI, a pandemia da Covid-19 revela novos significados para as dimensões de proximidade e distância. É uma crise cujos efeitos podem se aproximar do cotidiano das pessoas como transcender o ambiente doméstico, projetando-se a distância e em escala global.

Gabriela Neves Delgado
Lucilia de Almeida Neves
Mauricio Godinho Delgado

Alguns historiadores, entre os quais destaca-se Eric Hobsbawm (1917-2012), afirmam que o século XX teve início com a Primeira Guerra Mundial, ocorrida entre 1914 e 1918, cujos desdobramentos foram decisivos para o significado e o direcionamento da nova era (HOBSBAWM, 1994). É também possível considerar, na linha de pensamento de Jérôme Baschet (2020), que o século XXI se inicia em 2020 sob o signo da Covid-19, uma *crise de feição multidimensional*.

Em relação às dimensões¹ da recente crise, algumas características se revelam. Quanto à extensão, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou ser esta uma *crise pandêmica* (OMS, 2020), pois o novo coronavírus se difundiu como um rompante por todo o globo, avolumando-se do Extremo Oriente ao Extremo Ocidente, de norte a sul, do centro à periferia, sem limites.

É também uma crise em que se mostram presentes as *dimensões de proximidade e distância*. Assim, ao mesmo tempo que os efeitos da crise pandêmica atingem e se aproximam do cotidiano das pessoas, consideradas suas particularidades e experiências individuais, também transcendem o ambiente doméstico, projetando-se a distância e em escala global. Por isso mesmo é que as medidas de combate à propagação da pandemia dependem, em certa dimensão, de ações individuais, sobretudo pela necessária mudança e/ou aperfeiçoamento de hábitos higiênicos. Porém, dependem ainda, em maior grau, de ações estruturais de grande porte, apoiadas em políticas públicas que envolvam os três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) – cada um à sua maneira –, desde que comprometidos com o projeto constitucional de 1988, de um efetivo Estado de Bem-Estar Social, inclusive com esteio em uma ciência forte, com instituições científicas e universitárias valorizadas.

Na *dimensão da longitude*, a atual pandemia se exterioriza como uma crise profunda e de longa duração, cujos efeitos sociais, econômicos, ambientais e trabalhistas seguramente se prolongarão no tempo histórico, mesmo que uma vacina seja descoberta no curto ou médio prazo, e que assim haja possibilidade de se neutralizar os impactos específicos da crise sanitária.

¹ As dimensões indicadas neste artigo foram classificadas no Dicionário Analógico da Língua Portuguesa. A respeito, consultar: AZEVEDO (2016, p.75-87).

Caracteriza-se, ainda, como uma *crise de dimensão transversal*, apresentando em si um entrelaçamento de múltiplos fatores, “[...] no qual a realidade biológica do vírus é indissociável das condições sociais e sistêmicas de sua existência e difusão”. (BASCHET, 2020). Por isso, a pandemia deve ser tratada como um *fenômeno polissêmico e multicausal*, imbricado pelo entrelaçamento de questões biológicas e raciais, de classe e gênero, de precariedade e trabalho.

Sua transversalidade é reforçada em tempos de globalização financeira, pelo crescente fluxo informacional e de exploração do trabalho humano, e mais ainda, pelos intensificados níveis de instabilidade e de insegurança, típicos do período pandêmico.

Algumas lições necessárias

Por toda a sua complexidade, a pandemia da Covid-19 é um desafio para o século XXI. Se este século começa agora, e se o mundo pós-pandemia está em disputa, algumas reflexões vêm à tona²: Como participar do presente e contribuir para as transformações do futuro? É possível espelhar uma cultura civilizatória para o futuro que está por vir? Quais são as lições que despontam dessa fase pandêmica, especificamente em relação ao mundo do trabalho? Note-se que tais reflexões são situadas em meio às variadas experiências de um presente ainda vivido – o que é um desafio para a prospecção de futuro. Ainda assim, algumas *lições da pandemia para o mundo do trabalho* já se configuram com clareza.

A *primeira* delas baseia-se na necessidade de retomada do papel do Estado de Bem Estar-Social na articulação de políticas públicas e com uma pauta protetiva em relação ao Direito do Trabalho, tal como determinado pela Constituição de 1988 (DELGADO; DUTRA, 2020). Para combater a crise pandêmica e soerguer a economia e a sociedade em meio ao progresso neoliberal que se mostra ilusório e insustentável, vários países adotaram um repertório internacional abrangente³, em consonância com um projeto de Estado de Bem-Estar Social, com destaque para a fixação de renda mínima para os mais vulneráveis, respeito aos direitos sociais e investimento em saúde pública universal (DELGADO; DUTRA, 2020).

O Brasil, em sentido oposto, reage à crise pandêmica enfatizando a linha da política neoliberal internalizada, em maior ou menor grau, há cerca de três décadas. Com isso, descarta o projeto constitucional de 1988 e insiste em um padrão sistêmico de retrocessos e desigualdades sociais, demarcado por políticas de restrições aos investimentos públicos, associadas à desregulamentação e flexibilização previdenciária e trabalhista.

Em meio à crise pandêmica, o Estado Brasileiro optou por institucionalizar uma legislação trabalhista de emergência, com a edição das Medidas Provisórias. 927 e 936, a par de diversas outras. Os citados diplomas normativos abriram “fendas no processo civilizatório com potencial de reduzir o trabalho humano a um mero recurso de sobrevivência, destituído de sua função constitucional protetiva da dignidade humana”, ao autorizarem a redução salarial e a compensação de jornada por acordo individual de trabalho (DELGADO; AMORIM, 2020).

Conforme ponderam Gabriela Neves Delgado e Helder Santos Amorim (2020), a “[...] legislação de emergência na pandemia deve ser acompanhada

“O Brasil reage à crise pandêmica enfatizando a linha da política neoliberal internalizada, em maior ou menor grau, há cerca de três décadas.”

² Questionamentos originalmente apresentados em Delgado (2020).

³ Para dados específicos da realidade de cada país, consultar: Organização Internacional do Trabalho (OIT). Disponível em: <https://www.ilo.org/global/topics/coronavirus/country-responses/lang--en/index.htm#AR>.

“Governos de orientação neoliberal, por não promoverem uma regulação protetiva e inclusiva do trabalho humano, estimulam altos níveis de precarização, empobrecimento e desigualdade.”

com cautela, para que não se naturalize a ruptura com as principais conquistas civilizatórias alcançadas no campo do Direito do Trabalho brasileiro”.

Proteção ao trabalho e solidariedade

A *segunda lição* da pandemia para o mundo do trabalho reforça a relação de causalidade entre a política estatal e o sistema de proteção ao trabalho, sendo que o segundo deriva e depende do primeiro. Em tempos de pandemia, essa relação de causalidade se intensifica significativamente.

Nesse sentido, verifica-se que governos de orientação neoliberal, por não promoverem uma regulação protetiva e inclusiva do trabalho humano, estimulam altos níveis de precarização, empobrecimento e desigualdade. Na pandemia, essa desarticulação social sistêmica é exacerbada, tornando-se implacável para os mais pobres e vulneráveis, os quais são, regra geral, mais expostos aos riscos de contágio⁴.

Portanto, países periféricos, abandonados pela falta de investimentos públicos e enfraquecidos do sentido de cidadania universal e inclusiva, como é o caso do Brasil, precisam com urgência estruturar medidas de proteção social arquitetadas em políticas públicas coesas e inclusivas, conforme já indicado na *primeira lição*⁵. Esta orientação, por óbvio, precisa alcançar também o Poder Judiciário, em sua missão constitucional de interpretação da ordem jurídica.

Na esfera pública, ainda desponta a *terceira lição*, referente à necessidade de se estimular a mobilização social e dos coletivos para a edificação de uma sociedade que se atualize “nas formas de solidariedade e de cooperação global” – o que há tempos é anunciado por Leonardo Boff (2020).

Nessa mesma linha de pensamento, e também articulando lições da pandemia, Marcelo Rebelo de Sousa (2020) aponta que “somos todos iguais a partilhar aquilo que é de todos”. Ou seja, “se a pandemia é de todo o mundo, deve todo o mundo ficar unido para tratar da pandemia”, movidos por um esforço comum e por um caminho compartilhado.

A *quarta lição* diz respeito à necessidade de se universalizar a proteção trabalhista a todo e qualquer trabalhador, empregado ou não, com substrato na teoria constitucionalizada do direito fundamental ao trabalho digno⁶ (DELGADO, 2015). Em outros termos, a afirmação do constitucionalismo no campo das relações de trabalho requer a efetivação do patamar civilizatório dos direitos fundamentais, com destaque para os direitos à jornada de trabalho, à garantia de renda mínima e à proteção à saúde e ao meio ambiente de trabalho⁷.

Consumo consciente

A *quinta lição* impulsiona por uma alteração significativa dos padrões de consumo estimulados contemporaneamente. Para David Harvey (2020),

⁴ A respeito dos impactos da pandemia sobre os mais vulneráveis, consultar: Le Monde Diplomatique Brasil. Entrevista com Judith Butler.

⁵ Para a melhor compreensão do Estado de Bem Estar-Social na sociedade capitalista, consultar, ilustrativamente: DELGADO; PORTO (2018). Igualmente, DELGADO; PORTO (2019).

⁶ A respeito, consultar também: CARELLI (2020).

⁷ Rodrigo Carelli propõe a criação de um “Direito Ecológico do Trabalho” estruturado por um tripé de atuação: “regulação estrita do tempo de trabalho, garantia de renda mínima universal e defesa do meio ambiente do trabalho”. A respeito, consultar: CARELLI (2020).

o modelo do “consumismo instantâneo” é inviável nas atuais condições pandêmicas. Gabriela Neves Delgado (2020), na mesma direção, ressalta que é preciso que todos sejam “capazes de agir como consumidores mais atentos e conscientes sobre a forma como o produto impacta o meio ambiente, a comunidade e as relações de trabalho”. Reforça, ainda, que é preciso “resgatar a simplicidade em contraposição ao cenário de excessos pelo qual passávamos, porque o consumo desenfreado desempenha um papel decisivo na degradação ambiental e trabalhista”. (DELGADO, 2020).

A *sexta lição* diz respeito à importância da regulação do teletrabalho. É fato que a tecnologia se revelou importante para compensar os desafios sociais e afetivos da política de distanciamento social. As relações de trabalho também precisaram se adaptar às exigências de afastamento social e às inovações tecnológicas, o que alavancou a modalidade do teletrabalho por toda parte do mundo.

No entanto, é recorrente, no teletrabalho, a imposição de um ritmo de produção sem pausas, com demandas que não param de crescer, circunstância que provoca sobrecargas psíquicas com uma série de impactos na saúde do trabalhador. Em contraposição à estrita sociedade do desempenho⁸, é urgente concretizar-se o direito fundamental à limitação da jornada de trabalho e o direito à desconexão no teletrabalho, pautas condizentes com o Direito do Trabalho constitucionalizado⁹.

Enfim, na busca por lições da pandemia para o mundo do trabalho – e mesmo que a humanidade precise se aventurar por um futuro incerto –, é primordial que os parâmetros civilizatórios de proteção ao trabalho sejam cumpridos pela via da afirmação dos direitos fundamentais e pela retomada dos fundamentos éticos da dignidade humana.

Referências

AZEVEDO, Francisco Ferreira. *Dicionário analógico da Língua Portuguesa: ideias afins/thesaurus*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

BASCHET, Jérôme. Covid-19: el siglo XXI empieza ahora. *Herramienta Web: Revista de debate y crítica marxista*. La pandemia del capitalismo, n. 28, abr. 2020.

BOFF, Leonardo. *O que esperar do mundo pós-coronavírus?* 12 de maio de 2020. Disponível em: https://youtube.be/E6Q1_TVWuBw. Acesso em: 02 jun. 2020.

CARELLI, Rodrigo de Lacerda. Primeiras linhas de um direito ecológico do trabalho: lições da pandemia. *Jota*, 7 de maio 2020.

DELGADO, Gabriela Neves. *Direito fundamental ao trabalho digno*. 2. ed. São Paulo: LTr, 2015.

DELGADO, Gabriela Neves. Em tempos de pandemia, qual futuro do trabalho almejamos?. Entrevista à Anamatra (Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho), 5 de junho de 2020. <https://www.anamatra.org.br/imprensa/noticias/29937-sistema-de-protecao-trabalhista-deve-ser-universal-moderno-mas-nao-precarizado-ou-excludente-afirma-pesquisadora>.

DELGADO, Gabriela Neves; AMORIM, Helder Santos. O perigo de naturalização da legislação trabalhista de emergência na pandemia. *Jota*, 6 de julho de 2020.

⁸ Os efeitos colaterais do discurso motivacional de uma estrita sociedade de desempenho foram bem tratados em: HAN (2015).

⁹ Nessa linha, consultar: DELGADO; DI ASSIS; ROCHA (2020).

“ Países periféricos, abandonados pela falta de investimentos públicos e enfraquecidos do sentido de cidadania universal e inclusiva, como é o caso do Brasil, precisam com urgência estruturar medidas de proteção social arquitetadas em políticas públicas coesas e inclusivas.”

DELGADO, Gabriela Neves; DI ASSIS, Carolina; ROCHA, Ana Luísa Gonçalves. A melancolia no teletrabalho em tempos de coronavírus. *Rev. Trib. Reg. Trab. 3ª Reg.*, Belo Horizonte, edição especial, t. I, p. 171-191, jul. 2020.

DELGADO, Gabriela Neves; DUTRA, Renata Queiroz. O que vem depois da crise? O Estado Social nos lembra o seu papel. *Jota*, 08 de abril de 2020.

DELGADO, Mauricio Godinho; PORTO, Lorena Vasconcelos (Org.). *O Estado de bem estar-social no século XXI*. 2. ed. São Paulo: LTr, 2018.

DELGADO, Mauricio Godinho; PORTO, Lorena Vasconcelos (Org.). *Welfare State – os grandes desafios do Estado de Bem-Estar Social*. São Paulo: LTr, 2019.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachin. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HARVEY, David. Política anticapitalista en tiempos de coronavirus. *Herramienta Web: Revista de debate y critica marxista*. La pandemia del capitalismo, n. 28, abr. 2020.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. Tradução de Marcus Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. Entrevista com Judith Butler. Quando a economia se torna o berro agonizante dos eugenistas. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/quando-a-economia-se-torna-o-berro-agonizante-dos-eugensitas>. Acesso em: 02 jun. 2020.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde declara novo coronavírus uma pandemia, 11 de março de 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706881>.

SOUSA, Marcelo Rebelo de. As lições da pandemia, 2020. Disponível em: http://tcvultura.com.br/noticias/9577_presidente-de-portugal-viraliza-na-internet-apos-dar-aula-online.html. Acesso em: 29 jun. 2020.

Arte e promoção de saúde em tempos de Covid-19

A Universidade de Brasília foi protagonista de uma ação da mais alta relevância, criando estratégias próprias para o enfrentamento da pandemia, por meio do Grupo de Trabalho (GT) de Prevenção e Promoção à Saúde, assegurando que a comunidade acadêmica pudesse sentir segurança durante o isolamento social a que todos foram obrigados a fazer.

**Flávia Mazitelli de Oliveira
Daniela da Silva Rodrigues
Josenaide Engracia dos Santos**

Flávia Mazitelli de Oliveira é professora adjunta do Curso de Terapia Ocupacional da UnB – Faculdade de Ceilândia (FCE).

Daniela da Silva Rodrigues é professora assistente do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Brasília (UnB).

Josenaide Engracia dos Santos é professora adjunta do Curso de Terapia Ocupacional da UnB – Faculdade de Ceilândia (FCE).

No final de 2019, o mundo foi surpreendido por uma pandemia devido ao surto da Covid-19, que gerou a situação de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da instituição, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional (OMS, 2020). No Brasil, diante da evidência eminente de uma epidemia, o Ministério da Saúde (MS) instituiu, em janeiro de 2020, o Centro de Operações de Emergência em Saúde Pública (COE-Covid-19), com o intuito de monitorar a entrada de possíveis casos de Covid-19 no país (CRISPIM *et al.*, 2019).

Este cenário mobilizou a Universidade de Brasília (UnB) no sentido de criar estratégias próprias para o enfrentamento da pandemia, fazendo com que a sua comunidade acadêmica refletisse sobre práticas inovadoras durante o contexto de confinamento. Nessa perspectiva, o Grupo de Trabalho (GT) de Prevenção e Promoção à Saúde, vinculado ao Plano de Contingência em Saúde Mental e Apoio Psicossocial da UnB, passou a elaborar atividades *on-line* e privilegiou a arte e a literatura como recurso facilitador na construção de espaços virtuais de cuidado e de atenção à saúde de sua comunidade acadêmica.

Acreditamos que nesse cenário de pandemia o uso das tecnologias virtuais pode amenizar o distanciamento social, promovendo aproximação, novas redes de suporte e interações entre a comunidade acadêmica. Diante desta breve contextualização, este relato objetiva fazer uma reflexão sobre o uso da arte e da literatura como recurso de promoção de saúde e cuidado em espaços virtuais.

Reinventando novos espaços promotores de saúde

A busca por alternativas de novas formas de espaços de cuidado e apoio psicossocial aos estudantes universitários foram embasadas nos princípios da Universidade Promotora de Saúde (UPS). Doori (2001) e Oliveira (2017) apontam que as UPS têm como objetivo o desenvolvimento de uma formação inovadora e criativa, e, para tanto, considera-se responsável pela criação de ambientes que promovam qualidade de vida, bem-estar, saúde e prevenção de riscos de maneira integrada.

Sendo assim, o GT de Promoção e Prevenção à Saúde buscou criar espaços de cuidado virtual de acolhimento e cuidado para a comunidade acadêmica, no

“No cenário de pandemia o uso das tecnologias virtuais pode amenizar o distanciamento social, promovendo aproximação, novas redes de suporte e interações entre a comunidade acadêmica.”

“O GT de Promoção e Prevenção à Saúde buscou criar espaços de cuidado virtual de acolhimento e cuidado para a comunidade acadêmica, no sentido de construir vínculos e promover o pertencimento de grupos e coletivos, apesar de todo o distanciamento físico imposto pela pandemia.”

sentido de construir vínculos e promover o pertencimento de grupos e coletivos, apesar de todo o distanciamento físico imposto pela pandemia. A proposta descrita é denominada Bate-Papo Literário (BPL) On-line.

O BPL configura-se como um espaço virtual ancorado na proposta da literatura e da leitura como promotores de saúde, visando alimentar a alma, o coração e a aproximação em tempos de isolamento social. Conta com uma equipe interdisciplinar, e essa diversidade tem se revelado um grande potencial para o desenvolvimento dessa atividade. A interação ocorre em aplicativo que permite interação rápida e variada, por mensagens de texto e voz. O grupo conta, em média, com 150 integrantes, entre equipe, estudantes e servidores técnicos-administrativos.

Por fim, as trocas nesse espaço virtual ocorreram a partir da leitura de poemas, livros, poesias, crônicas, letras de músicas. A prática inicial causava certa estranheza que foi sendo substituída por um encantamento por aquele mundo vivenciado pela equipe do BPL e revelou-se como um espaço de autocuidado e promoção de saúde, sobretudo de transformação e empoderamento. O BPL *on-line* mostrou-se como um organismo vivo em permanente movimento – uma proposta inovadora para a oferta de cuidado e fortalecimento de vínculo na pandemia.

Referências

CRISPIM, Douglas *et al.* Recomendações práticas para comunicação e acolhimento em diferentes cenários da pandemia, 2019. Disponível em: TEXTO 14 A solidariedade em tempos de Covid.docx. Acesso em: 20 jun. 2020.

DOORI, Mark. The “health promoting university”: a critical exploration of theory and practice. *Health Education*, v. 101, n. 2, p. 51-60, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/242342881_The_Health_Promoting_University_A_critical_exploration_of_theory_and_practice. Acesso em: 20 jun. 2020.

OLIVEIRA, Cristiano de Souza. *Universidade promotora de saúde: uma revisão de literatura*. 2017. 72 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia - Instituto de Artes, Humanidades e Letras, Salvador, 2017.

OMS. What is a pandemic? Disponível em: http://www.who.int/csr/disease/swineflu/frequently_asked_questions/pandemic/en/ 2010. Acesso em: 20 jun. 2020.

A vida como valor absoluto

Sabe-se como o capitalismo sobrevive. Neste tempo de pandemia não poderia ser diferente. Houve quem acreditasse que um “novo normal” surgiria para deixar todos mais solidários com a dor dos outros. Ledo engano. Continuam explícitas, e assim será, a ganância e a concentração de renda.

Uribam Xavier
é professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Uribam Xavier

Vive-se sem emprego, mas não existe emprego sem vida. A maioria dos trabalhadores no mundo vive na miséria, mas não existe patrão acumulando riqueza sem a exploração de mão de obra. O mercado tem a acumulação de riqueza como valor absoluto, o que se configura uma negação da ética, e fora dela não é possível colocar a vida como valor absoluto.

Depois de duas grandes guerras mundiais, do nazismo, do fascismo, da Guerra Fria e da queda do Muro de Berlim, ficou claro que o capitalismo é um sistema da morte. Sua existência tem como finalidade a barbárie, hoje tão bem visualizada na destruição da natureza, na concentração de renda e na situação de miséria e pobreza em que vive a maioria da população do planeta.

A concentração de renda no planeta é tão brutal que já se fala que 1% de ricos concentram em suas mãos 99% da riqueza produzida no planeta, e 99% da população trabalhadora divide apenas 1% de toda riqueza que produziu com o seu trabalho. Quem afirmou isso foi o movimento Occupy Wall Street, que eclodiu nos Estados Unidos em setembro de 2011 contra a crise estrutural do capitalismo. Portanto, no capitalismo não se vive para trabalhar, trabalha-se para viver miseravelmente até a morte. Mas, com a tecnologia substituindo o homem no processo de produção, muitos são descartados, e sua presença no mundo se torna indesejada, um incômodo por exigir ações genocidas por parte do sistema.

A pandemia do novo coronavírus dividiu os capitalistas: uns logo perceberam que é melhor o isolamento social para depois voltar à “normalidade”, passando a ideia de que o mais importante é manter a força de trabalho viva, e o caminho mais seguro e rápido para sair da crise; e os iracundos, que não admitem perder nada, que encontrem na pandemia uma forma de descartar parte dos indesejados, mesmo que alguns dos seus entrem nas estatísticas, que se colocam contra o isolamento social, expressando as suas ganâncias na defesa da absolutização do mercado, que aparecem numa narrativa de defesa do emprego do trabalhador e do menor sofrimento para os pobres, como se os pobres não fossem uma produção da exploração do trabalho.

Bolsonaro tem razão, tem que se voltar ao trabalho. Sem exploração do trabalho não tem produção, e sem produção o patrão não acumula riqueza. Sem acumulação de riqueza não se pode dominar, perde-se a distinção e se abre caminho para se pensar outro sistema social e outras condições de vida. Tem que voltar a trabalhar, pois, mesmo que muitos morram, o importante é que o processo de acumulação de riquezas não pode parar. A vida não é um valor absoluto. Todavia, para uma razão ética, qualquer vida importa (planta, um rio, bicho, gente), e o dinheiro, a tecnologia e o saber devem ser disponibilizados para todos e submetidos ao império da vida sem custo, pois já foi produzido,

“Depois de duas grandes guerras mundiais, do nazismo, do fascismo, da Guerra Fria e da queda do Muro de Berlim, ficou claro que o capitalismo é um sistema da morte.”



pelo trabalhador, como efetivação da vida. A razão do Bolsonaro e de seus seguidores é uma razão genocida.

Com o processo de dominação das emoções, parte da indignação social ou mobilização de vontades políticas é fruto de mobilizações manipuladas, como, por exemplo, o uso de fake news na formalização de opinião pública mobilizadora ou criadora de imaginários, principalmente nas redes sociais, fato que aponta para o abandono da democracia e para a instauração da tirania social como modo de sociabilidade entre as pessoas. Trata-se de um esvaziamento das normas morais e de convivência, o que pode nos levar a uma situação de anomia cuja consequência é a “guerra de todos contra todos”.

Diante desse cenário de guerra, agora agravado com a pandemia do novo coronavírus, o enfrentamento ao capitalismo e a crise civilizatória da modernidade são os maiores desafios do século XXI para os que se colocam como horizonte a emancipação em suas várias possibilidades. Se o líder e intelectual indígena, Ailton Krenak, oferece-nos ideias para adiar o fim do mundo, podemos nos juntar a ele e ao seu povo para pensar um outro fim do mundo, no qual a vida seja um valor absoluto.

“Com a tecnologia substituindo o homem no processo de produção, muitos são descartados, e sua presença no mundo se torna indesejada, um incômodo por exigir ações genocidas por parte do sistema.”

Reflexões sobre o futuro e o Direito pós-pandemia

No distanciamento social, que impõe um necessário recolhimento, os que não se rendem ao imobilismo depressivo, mas que sabem exercitar suas angústias, ao invés de a elas sucumbir, disse Boaventura de Sousa Santos, acabam construindo no isolamento um campo fecundo para a criatividade e para a reflexão em profundidade

José Geraldo de Sousa Jr. é professor titular da Faculdade de Direito e ex-Reitor da UnB; coordena o projeto “O Direito Achado na Rua”.

José Geraldo de Sousa Junior

Diz-se que William Shakespeare (1654-1616) escreveu o *Rei Lear*, *Macbeth* e *Antônio e Cleópatra* em quarentena, ou pelos menos para vencer as dificuldades da ocasião, ao tempo da peste bubônica, que se alastrou em Londres por volta dos 1606, quando, em conformidade com as posturas os teatros foram fechados, incluindo o *The King's Men*, do qual era ator e acionista.

Ninguém atravessa uma condição tão avassaladora e permanece insensível ao que ela interpela, no que somos e no que vivenciamos, mesmo após o amainar da condição tormentosa. Isaac Newton, Edvard Munch, Giovanni Boccaccio, que passaram por essa experiência, a refletem em seus registros memorialistas. Veja-se os autorretratos de Munch. Não será extravagante supor que a voz de “Próspero”, em *A tempestade* (Ato IV), de Shakespeare, reverberando o esvanecer-se no ar, nada deixando para trás, nem sinal, nem vestígio, não carregue esse sentido de uma reflexão sobre a vida humana, tanto quanto sobre os escombros de um mundo em necessária transformação. Algo que não escapou à observação de Marx e sua aplicação depois no manifesto para um mundo futuro.

A dramaticidade da conjuntura

Entretanto, na algaravia da avalanche de opiniões, o que mais aturde são os muitos ruídos. São vozes dissonantes, umas porque fora do diapasão da dramaticidade da conjuntura; outras porque perplexas em face do angustiante que impregna o real; muitas *apressadas* para se fazerem presentes no debate que busca reconhecimento; muitas porque são o *dernier cri* daquilo que já se chamou com charme de *intelligentsia*, entre elas as mais agudas e bem postas, mas elas próprias indo e vindo, porque, nessa conjuntura de *dessacralização*, como lembram Shakespeare seguido por Marx, *tudo que é sólido desmancha no ar*, e o que se afirmou categoricamente ontem, precisa ser reconsiderado hoje.

É nesse emaranhado, que mais confunde do que esclarece, que leio o precioso texto de Boaventura de Sousa Santos, *A cruel pedagogia do vírus* (2020), que, tal qual a metáfora do unicórnio que o autor encontra em Leonardo da Vinci, só dominável se uma aproximação sutil, cativante e segura contiver todos os impulsos de sua disposição inquieta, porque é capaz de identificar todas as representações que eles mobilizam, se fazendo discernível, inteligível, confiável e bem orientado; assim o texto de Boaventura de Sousa Santos.

“ Não é coincidência que eu tenha recuperado em Shakespeare e na sequência, em Marx, a metáfora do esvanecimento, que alude ao trânsito ruinoso das transformações que o curso da História provoca, não para naufragar na liquefação dos seus escombros, mas para projetar novos futuros possíveis.”

Escrito neste momento de pandemia instalada com a propagação do novo coronavírus, o professor Boaventura se distanciou em Quintela, uma aldeia cerca de 40 km de Coimbra, a Quinta que foi a casa dos pais, onde continua-se a cultivar legumes e criar animais: galinhas, coelhos e cabras (exercitando por antecipação a utopia de Marx: fazer a crítica, arte e poesia de dia e apascentar o rebanho à noite), o texto vale como um mapa de orientação para a inteligibilidade de todas essas vozes.

Não é coincidência que eu tenha recuperado em Shakespeare e na sequência, em Marx, a metáfora do esvanecimento, que alude ao trânsito ruinoso das transformações que o curso da História provoca, não para naufragar na liquefação dos seus escombros, mas para projetar novos futuros possíveis. Por isso, o livro começa com o capítulo do desfazimento do que parece sólido e se completa com pistas para esses novos futuros alternativos.

Já na abertura, uma questão fundante. Ei-la:

Existe um debate nas ciências sociais sobre se a verdade e a qualidade das instituições de uma dada sociedade se conhecem melhor em situações de normalidade, de funcionamento corrente, ou em situações excepcionais, de crise. Talvez os dois tipos de situação sejam igualmente indutores de conhecimento, mas certamente que nos permitem conhecer ou relevar coisas diferentes. Que potenciais conhecimentos decorrem da pandemia do coronavírus? (SANTOS, 2020).

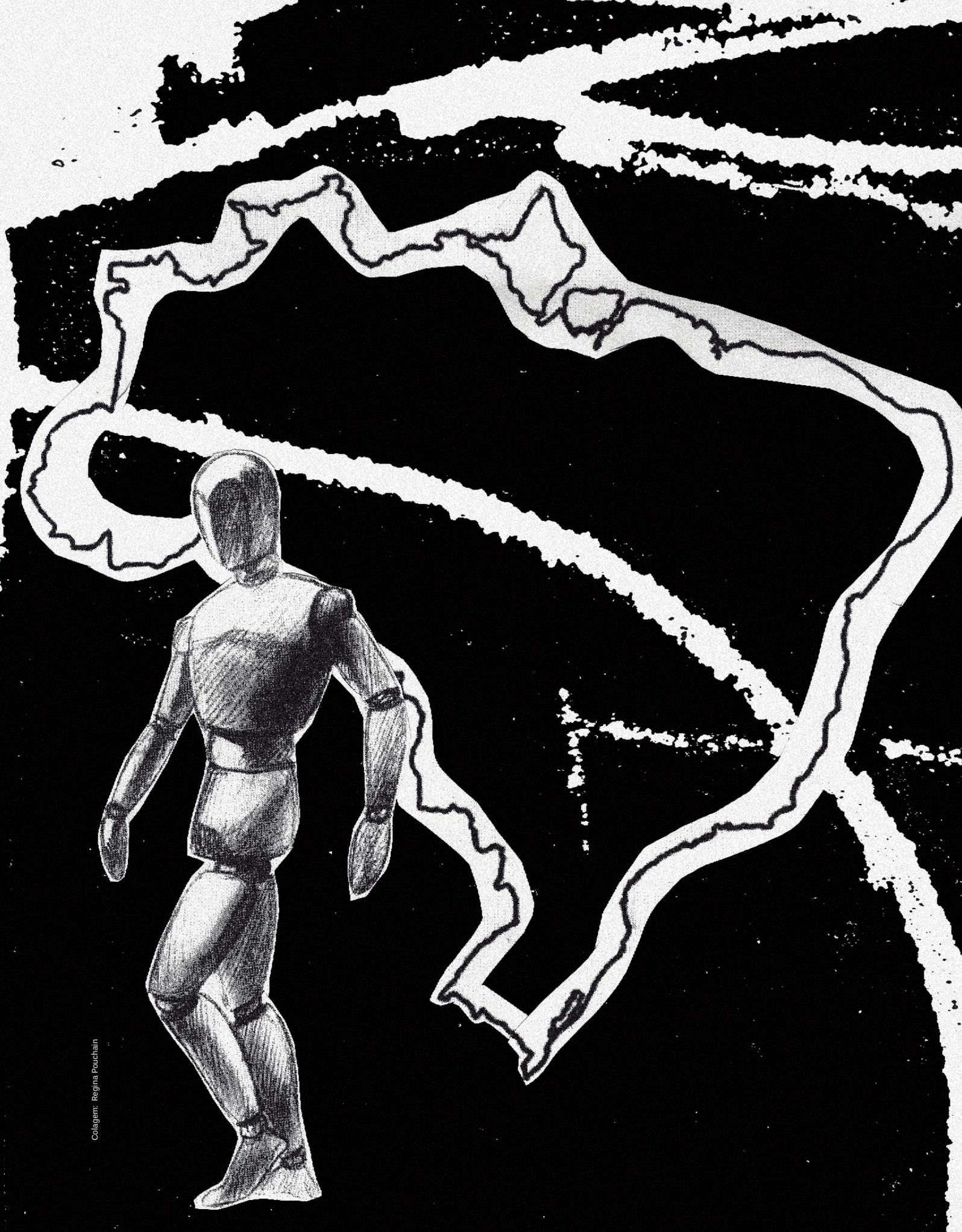
Para enfrentá-la, ao seu estilo elegante e dialético, ele se propõe conferir um conjunto de pontos de partida para o desafio de suas contradições interpelantes:

1) *A normalidade da exceção*. Para ele, a contradição está em que a “actual pandemia não é uma situação de crise claramente contraposta a uma situação de normalidade”, porque o que parece normal é, com efeito, um estado de crise permanente dissimulada sob a ilusão de normalidade, que é a realidade de permanência instável do próprio modo de produção capitalista.

2) *A elasticidade do social*. Se, conforme ele constata, “em cada época histórica, os modos de viver dominantes (trabalho, consumo, lazer, convivência) e de antecipar ou adiar a morte são relativamente rígidos e parecem decorrer de regras escritas na pedra da natureza humana”, somente uma razão preguiçosa (outra categoria analítica do autor, conforme o seu *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência* (2000), se conforma à “ideia conservadora de que não há alternativa ao modo de vida imposto pelo hipercapitalismo em que vivemos caí por terra. Mostra-se que só não há alternativas porque o sistema político democrático foi levado a deixar de discutir as alternativas”. Ainda segundo ele, “como foram expulsas do sistema político, as alternativas irão entrar cada vez mais frequentemente na vida dos cidadãos pela porta dos fundos das crises pandêmicas, dos desastres ambientais e dos colapsos financeiros. Ou seja, as alternativas voltarão da pior maneira possível”.

3) *A fragilidade do humano*. A pandemia colapsa a percepção de segurança promovida pelas ofertas mercadológicas do comércio do social e o *surto viral pulveriza esse comum*, porque sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, “mas mesmo assim cria-se com ela uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática. A etimologia do termo pandemia diz isso mesmo: todo o povo. A tragédia é que neste caso a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos. É uma estranha comunhão de destinos. Não serão possíveis outras?.

4) *Os fins não justificam os meios*. Há capacidade política para construir respostas democráticas para estabelecer uma relação de precedência da vida,



“ Assim, numa emergência composta de impulsos de exceção, o Jurídico é chamado a se constituir como arena de resistência ao processo de desdemocratização e de desconstitucionalização em curso no País e à banalização da vida pela ação de governança absolutamente incompetente para agir no enfrentamento à pandemia.”

inclusive de toda a vida planetária sem que ela precise ser consumida. Ao contrário, o autor problematiza: temos condições de “imaginar soluções democráticas assentes na democracia participativa ao nível dos bairros e das comunidades e na educação cívica orientada para a solidariedade e cooperação, e não para o empreendedorismo e competitividade a todo o custo”.

5) *A guerra de que é feita a paz.* Não se pode perder de vista o modo de construção da narrativa da pandemia, mesmo nos meios de comunicação, que não disfarçam o sentido de sua mobilização entre dois contendores assentados numa disputa econômico-ideológica competindo por hegemonia: EUA e China.

6) *A sociologia das ausências.* Aqui outra categoria de análise que se completa com a *sociologia das emergências*. Uma exigência para divisar os dramas que se desenrolam de modo muitas vezes difuso nas sombras que a visibilidade vai criando, a exigir atenção para as condições que se degradam nas *zonas de invisibilidade* que se descortinam em muitas regiões do mundo *e talvez mesmo aqui, bem perto de cada um de nós, bastando abrir a janela.*

A realidade interpelante

O desafio é então dirigido ao pensamento crítico e a sua disponibilidade para apreender a realidade interpelante. Para ele, nesta passagem, que designa como *a realidade à solta e a excepcionalidade da exceção*, o autor afirma que a pandemia confere à realidade uma liberdade caótica, e qualquer tentativa de a aprisionar analiticamente “está condenada ao fracasso, dado que a realidade vai sempre adiante do que pensamos ou sentimos sobre ela. Teorizar ou escrever sobre ela é pôr as nossas categorias e a nossa linguagem à beira do abismo”. Enorme desafio para os intelectuais, pois trata-se, diz o autor, de exercitar a função intelectual “atentos às necessidades e às aspirações dos cidadãos comuns e saber partir delas para teorizar”.

Na continuidade do livro, focalizando a intensa “pedagogia do vírus” e as suas lições, o autor apela ao *regresso do Estado e da comunidade* para retomar os princípios de regulação e para desafiar a um aprendizado de alternativas que recuperem, em face dos défices de esgotamentos de modelos, as que sejam credíveis de novas solidariedades e formas de emancipação, num chamado para a renovação da função do Direito.

Pensando que o futuro pode começar hoje, se a pandemia e a quarentena revelam que são possíveis alternativas, que as sociedades podem se adaptar ou inventar novos modos de viver quando isso é necessário, se se pode, como exortou o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, redescobrir *a política como dimensão sublime da caridade* (nº. 205), “só com uma nova articulação entre os processos políticos e os processos civilizatórios”, será possível alternativas para uma nova humanidade.

Trata-se de uma mobilização sensível e criteriosa do Jurídico na direção a que apontam os estudos do extraordinário *Cidadania e inclusão social: estudos em homenagem à professora Miracy Barbosa de Sousa Gustin* (2008), tal como se oferece no precioso texto de Márcio Túlio Viana – *Os não-lugares do Direito: uma pesquisa em classe com trabalhadores de rua* (p. 367-376). Com riqueza de estilo e intensidade narrativa, o querido mestre faz o Direito andar nas ruas para recuperar nas histórias de vida os projetos frustrados, do gritador, dos malabaristas, da mulher do cabide, as filhas dela, do engraxate, tipos sociais a se reimpregnar do humano.

Assim, numa emergência composta de impulsos de exceção, o Jurídico é chamado a se constituir como arena de resistência ao processo de desdemocratização e de desconstitucionalização em curso no País e à banalização da vida pela ação de governança absolutamente incompetente para agir no enfrentamento à pandemia.

Estarão os juristas à altura das expectativas civilizatórias que os desafiam? Repito a questão: Estarão os operadores e os agentes políticos à altura das expectativas civilizatórias que os desafiam, no plano do Direito? Nessa quadra dramática de interpelação a um paradigma civilizatório, serão alcançados nos seus misteres, para, com a tempestade que desaba sobre o mundo, limpar “a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso “eu” sempre preocupado com a própria imagem; (e deixar) a descoberto, uma vez mais, aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos”, como exorta o Papa Francisco em seu exemplar distanciamento social na grande Praça de São Pedro totalmente vazia? Será o Direito, realmente Direito se, como exortou Francisco, não for “capaz de resgatar, valorizar e mostrar como as nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns (habitualmente esquecidas), e operar para realizar e ser instrumento por meio da eficácia horizontal dos direitos humanos?”

Indiquei, no âmbito da construção do projeto “O Direito Achado na Rua” e com Antonio Escrivão Filho, em nosso livro *Para um Debate teórico-conceitual e político sobre os direitos humanos* (2016), várias aplicações e fundamentos de teoria e de práxis para orientar e recuperar formas de resistência e de transponibilidade às exceções, mesmo no Supremo Tribunal Federal (STF), para lembrar com Victor Unes Leal, a necessidade que tem a jurisprudência, inclusive do STF, de andar nas ruas, para que o promessa do Direito, nelas achado, não se torne promessa vazia.

Referências

ESCRIVÃO FILHO, Antonio; SOUSA JUNIOR, José Geraldo de. *Para um debate teórico-conceitual e político sobre os direitos humanos*. Belo Horizonte: D’Plácido, 2016.

PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho. Exortação Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2013.

PAPA FRANCISCO. HOMILIA Adoração do Santíssimo e Bênção *Urbi et Orbi*, pronunciada na praça de São Pedro, Vaticano, 27 de março de 2020.

PAPA FRANCISCO. *Carta aos Movimentos Sociais no domingo de Páscoa*, 12 de abril 2020.

PEREIRA, Flávio Henrique Unes; DIAS, Maria Tereza Fonseca. *Cidadania e inclusão social: estudos em homenagem à professora Miracy Barbosa de Sousa Gustin*. Belo Horizonte: Fórum, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SOUSA JUNIOR, José Geraldo de. O Direito Achado na Rua: condições sociais e fundamentos teóricos. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 2776-2817, 2019.

Antropoceno: a importância da implantação da cultura da inovação no contexto social contemporâneo

Ao longo do tempo, pesquisadores insistem na afirmativa de que as ações humanas sobre a superfície da Terra possuem força biológica na transformação da superfície do planeta. Dentre estas, estão o surgimento, e, ou, o desaparecimento de espécies, derretimento de geleiras, a influência no aumento de temperaturas, entre outras alterações de escala global. A atual crise gerada pela pandemia da Covid-19 trouxe um novo olhar sobre este cenário e possibilidades de novas formas de interação entre o ser humano e a natureza.

Rodolfo Augusto Melo Ward de Oliveira é doutorando em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB).

Rodolfo Augusto Melo Ward de Oliveira

De acordo com o geógrafo Wagner Costa Ribeiro e o sociólogo Ricardo Abramovay (2015), ambos da Universidade de São Paulo (USP), o termo Antropoceno surge nos anos de 1980 cunhado pelo biólogo Eugene F. Stoermer para denominar a nova era geológica que vivemos. Posteriormente, em 2004, o termo foi popularizado pelo químico e vencedor do Prêmio Nobel de 1995, Paul Josef Crutzen. Entretanto, o termo ainda não é unanimidade dentro da academia; geólogos estão pesquisando as ações humanas sobre a superfície da Terra a fim de encontrar fatos científicos que comprovem a ação humana como força biológica na transformação da superfície do planeta. Dentre essas pesquisas estão o surgimento, e/ou, o desaparecimento de espécies, derretimento de geleiras, a influência no aumento de temperaturas, desaparecimento de corais, entre outras alterações de escala global.

Do ponto de vista histórico, existe uma confusão de quando teria iniciado o período Antropoceno. Para alguns pesquisadores teria sido junto com a Revolução Industrial (1760-1840) (sociedade de consumo, combustíveis fósseis); para outros o período inicia com as Grandes Navegações (séc. XV-séc. XVII), onde há a troca de material biológico em larga escala entre continentes; já para outros, teria sido a partir da criação do Artefato Nuclear, que modifica toda a superfície atingida por décadas. Não existe consenso. O que existe é a percepção de que a espécie humana tem alterado a Terra de forma geológica.

Desde que a espécie humana se fixou e passou a ter uma vida sedentária, o ser humano passou a agir como uma força biológica na transformação da superfície da Terra. A humanidade está se transformando de força biológica para força geológica, determinando e influenciando no funcionamento do sistema climático. Nenhuma espécie havia feito isso anteriormente. É importante ressaltar que a humanidade só conseguiu se desenvolver devido ao regime climático

relativamente ameno de um grau para cima ou para baixo. Uma alteração brusca na temperatura influencia na própria sobrevivência da espécie humana.

Desde o ano de 1750 para cá a temperatura subiu 0.85°. O horizonte até o final do século XXI é da elevação de mais 4° na temperatura global média. Esse aumento na temperatura global irá provocar o derretimento de geleiras – maior absorção de calor pela Terra e o desaparecimento de cidades. Oceanos são sorvedouros que absorvem o efeito estufa e estão sendo poluídos com resíduos plásticos. O volume de material que o ser humano movimenta hoje em dia possui mais massa que a última glaciação – um evento natural. É necessário reorganizar o pensamento no século XXI.

Pensar modelos coletivos. Diminuir o uso de combustível fóssil. Unir o saber das comunidades indígenas ao científico combinando esses conhecimentos para mudança de consciência é a imprescindibilidade de se buscar novos tipos de relação entre tecnologia, arte, sociedade e natureza que superem a atual polarização progresso *versus* preservação e tecnologia *versus* natureza. Para isso é necessária articulação política e uma virada no pensamento econômico.

Desafios do mundo contemporâneo

O pesquisador Elimar Nascimento (2020), do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS/UnB), ao abordar os grandes desafios do mundo contemporâneo, enumera três. A nova exclusão social, advinda dos impactos das inovações tecnológicas; a crise ecológica que ameaça a presença da espécie humana na Terra; e a crise democrática, que arrisca dizimar uma das mais importantes invenções da história humana.

Para tornar mais fácil a compreensão da crise ecológica, construiu uma arena (ou campo) onde se encontram três vertentes com suas soluções: os tecnicistas, que acreditam resolvê-la por meio da tecnologia no espaço do mercado; os defensores do desenvolvimento sustentável, vertente hegemônica, que reúne aqueles que acreditam que a crise pode ser resolvida por meio de negociações no espaço da política; e os pós-desenvolvimentistas, entre os quais os decrescentistas, que acreditam nas mudanças dos padrões de consumo e estilo de vida na esfera cultural.

O pesquisador cita o índice da felicidade utilizado no país oriental, Butão, que descola o PIB (Produto Interno Bruto) como principal indicador que movimenta nossas decisões em troca do FIP¹ (Índice de Felicidade Bruta). O que importa para eles não é ter nem mais nem menos e sim ser felizes, ter saúde, ter amigos, ter educação. Importa crescer na felicidade e não em bens materiais. Para os habitantes do Butão, o crescimento material geralmente está ligado a sacrifícios ambientais, à exploração da natureza e à desigualdade social.

Para o sociólogo Alfredo Pena Vega (2019, p. 16), vivemos mais um momento em que a situação do mundo nos revela que o modelo de civilização hegemônico, baseado no crescimento econômico, está esgotado. A sociedade se mostra inábil em lidar com a crise ambiental. Nossos antepassados legaram às gerações presentes um grande ônus ambiental, crenes de que nós, com nossa tecnologia e evolução, pudéssemos acabar com a fome, a apartação social e a finitude dos recursos naturais. Não pretendemos aqui nos aprofundar em fatores socioeconômicos ou geopolíticos. O que queremos trazer para a discussão é como esses fatores atuam, regendo nossas vidas cotidianas, criando desigualdades sociais e destruindo o planeta e que tendem a se agravar com o passar do

“ Nossos antepassados legaram às gerações presentes um grande ônus ambiental, crenes de que nós, com nossa tecnologia e evolução, pudéssemos acabar com a fome, a apartação social e a finitude dos recursos naturais.”

¹ O Índice de Felicidade Interna Bruta (FIB) é hoje a realidade mais concreta de indicadores que medem o desenvolvimento a partir da felicidade demonstrada pelas pessoas, a partir da garantia de seus direitos sociais. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/entenda-como-funciona-o-indice-de-felicidade-do-butao/>. Acesso em: 07 jun. 2020.

“*A economia linear deve se transmutar para uma economia circular. Não é mais possível prosperar ou enriquecer sobre a base da exaustão dos recursos naturais. O crescimento econômico deve ser regido pela sustentabilidade em busca de uma sociedade de baixo carbono.*”

tempo. Agora, passamos por uma crise sanitária que carece de novas formas de pensar e novas tecnologias sociais.

A Universidade de Brasília (UnB) nasceu de um sonho de inovação, criatividade que proporcionasse a criação do conhecimento transdisciplinar e transversal. Como disse seu ex-reitor, coordenador do projeto “Direito Achado na Rua”, em entrevista para a UnBTV, José Geraldo de Sousa Jr, a UnB já nasceu sem muros para a cidade, ela está dentro, amalgamada a Brasília e aberta para confluência e troca de saberes com a sociedade em geral.

No meu entendimento, a filosofia do “Direito Achado na Rua” nos diz que o Direito emerge, surge em todos os espaços sociais. Os direitos das pessoas criam as leis, e cada vez mais as relações de poder resultam em relações de opressão. Marcio Puggina, para a primeira edição do “Direito Achado na Rua”², disse que o Direito foi feito para funcionar de uma única forma – que é dar a cada um o que é seu. Mas, se vivemos em uma sociedade em que cada vez mais poucos detêm muito e muitos não detêm nada, significa dar aos ricos a sua riqueza e aos pobres a sua miséria. Precisamos repensar a nossa sociedade e os seus principais valores. A vida não pode ser pautada em bens de consumo, nem as relações pessoais devem ser objetificadas.

A economia linear deve se transmutar para uma economia circular. Não é mais possível prosperar ou enriquecer sobre a base da exaustão dos recursos naturais. O crescimento econômico deve ser regido pela sustentabilidade em busca de uma sociedade de baixo carbono. O pensamento econômico deve adotar uma nova ética baseada em economia de recursos naturais e girar em torno de regenerar o que foi degradado. Criar um novo pacto social em que haja mais sociabilidade e cidades inteligentes, cidades regenerativas. O ser humano se tornou ator importante na dinâmica planetária.

Matrizes energéticas

Um dos desafios é de repensar as matrizes energéticas, renovar a matriz tecnológica de produção de maneira circular ou sustentável. Por meio do uso consciente de materiais renováveis. É imprescindível a implantação da cultura da inovação no contexto social contemporâneo. Descarbonizar a economia.

A transmutação do pensamento deve vir de forma global. Deve ser incentivada a cultura da inovação. O que é inovação e por que inovar? Inovar serve para solucionar os problemas complexos do mundo contemporâneo. Criar ou recriar modelos de negócio para satisfazer uma necessidade humana que ainda não foi satisfeita. Segundo o *Manual de Oslo*, documento central e amplamente utilizado em políticas públicas de estímulo à inovação tecnológica, inovação é “a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas” (OCDE, 2005, p. 55).

A atual crise global gerada pela pandemia da Covid-19 trouxe à tona a necessidade do estímulo da cultura da inovação dentro do serviço público. O Sistema Único de Saúde (SUS) recebeu ajuda criativa e doações de diversos FabLabs em todo território nacional para poder suprir a demanda por equipamentos de proteção individual dos profissionais de saúde. É necessária a criação e fomento de espaços de criatividade, aprendizado e inovação para desenvolver e construir projetos dentro da esfera do setor público.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KvfefcIIVj8>. Acesso em: 08 jun. 2020.

O atual exemplo da produção de equipamentos de proteção individual e sua posterior doação para profissionais do SUS é um exemplo de mobilização originária no ciberespaço e de caráter colaborativo, artesanal, que inicia no movimento do “faça-você-mesmo” e adentra em uma lógica de façamos juntos.

A idealizadora do Media Lab/UnB, Suzete Venturelli (2020), explica que o exemplo citado neste texto, do SUS, pode ser explicado academicamente por meio de uma metodologia transdisciplinar, envolvendo a relação arte, ciência e tecnologia, oriunda da prática em design, do método “faça-você-mesmo” e do método baseado em *serendipity*. Para a pesquisadora, o termo *serendipity* designa a importância do acaso nas invenções e descobertas científicas, tecnológicas e artísticas. O método de produção “faça-você-mesmo” é um fator indispensável para nossa proposta, uma vez que está relacionado ao processo de autoprodução, apontando para uma cultura de sustentabilidade econômica e social, fomentando uma prática colaborativa e criativa.

Atualmente, existem diversos laboratórios de inovação espalhados pelo mundo, entretanto a concentração está no setor privado e, geralmente, a produção é voltada para comercialização de produtos visando lucro. Nos últimos anos, podemos notar o crescimento de laboratórios focados na inovação para o setor público, porém o investimento em inovação e o número de laboratórios de inovação são muito pequenos frente aos da iniciativa privada. Um laboratório de inovação pode mudar o ambiente de qualquer organização, seja ela privada ou pública. Os labs buscam soluções inovadoras, criando técnicas e ferramentas. Dão suporte a inovadores no desenvolvimento de ideias para solucionar grandes desafios sociais globais. O foco deve ser no estímulo à inovação como processo organizacional, e não como algo que acontece por acaso. A cultura da inovação deve ser fomentada dentro da esfera pública.

O capitalismo da emoção

O filósofo oriental sul-coreano Byung-Chul Han, radicado na Alemanha, autor, dentre outras, das obras *Sociedade do cansaço* (2014) e *Sociedade da transparência* (2014), afirma, ao estudar a historicidade da sociedade, que em cada época a humanidade desenvolveu uma doença social característica, como, por exemplo, no século passado, as patologias eram bacteriológicas ou virais, enquanto a patologia da sociedade contemporânea é neuronal, psíquica. Para o autor, o sistema neoliberal implantou uma nova fase do capitalismo, o capitalismo da emoção, marcando a transição da biopolítica para a psicopolítica, da sociedade disciplinar para uma sociedade do controle pelo rendimento, em que o homem é obrigado a render, sendo ele mesmo o fiscal do seu desempenho e o acusador do seu fracasso.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo; COSTA RIBEIRO, Wagner. A Era do Antropoceno - Parte 2. Programa Capital Natural, BandNews, 2015. (54m48s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YcyB31iQOrY>. Acesso em: 20 mar. 2020.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade da transparência*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2014.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

NASCIMENTO, Elimar. #VeredasdoFuturo | Palestra Elimar Nascimento - Um mundo de riscos e desafios. 2020. Canal do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS/UnB) no YouTube. (1h53m15s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QAWpM-uQtUc>. Acesso em: 06 jun. 2020.

ORGANIZAÇÃO para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). *Manual de Oslo*: Proposta de Diretrizes para Coleta e Interpretação de Dados sobre Inovação Tecnológica. Tradução de Paulo Garchet. 3. ed. Paris: OCDE, 2005.

PENA VEGA, Alfredo. *Wawekrurê: distintos olhares*. /Rodolfo Ward, organização, fotografias. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2019. 156 p.: il., fotos. Edições do Senado Federal, v. 213.

VENTURELLI, Suzete. Arte e inovação em tempos de pandemia, 2020. Canal do Media Lab/BR no YouTube. (56m55s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-4fFUhqDSha&t=779s>. Acesso em: 06 jun. 2020.

Do pessimismo ao neorrealismo: uma passagem em meio ao assédio pandêmico

Se um novo realismo, enquanto filtro artístico, derivasse das condições de produção de uma nova realidade, os acontecimentos que trespassam o mundo no ano de 2020 ou a consequente vida pós-pandêmica poderiam servir de substrato ao surgimento desse novo?

Rafael Reginato Moura

Rafael Reginato Moura é doutorando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Embora uma resposta imediata à questão levantada acima possa evocar especulação, condicionada pelas incertezas acerca do futuro, parece fazer sentido afirmar que o surgimento de um movimento neorrealista é também modo de (re)agir ou expressar-se perante uma determinada realidade, ainda que esteticamente não se deva traduzir por uma simples referencialidade a uma datada e unívoca época.

Assim, um neorrealismo seria a atualização de uma forma de encarar a realidade decadente, degradante, desumanizada – um renascimento para novas realidades, novos humanismos, novas perspectivas, novas mentalidades. O neorrealismo, via de regra, nasce de uma crise¹. Foi assim na Itália com a ascensão, no cinema neorrealista italiano, das situações puramente óticas e sonoras, “as imagens-fato” a que se refere Deleuze, em detrimento das situações sensório-motoras fortes do realismo tradicional².

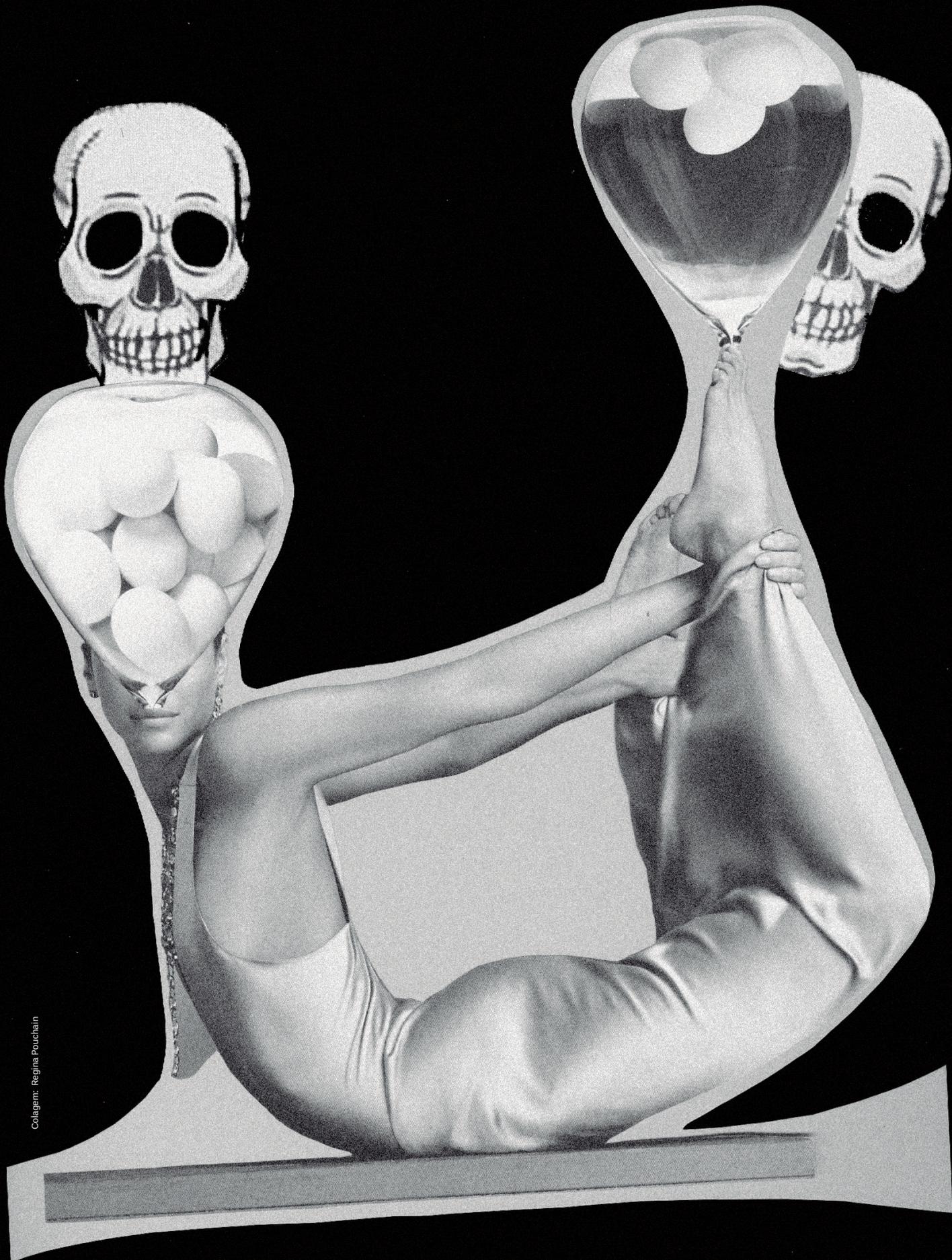
Foi assim no Brasil, com as imagens dos quadros de Portinari e dos livros de Jorge Amado, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, deformando, em sua linguagem estética, corpos e ambientes assolados pelo trabalho, pela seca e pela fome. Não deixou de ser assim também em Portugal, cujo neorrealismo na literatura e nas artes visuais adveio, entre outros condicionantes, de uma oposição às circunstâncias degradantes de trabalho de classes de camponeses e operários, e de uma contraposição ao modernismo artístico proposto por António Ferro³ e sua “política do espírito”.

Essa concepção de neorrealismo, portanto, não se manifesta meramente em decorrência de uma crise política governamental ou de uma crise de um sistema econômico, mas, sobretudo, de crises éticas e de humanidade capazes de emudecer ou apagar os sempre vencidos de que fala Walter Benjamin ou os subal-

¹ Crise, nesse caso, como termo original do grego (κρίσις), significa separação, distinção, discernimento, etimologia, que leva a pensá-lo como um momento de reflexão, avaliação e, quiçá, mudanças. Crise, aqui também, leva a pensar na “experiência em crise”, elemento mobilizador de uma “necessidade de realidade”, como sugere o professor e pesquisador português António Pedro Pita.

² A fascinação de Benito Mussolini pelo cinema de Hollywood, pensando na arte cinematográfica como um potente instrumento de propaganda, demonstra a predileção do regime fascista na Itália pela “imagem-ação” e suas ligações sensório-motoras, de maior adoção pelos estúdios norte-americanos. O cinema neorrealista na Itália atua na “crise da imagem-ação”, segundo Deleuze, e se distingue deste modelo concebendo uma nova forma de realismo, onde o imaginário e o real, o objetivo e o subjetivo, o físico e o mental tomam-se então indiscerníveis por meio de situações óticas e sonoras puras.

³ O Secretariado da Propaganda Nacional do Estado Novo (SPN), dirigido por António Ferro, devia favorecer uma “arte saudável” e combater “tudo o que suja o espírito”, “tudo o que é feio, grosseiro, bestial, tudo o que é maléfico, doentio, por simples volúpia ou satanismo”, conforme Nuno Rosmaninho.



Collagem: Regina Pouchain

ternos apontados por Gayatri Spivak. Como sinônimos vastamente encontrados ao termo “subalterno”, pode-se acrescentar ainda os nominativos “oprimido”, “excluído”, “invisível” ou o “espoliado” indicado por Antonio Candido quando este sugere que o artista deve assumir o “ângulo do espoliado”. Revolver os escombros das memórias menores, numa dimensão artística, pode passar por alçar à superfície e fazer resfolegar os ecos benjaminianos das vozes emudecidas ou os testemunhos mudos apontados por Jacques Rancière.

No entanto, mais do que representação, para que haja a aceitação de uma “visada neorrealista”⁴, é necessária uma nova lógica do olhar e do pensar, capaz de poeticamente desvelar invisibilidades, iridescências entre as brumas do caos, uma mirada voltada ao miúdo, ao que não tem e nunca teve voz ou vez na história apologética aos vencedores. O mundo amplo a que se refere Ítalo Calvino, no prefácio de seu primeiro romance *Il sentiero dei nidi di ragno*, era o ainda desconhecido das histórias e vozes *partigianas* abafadas pela ocupação nazista na Itália. Um mundo que, distante de uma representação idealizada, expunha a ossatura e as entranhas, muitas vezes grotescas ou deformadas⁵, de vidas e testemunhos de uma realidade soterrada pela guerra. Se o mundo resolve mostrar sua face mais sombria e dantesca, embora politicamente jamais de forma clara ou imune a disfarces ilusórios, necessário se faz apropriar-se de tal semblante, à maneira como sugere Alain Badiou, para deformá-lo e, deformando-o, revelar uma representação nem por isso falsa.

O desejo por uma outra realidade

Nesse sentido, a hipótese de uma nova realidade pós-pandêmica ser possível passa agora por um ato de suspensão e, ao mesmo tempo, de recolha pela memória dos detritos ou ruínas deste tempo. Somente a lembrança, a reminiscência reelaborada, dos fatos e acontecimentos atuais, permitirá avaliar a hipótese de uma transformação de fato na realidade que jamais dissocie o homem da natureza, relação que nas últimas décadas demonstra-se predominantemente de dominação pouco contemplativa do segundo pelo primeiro. O respeito à condição humana e à natureza, à alteridade, à empatia, à preservação e à sustentabilidade passa a ocupar o centro da cena e o desejo por uma realidade verdadeiramente de transformação, à maneira neorrealista, como pressupõe Izabel Margato⁶, deixará de ser mero desejo à medida que se perceba que, em torno desse centro a ser revisto, marginalidades antes invisíveis e entes periféricos necessitam relacionar-se e fazer parte, em definitivo, de um universo mais amplo e inclusivo. Também os artistas, poetas e escritores, aptos a visitar essa realidade em evolução precisarão, minimamente, pensando em um novo realismo, imiscuírem-se no cotidiano e maneiras de viver dos indivíduos, ainda que não se deva ignorar os preceitos de Lukács a aceitar, no plano da linguagem, até mesmo o advento da fantasia poética como reflexo dessa realidade.

⁴ A “visada neorrealista”, nesse caso, decorre do intento, apontando por Deleuze, de que os desdobramentos e reelaborações do conceito de realismo partam de novas configurações e de uma concepção de arte em que o real é muito mais “visado” do que “representado” ou “reproduzido”, o que corrobora com a hipótese de um neorrealismo que se proponha mais a deformar do que a fotografar a realidade.

⁵ É importante considerar aqui que “deformar” diz respeito ao que o poeta, pintor e crítico neorrealista Mário Dionísio entende por “dar nova forma”.

⁶ Izabel Margato, ao se referir ao neorrealismo português, procura reelaborar o desejo de transformação dos neorrealistas, recalçando o reducionismo ideológico, a que estiveram submetidas as obras do movimento, com vistas a um debate centrado na questão da linguagem que a constitua “em um fato ao mesmo tempo artístico, político e revolucionário”. Esse posicionamento conceitual acerca do neorrealismo português não deixa de contrapor-se à acusação de um movimento artístico que sobreponha o conteúdo à forma, também rechaçado por teóricos como António Pedro Pita que assinala que a preocupação com a forma e com o trabalho da linguagem está inscrita no código genético do neorrealismo.

“Somente a lembrança, a reminiscência reelaborada, dos fatos e acontecimentos atuais, permitirá avaliar a hipótese de uma transformação de fato na realidade que jamais dissocie o homem da natureza, relação que nas últimas décadas demonstra-se predominantemente de dominação pouco contemplativa do segundo pelo primeiro.”

“Um neorealismo pós-pandêmico não poderia abrir mão da face deformante que se apresenta à realidade, de filtrar os despojos do fracasso humano, da boa-fé, das boas intenções, do politicamente correto, do falso verniz e polidez discursiva que conduziu o mundo até a violência do agora.”

A crise, capaz de deformar a realidade e gerar um novo realismo, deverá permitir, portanto, assistir os/aos desfavorecidos e ignorados pelas câmeras de televisão, pelos decretos governamentais, pelo afrouxamento do isolamento, pela neurastenia redentora e absoluta da economia mais voraz. Funcionará como pano de fundo a esta recontagem da história, desta partida de um tempo zerado, os acontecimentos representativos de uma antilógica humana a conduzir a práxis artística, como sobre um tapete voador, até o ponto central da doença a ser curada. E, na esteira imunológica da pandemia, talvez se descubra a vacina para o racismo policial contra um negro indefeso, ou para as manifestações políticas sem máscara ou distanciamento físico, ou para as declarações de governantes contrariando as pesquisas científicas, ou para a automatização em massa e o trabalho precário que conduz à vida temerária, ou para o descaso com o risco de extermínio de indígenas na Amazônia denunciado por Sebastião Salgado, ou para o caso de um atleta de futebol que, em plena pandemia da Covid-19, resolve percorrer 600 quilômetros de bicicleta de uma metrópole brasileira até outra para assinar um contrato e, sem qualquer crítica pertinaz, receber os holofotes da mídia.

Novas formas estéticas

Se o pessimismo e a desesperança com a realidade experienciada (o que abrange a crise do ser humano, o esgotamento da natureza e um sistema econômico que não preserva a vida) podem ocasionar um neorealismo, o assédio exercido por um vírus ao planeta ocasiona uma abertura a novas formas estéticas que, em arte, sempre procuram estampar o estranhamento do ser-no-mundo, do corpo presente ou ausente de realidade. Assim, pensar em um novo realismo, ou neorealismo, após a pandemia do coronavírus, é sobrepor-se à dor da morte, ao medo da doença, à palpitação do noticiário, ao sufocamento da expectativa por um futuro que já não pode ser construído sem a intervenção sensível do homem. A arte, nesse caso, permite criar condições de um reflexo do homem no espelho do mundo, um mundo que agora mais se distancia da perfeição da beleza clássica, que deturpa mais uma vez a sua tradição sem deixar de assombrar a pós-modernidade, que deforma o seu semblante midiático, que ainda tenta desesperadamente uma saída remota, de afastamento de corpos, individualizante, liberal, para tentar produzir um sentido “on-line” a partir dos destroços ou cacos do humano.

Um neorealismo pós-pandêmico não poderia abrir mão da face deformante que se apresenta à realidade, de filtrar os despojos do fracasso humano, da boa-fé, das boas intenções, do politicamente correto, do falso verniz e polidez discursiva que conduziu o mundo até a violência do agora. O depois, o neoreal, o neo-humano, o futuro improvável e nunca claro, não deve prescindir de fazer refulgir o mundo à margem, o avesso ainda intocado, sempre varrido para baixo do tapete desenvolvimentista. O neorealismo, como novo real, nunca teve a pretensão de lançar uma expressão estética capaz de disfarçar ou falsear a realidade dolorosa, falível, grotesca. Antes disso, é a expressão do que não deve ser escondido, do descortinamento do drama e da tragédia que, enquanto apostos no terreno da mímesis, possam oferecer ao homem a condição de mobilizar a memória, do espelhamento, da reflexão, do ponto de parada e de contemplação que o reconstrua dentro da realidade, que não o faça esquecer as consequências da desumanidade autodestrutiva. A diversidade de vozes e imagens a serem acolhidas por um novo real, como potência de uma nova era ou vir-a-ser, é que permitirão uma (re)configuração de mundo que não recaia, como se seduzido pelo canto metálico da sereia, na falácia de um bem-estar anti-civilizatório e enganoso, apartado da frustração de um risco nocivo, assustador e sempre real. Isso porque o neorealismo e sua estética artística e utópica contracenam, sem falsas ou ingênuas ilusões, com a distopia dos tempos.

Desbravar um futuro incerto, ainda que com contornos reais e “deformidáveis”, pressupõe pensar em alternativas viáveis de mudança ou transformação, objetivos atrelados à gênese de um movimento neorrealista, que, em seu labor artístico, de elaboração subjetiva, satisfaz a esperança dialética de uma história a ser ampliada, recontada, reconstruída, porvir. Somente assim, e a despeito de tantas incertezas, pode-se arriscar a preannunciar uma solução que, embora no campo estético da arte e da linguagem, de onde sempre se espera um original, proponha uma resposta ao personagem-escritor Grand, de Albert Camus, em um diálogo com o médico Rieux que envidava esforços para curar de uma epidemia a população da cidade argelina de Oran no romance *A peste*. Grand, assim como a marcha atual da humanidade, mencionava a dificuldade durante a escrita de um livro em optar entre termos como “depois” e “em seguida”, mas o mais difícil para ele era saber se se deve ou não colocar o “e”. A advertência em se saber como adicionar um futuro a um mundo pós-epidemia, simbolizado na dúvida sobre o emprego da conjunção ou conectivo “e”, requer novos movimentos que reconheçam, como potencial vanguarda evolutiva, a necessidade real de acrescentar, ampliar, amplificar, descentrar, retomar o caminho apontado por Rimbaud⁷ em uma história a ser recontada em sentido contrário, anti-horário, decerto agora a partir de uma nova Babel.

⁷ Em “Uma temporada no inferno”, o poeta Arthur Rimbaud propõe: “A gente não parte. Retoma o caminho [...]”

Colagem: Regina Pouchain



Humanidade e pertencimento: lições em tempos de pandemia

Termos como sociedade pós-pandemia e novo normal estão a ocupar as narrativas atuais e nos levam a questionar como quantificar o valor da vida individual e/ou coletiva numa sociedade que continua com as mesmas características de antes, ou seja, neoliberal e globalizada, onde o valor mercado vale mais.

Maria Ivoneide de Lima Brito é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde da Faculdade de Ceilândia (UnB/FCE), é Ouvidora da UnB.

Margô Gomes de Oliveira Karnikowski é Professora Adjunta do Curso de Farmácia da UnB.

Zaíra Nascimento de Oliveira é professora assistente no Curso de Pedagogia da Fundação Universidade Federal do Tocantins.

“À medida que o homem cria, recria e decide, vão se formando as épocas históricas. E é também criando, recriando e decidindo como deve participar nessas épocas. É por isso que obtém melhor resultado toda vez que, integrando-se no espírito delas, se apropria de seus temas e reconhece suas tarefas concretas.”
(FREIRE, 2001)

Maria Ivoneide de Lima Brito
Margô Gomes de Oliveira Karnikowski
Zaíra Nascimento de Oliveira

O momento histórico em que vivemos contempla a visão de Sevcenko (1991, p. 42) ao analisar a sociedade do século XXI no contexto da globalização e expor a sensação de estarmos diante de uma síncope final e definitiva, que faz relaxar o impulso de reagir, gerando aceitação passiva e irrefletida. Os termos *sociedade pós-pandemia* e *novo normal* estão nos discursos e ecoam um sentimento de determinismo inevitável: o mundo não será mais o mesmo.

Em *À sombra desta mangueira*, Freire (1995, p. 23) responde ao pensamento de Sevcenko (1991), afirmando que “por sermos seres de transformação e não de adaptação”, o que enfrentamos hoje está relacionado à visão freiriana de apreensão da História. Seguindo esse ponto de vista, o autor defende que:

[...] não podemos renunciar à luta pelo exercício de nossa capacidade e de nosso direito de decidir e de romper, sem o que não reinventamos o mundo [...] insisto em que a História é possibilidade e não determinismo. Somos seres condicionados, mas não determinados. É impossível entender a História como tempo de possibilidade se não reconhecemos o ser humano como ser da decisão, da ruptura. (FREIRE, 1995, p. 23).

Considerando a possibilidade de uma postura ativa dos homens diante da atual conjuntura, como propõe Freire (1995), muitas são as questões que devem ser discutidas: Qual o valor da vida nesses tempos de pandemia? No âmbito do capitalismo, numa sociedade neoliberal e globalizada? Sob a ótica da ciência, educação e saúde? Sob a ótica das pessoas que perderam seus entes em razão da Covid-19? Freire contribui na busca de respostas (lições) na formação do pensamento crítico enquanto indica sua visão sobre consciência crítica, ao que define processo de denúncia e de anúncio. Segundo o estudioso, em tal processo o ser humano é desafiado pela dramaticidade do seu momento atual, ao descobrir que pouco sabe de si, de seu “posto no cosmos” (FREIRE, 2005, p. 31); e, ao se instalar na quase, senão trágica, descoberta do seu pouco saber de si, se faz problema a ele mesmo. Ainda conforme o autor, é necessário indagar, responder: isto o conduz a novas perguntas, a um olhar caleidoscópico, multidimensional.

A banalidade da dor e da morte

No cenário atual, em meio a sua fragilidade enquanto ser inserido em um mundo agora caótico, essas inquietações emergem e envolvem diversos âmbitos: ético, econômico, familiar, religioso, social, histórico, geográfico, político, entre outros. Emergem, em especial, quando a vida se torna banal, com a normalização da morte ou das precárias condições de vida: uma realidade drástica, cotidiana, em que o sofrimento humano, o do outro, parece não tocar mais, pois os valores mudaram, e o concreto deu lugar ao líquido (BAUMAN, 2001).

A história atual do homem retorna a épocas passadas e inimigos invisíveis (peste bubônica; varíola; cólera; gripe espanhola; gripe suína; e mais recentemente a Covid-19), que ao matarem parte da humanidade, demonstram quão frágil é a vida humana; fomentam o valor da Educação, das pesquisas, da ciência, das universidades públicas. Ressaltam a importância do Estado e do conjunto de políticas públicas (seguridade social, saúde) bem estruturadas e equilibradas, com vistas à efetivação do bem-estar social do cidadão. E revelam aquele que parece ser o maior de todos os vilões: o próprio homem, já que este sempre retoma as velhas práticas e mazelas sociais, pondo em questionamento a capacidade de realmente mudar a si e ao mundo.

Ao reconhecer a História “como tempo de possibilidade [...] o ser humano como ser da decisão, da ruptura”, as pandemias provocam mudanças sociais e culturais, ao transformarem hábitos e modos de vida, que vão além do isolamento social. São rastros de transformação que moldarão a realidade a nossa volta nos próximos anos, mas que, ao mesmo tempo, retomam movimentos de pequenos grupos (famílias) que se descobrem em seus círculos de cultura para novos tempos de diálogo, de descoberta dos “seus”. Nesse panorama, os grupos sociais recorreram à inovação e à transformação digital; os tempos estão se modificando e possibilitando a construção de identidade e pertencimento.

Para tanto, Morin (2000) indica pontos relevantes, necessários a essa construção: o reconhecimento do valor do conhecimento e sua pertinência; a busca por um diálogo constante; e a urgência de se construir uma identidade humana – ou seja, o homem precisa reconhecer-se homem, enquanto ser biológico e social, que se relaciona com o outro, a partir da alteridade, da empatia para o enfrentamento da incerteza.

Freire (2005) e Morin (2000) contribuem para refletir acerca do momento atual a partir da compreensão do que seja *pertencimento*, tanto na condição histórica como planetária, quando é constatado que um vírus proveniente *do outro lado do mundo* é capaz de intervir em todo o planeta, pois todos estão conectados.

“ A história atual do homem retorna a épocas passadas e inimigos invisíveis, que ao matarem parte da humanidade demonstram quão frágil é a vida humana e revelam aquele que parece ser o maior de todos os vilões: o próprio homem, já que este sempre retoma as velhas práticas e mazelas sociais, pondo em questionamento a capacidade de realmente mudar a si e ao mundo.”



Morin (2000) entende que, na sociedade atual, é mister ensinar princípios de ação, de atuação e de estratégias que permitam ao ser humano enfrentar os imprevistos, o inesperado, a incerteza de novos conhecimentos, de um novo cotidiano. Para o autor, tais estratégias passam pela autorreflexibilidade, pela consciência crítica acerca do contexto atual. Freire (2011) concorda e enfatiza que esse processo deve ser apoiado na luta dos sujeitos e que a educação tem um papel-chave na apropriação da leitura crítica do contexto e da condição de opressão. Esse movimento é, para ambos, o reconhecimento dos laços de pertencimento social.

Um *locus* privilegiado para isso é a Universidade, vista não como mera instrutora, mas como um espaço social onde eclode o aprendizado; a casa da discussão, do debate, do pluralismo de ideias; como um local em que seja possível pensar sobre os problemas históricos e sociais e propor-lhes soluções, com inovação, produção de conhecimento, fundamentada para *a* e *na* democracia, formando cidadãos plenos, cômnicos, sujeitos que reconheçam a vida como o dom maior, inigualável, que cria, recria e pertence a sua época, valorizando a si mesmo e ao outro.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GHIRALDELLI JR., Paulo. *As lições de Paulo Freire*. Barueri, SP: Manole, 2012.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ARTIGOS E ENSAIOS

Solidariedade em tempos de Covid-19

Wladimir Porreca é doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), professor colaborador na UnB no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC).

A Covid-19 conseguiu paralisar a humanidade com os seus devastadores efeitos e estabeleceu um paradoxo, o choque pandêmico inesperado e violento paralisou inúmeros setores da sociedade e, conseqüentemente, grande parte das pessoas, por motivo de sobrevivência, urgindo reconstruir rapidamente diferentes estilos de vida e formas humanas de relacionar.

Wladimir Porreca

A humanidade foi obrigada a se reinventar para sobreviver, ressignificar para não enlouquecer e sucumbir, porque as mudanças que vinham sendo paulatinamente implantadas e incorporadas na humanidade sofreram uma rápida aceleração e, vertiginosamente, impuseram-se. Entre as rápidas mudanças, em curso até o momento, a pandemia obrigou concretamente inúmeras ações solidárias; a solidariedade se tornou uma das principais protagonistas no enfrentamento da Covid-19.

Reacendeu em grande parte das pessoas o sentimento de alteridade, que entre outros mobilizou diversas campanhas para ajudar pessoas em estado de vulnerabilidade e desigualdade de saúde física, social, psíquica; doações diversas e generosas, atendimentos profissionais gratuitos, inúmeras campanhas e ações solidárias se espalharam pelo Planeta.

De fato, a solidariedade contagiou as pessoas, independentemente das razões que a sustentavam; ser solidário em tempo de pandemia virou moda e permanece em alta; saiu do papel e de falas utópicas; essa qualidade tão humana e necessária para a preservação e manutenção da espécie humana foi reavivada e disseminada com o vírus, no momento em que foi ameaçada a vida.

Deve-se considerar que a solidariedade, como qualidade humana, está sujeita às limitações próprias do humano e a seus condicionamentos sociais, por isso pode ser um fator de risco para as pessoas. Entretanto, até o momento, no cenário da Covid-19, as ações solidárias ultrapassaram alguns limites humanos, considerados intransponíveis, e fronteiras da lógica mercantil foram ultrapassadas, mesmo que timidamente diante da conjuntura mundial, com grande repercussão e valor para o exercício da dádiva.

Não sabemos se a explosão solidária terá o mesmo vigor no pós-pandemia, ou mesmo se as ações solidárias continuarão a ser exercidas, nem se elas conseguiram atingir a totalidade das camadas sociais, ou ainda, se foram utilizadas no tempo pandêmico somente em vista do bem comum. O que sabemos é que uma cultura não se muda do dia para noite, e que, no cenário pandêmico da Covid-19, a humanidade pôde experimentar a solidariedade como um precioso recurso no enfrentamento da Covid-19, que motivou e possibilitou, em grande parte nas pessoas e organismos sociais e governamentais, inúmeras ações solidárias, concretas, com a finalidade direcionada em defender, proteger e preservar a vida humana.

De fato, novamente o movimento da vida vence a paralisia da morte. Como nos escreve Drummond no poema “A flor e a náusea” (1945): “Uma flor ainda desbotada ilude a polícia, rompe o asfalto. Façam completo silêncio, paralisem os negócios, garanto que uma flor nasceu”.



Pandemia: o que tememos e o que seremos

Marcos Cesar Danhoni Neves é professor Titular da Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática (PCM-UEM).

De tempos em tempos a humanidade é afetada por pandemias. Em muitos desses casos, parece que a realidade copia a ficção tal as inúmeras obras literárias que nos ajudam a entender o mal-estar civilizatório e o prenúncio da morte como nosso apocalipse. Muitos desses autores, como Defoe, Camus, Garcia-Marques, Saramago, entre outros, nos ajudam a refletir sobre a nossa condição no mundo.

Marcos Cesar Danhoni Neves

Há mais de cem anos, H.G. Wells escreveu sobre uma viagem à Lua. Três astronautas chegaram até nosso satélite e lá encontraram uma civilização inteligente vivendo nos subterrâneos lunares. A tecnologia deles era superior à nossa, mas, ao final, o professor, que resolvera ficar para trás após o retorno do casal astronauta para a Terra, acabou condenando toda a civilização à morte devido a uma gripe que contagiou fatalmente todos os selenitas.

A ficção científica de Wells pode ter-se baseada nos relatos dos descobridores do Novo Mundo à época das grandes navegações, quando civilizações inteiras sucumbiram pelas guerras de conquistas, mas, também, pela gripe, varíola, sarampo, lepra, tuberculose, difteria, peste bubônica e uma infinidade de outras doenças para as quais, as civilizações recém-descobertas não possuíam nenhuma imunidade. O genocídio pretendido, pelas guerras, ou involuntário, pelas doenças, foi determinante para uma hecatombe de povos, culturas, modos peculiares de vida e da diversidade humana perdidas para sempre.

O valor da vida nestes momentos parece reduzir-se inversamente aos números astronômicos de mortos que destroçam todos os laços familiares, a vida em sociedade e a organização política e econômica das Nações. Porém, as pandemias estão intimamente ligadas às grandes migrações humanas, às guerras de conquistas e aos grandes aglomerados urbanos humanos.

O que vivemos hoje com a Covid-19 (SARS Cov-2) nos assombra quase cem anos após o término da Gripe Espanhola que assolou todo o planeta durante 1918-1920. A peste contaminou cerca de 500 milhões de pessoas em todo o mundo nos dois anos da doença. Estima-se que tenham morrido entre 17 a 50 milhões de pessoas (BARRY, 2004; OLDSTONE, 2010). E, provavelmente, não foi coincidência a disseminação da doença ter sido tão rápida, numa Europa devastada pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Jamais saberemos o *ground zero* ou o paciente 01 que determinou o início desta pandemia.

A necessidade da literatura

Para nos inteirar da devastação provocada pelas diferentes pandemias que afetaram a humanidade, provavelmente devemos nos pautar mais sobre a literatura que propriamente aos dados frios das enciclopédias e daqueles derivados de

relatórios técnicos que desumanizam o grande fator destrutivo da morte coletiva e da fragmentação da sociedade organizada. Nesse sentido, quatro obras nos ajudam a entender o mal-estar civilizatório e o prenúncio da morte como nosso apocalipse: *Um diário do ano da Peste* (DEFOE, 1987), *A peste* (CAMUS, 1972), *Amor nos tempos do cólera* (GARCÍA-MARQUEZ, 1985) e *Tratado sobre a cegueira* (SARAMAGO, 1995).

Daniel Defoe, o grande autor de *Robson Crusoe*, consegue conciliar a contabilidade fria dos relatos semanais de mortos com o horror individual diante da morte absoluta, na infecta Londres de 1665, abatida pela Peste Negra (Peste Bubônica) (BARRY, 2004; HAYS, 2005; KOLBERT, 2020; HEMPEL, 2018; MARTINS, 1997; McMULLAN *et al*, 2020; McNEILL, 1976; SNOWDEN, 2019). Escreve Defoe (1987):

Observou-se, ..., que a calamidade deixou o povo muito humilde. Durante nove semanas seguidas morreram cerca de mil por dia, um dia depois do outro, mesmo nos cálculos dos boletins semanais de óbitos que tenho razões para ter certeza de que nunca davam o número total, diferindo em muitos milhares. Era tanta confusão, com as carroças trazendo os mortos no escuro, que em muitos lugares não fizeram qualquer contagem, mas os coveiros continuaram trabalhando, apesar dos clérigos e sacristãos não aparecerem seguidas, ignorando o número de cadáveres que enterraram. Esta contagem é confirmada pelos seguintes registros de mortalidade:

[ano: 1665]	De todas as doenças	Só de peste
De 8 a 15 de agosto	5.319	3.880
De 15 a 22 de agosto	5.568	4.237
De 22 a 29 de agosto	7.496	6.102
De 29 de agosto a 5 de setembro	8.252	6.988
De 5 a 12 de setembro	7.690	6.544
De 12 a 19 de setembro	8.297	7.165
De 19 a 26 de setembro	6.460	5.533
De 26 de setembro a 3 de outubro	5.720	4.929
De 3 a 10 de outubro	5.068	4.327
TOTAL	59.870	49.705

Se me for permitido dar uma opinião, pelo que vi com meus olhos e ouvi de outras pessoas que foram testemunhas oculares, acredito piamente nisto, ou seja, que pelo menos cem mil morreram só de peste além das outras doenças e também aqueles que morreram pelos campos, nas estradas e lugares escondidos, sem meios de comunicação, como diziam, e mais aqueles que não foram incluídos nos registros, embora pertencessem realmente ao corpo dos residentes. Todos nós sabíamos da grande quantidade dessas pobres criaturas desesperadas que estavam com peste e se tornavam idiotas ou apáticas pela miséria, como muitas ficaram, vagando pelos campos e florestas ou lugares ermos, quase que em qualquer lugar, onde se arrastavam até uma moita ou cerca e morriam.

Por piedade, os habitantes das aldeias vizinhas traziam comida, deixando-a a uma distância que ainda pudessem alcançar, se conseguissem se mover. Muitas vezes não conseguiam e quando voltavam encontravam os pobres desgraçados mortos no chão e a comida intacta.



CORONA

IRP

Colagem: Regina Pouchain

O valor ímpar da vida aparece no desaparecimento da pluralidade da sociedade, na hecatombe de uma morte que espreita em qualquer lugar, em qualquer tempo. Em *Tratado sobre a cegueira*, Saramago (1995) nos conduz a uma loucura coletiva imposta pela segregação desmedida, mas que acomete aqueles que se achavam no direito de impor regras descuidando do “contágio democrático”, como ocorre hoje em nossa sociedade segregacionista, onde as regras de isolamento servem a uma classe social, mas não a outra, pela imposição do trabalho presencial obrigatório e pela não proteção emergencial de salários e proventos necessários.

No romance *A peste*, de Albert Camus (1972), o protagonista Rieux reflete sobre a alegria dos sobreviventes após o ápice da hecatombe:

ouvindo, de fato, os gritos de alegria que surgiam por toda parte, ele lembrou que essa alegria escondia uma ameaça. Porque ele sabia que aquela multidão ameaçada não sabia [...] que o bacilo da praga nunca morre ou nunca desaparece, podendo permanecer por décadas dormindo em móveis, nas roupas, nas adegas, nos baús, nos lenços, na papelada e que, talvez, chegasse o dia em que, para o infortúnio e o ensino dos homens, a praga tornaria a acordar seus ratos e os enviaria para morrer numa cidade feliz (CAMUS, 1972, p. 279).

Camus nos alerta que a felicidade é um oásis em meio ao sofrimento gerado pela pestilência e pela morte como fenômeno absoluto. O mesmo sentimento em García-Marquez (1985) e Saramago (1995). Uma visão pessimista? Provavelmente não! Uma visão histórica, com certeza!

Um pouco de História

Num trabalho da década de 1970, McNeill (1976) discorre sobre a trajetória das pandemias no Oriente Médio e no Mediterrâneo como “democratizador” do contágio em inúmeros lugares em diferentes culturas. Tucídides relata o caso da praga que havia assolado Atenas em 430 a.E.C., que quase selou o fim da nascente democracia helênica. As grandes distâncias que separavam a Índia ou a China do Oriente Médio serviram como barreiras, ainda que provisórias, para impedir a disseminação global de agentes infecciosos com potencial global de aniquilação. Porém, com a intensificação das trocas comerciais e com o uso intensivo da navegação no Mediterrâneo, as cidades costeiras passaram a constituir um conjunto único de potenciais focos de doenças as mais diversas: varíola, difteria, gripes, tuberculose, tifo, peste bubônica, lepra etc. O mar apresava o contágio mais que as viagens terrestres: mais lentas, e com os enfermos fatais sendo deixados para trás e não amontoados em conveses de navios e deixados em portos que se tornavam focos de disseminação e contágio acelerado.

McNeill salienta que antes da era cristã o movimento regular entre a Índia, a China e a Eurásia ocidental não atingia nenhum tipo de organização estável. Oportunidades para espalhar doenças infecciosas de uma parte do mundo civilizado à outra permaneceram excepcionais e esporádicas. As áreas pouco povoadas isolavam efetivamente centros de densa concentração humana na Eurásia antiga de outros aglomerados urbanos. As infecções que residiam permanentemente em uma grande cidade ou grupo de cidades falharam em se estabelecer em outros lugares de forma endêmica. Quando o contágio ocorria era de forma esporádica. Mas isso logo mudaria...

“Camus nos alerta que a felicidade é um oásis em meio ao sofrimento gerado pela pestilência e pela morte como fenômeno absoluto. O mesmo sentimento em García-Marquez e Saramago. Uma visão pessimista? Provavelmente não! Uma visão histórica, com certeza!”

Kolbert (2020) escreve que a chamada “pandemia”, muitas vezes referida como *a primeira pandemia*, começou na cidade de Pelusium, no nordeste do Egito, no ano de 541. Segundo o historiador Procópio, que estava vivo na época, a “pestilência” espalhou-se à oeste, em direção a Alexandria, e à leste, em direção à Palestina. Então continuou de forma rápida e letal. O início dos sintomas era uma febre leve, mas que logo evoluía para um quadro letal: nódulos ou bolhas na virilha e nos braços. Os desgraçados vomitavam sangue e morriam em meio a dores atrozes.

A situação começa a se tornar dramática quando em 542 a praga atingiu a capital do Império Romano do Oriente, Constantinopla. O Imperador Justiniano, que governou por quase 40 anos, teve que conviver com 15 anos de pestilência. O curso da doença impôs a necessidade da paz com os persas, a devoção (construiu a Catedral de Hagia Sofia) e a imposição da lei romana e uma administração mais eficiente em todas as regiões dominadas pelo Império do Oriente.

No ápice da pandemia, a morte colhia mais de dez mil almas por dia, segundo Procópio. Os cadáveres eram recolhidos e jogados pelas amuradas das fortificações das cidades. A praga atingiu Roma, em 543, e a Grã-Bretanha, em 544. Recomeçou em Constantinopla, em 558, uma terceira vez em 573, e mais uma vez em 586. Diz a História que o martírio durou até 750!

A parte ocidental também sofrera muito. Roma tinha sido tão duramente contagiada que sua população havia sido reduzida a cerca de 30 mil habitantes.

Mas aqui estamos nos referindo somente a uma das pandemias, a peste bubônica. Mas existiam outras. A varíola, conhecida desde a época faraônica, pois havia matado o faraó Ramsés V, em 1157 a.E.C., prosseguiu a matança generalizada por séculos. O famoso médico Galeno já a estudara e descrevera em seus estudos atentando para a forma cruel das erupções cutâneas que dilaceravam os moribundos. Após seus estudos, a doença fora denominada de *a Praga de Galeno*. Provavelmente, o Imperador Marco Aurélio tenha morrido de varíola.

A varíola avançou os séculos e impôs às famílias a concessão de nome de batismo aos filhos somente após a sobrevivência ao flagelo. Essa temível doença ainda encontraria novas terras a se propagar após a Era dos Descobrimentos. As civilizações Maias, Astecas e Incas foram dizimadas por ela. A varíola, provavelmente, foi a primeira pandemia do Novo Mundo, levando à morte súbita milhares e milhares de nativos já em 1518. Mas a varíola não agiu sozinha. Irmanou-se com a febre tifoide e a difteria, amplificando o caminho pandêmico da destruição.

A longa história das pandemias começou a impor a necessidade do isolamento ou da *quarentena* como estratégia para isolar os casos e cessar a transmissão. Segundo Kolbert (2020, [s.p.], *on-line*), citando Frank Snowden:

o período de quarenta dias foi escolhido não por razões médicas, mas por razões bíblicas; como o Antigo e o Novo Testamentos fazem várias referências ao número quarenta no contexto da purificação: os quarenta dias e quarenta noites do dilúvio no Gênesis, os quarenta anos dos israelitas em fuga e os quarenta dias da Quaresma.

As quarentenas são bem descritas por Daniel Defoe (1987) em seu *Um diário do ano da Peste*, na peste de 1665-1666, em Londres, mas elas foram adotadas entre 1347-1351, quando a praga matou 1/3 da população europeia.

As primeiras quarentenas formais foram uma resposta à Peste Negra, que, entre 1347 e 1351, matou algo como um terço da Europa e inaugurou o que ficou conhecido como a “segunda pandemia de peste”. Assim como a primeira,

a segunda pandemia causou estragos em sua totalidade. A praga se espalharia e depois diminuiria, apenas para surgir novamente.

Mas novamente, a Europa seria martirizada pelo cólera, pela malária, e por outros patógenos que cobriam um preço elevado no processo civilizatório humano da construção de grandes centros urbanos. O cólera, segundo registros históricos, já se encontra, na longa história humana, em sua sétima pandemia. Atingiu praticamente todas as regiões do globo e ceifou milhões de seres humanos.

Covid-19 em perspectiva

Diante da atual pandemia da SARS-Cov-2 (Covid-19), voltamos à questão inicial do presente artigo: Qual o valor da vida humana diante de uma finitude súbita sempre presente? Aprendemos com a dor, com o martírio, com a dissolução de civilizações e culturas ancestrais, massacradas por homens e por seus patógenos hospedeiros nas grandes conquistas. Porém, aprendemos também com a ciência. Elevando o conhecimento científico ao papel de exorcista das crendices populares sequestradas por charlatães, e, como diríamos hoje, por propagandeiros de *fake news*: do “vírus chinês” às teorias conspiracionistas de manipulação viral.

A Covid-19 teve, no Brasil, um desenrolar muito semelhante à da Gripe Espanhola há 100 anos: o mito de um ataque estrangeiro (garrafas com ar empestado jogados por embarcações alemãs em direção às nossas praias para iniciar o contágio); o uso do quinino como droga milagrosa (o equivalente anterior à hidroxicloroquina); a busca do fundamentalismo religioso para a “expição das culpas” etc.

Estamos enclausurados em nossas quarentenas ou em nossos próprios seres mascarados, tementes aos primeiros sinais da doença, que podem nos levar ou aos nossos parentes ou amigos em direção à fatalidade. A normalidade se reconstrói por ora na suspensão das cerimônias de luto, nas covas coletivas (em muitos lugares), no medo do carinho e do afeto. Mas a vida há de florescer como floresceu em todas as eras e em todas as civilizações em seus momentos pós-pandêmicos.

Voltaire escrevia que: “a fome, a praga e a guerra são os três ingredientes mais famosos [e infames] de nosso mundo terreno” (VOLTAIRE, 2011, p. 224). No contexto brasileiro, vivemos estas três esferas que tornam a pandemia da Covid-19 ainda mais dura: o desemprego e os precarizados e, portanto, a fome, a praga em si, e a guerra política travada no âmbito interno por um desgoverno bolsonariano que usa a necropolítica para sufocar a ciência, as universidades, a cultura e o genuíno pensamento brasileiro de encontrar soluções onde elas parecem inexistir. Lutamos hoje com a ausência de quatro Ministérios importantes: Saúde, Ciência, Educação e Cultura, pastas ocupadas por seres espectrais que nada entendem de suas atribuições. Impuseram a destruição civilizatória, o conformismo e o esvaziamento do significado da “vida”.

Porém, passado o morticínio, a *civiltà brasilis* irá ressurgir e renascer das cinzas de seus mortos que ultrapassará a casa das duas centenas de milhares de brasileiros, levando em conta a subnotificação e as não notificações (NEVES, 2020). A “normalidade” será reconstruída sobre novas bases? Não sabemos! Mas não seremos os mesmos! Já não o somos!

Finalizando à *la Saramago*: olharemos através dos vidros de nossas janelas e veremos as ruas cobertas de lixo e as pessoas gritando e cantando. O medo ainda estará entre nós, mas nossas cidades ainda restarão! E o fio da vida também...

“**Aprendemos com a dor, com o martírio, com a dissolução de civilizações e culturas ancestrais, massacradas por homens e por seus patógenos hospedeiros nas grandes conquistas. Porém, aprendemos também com a ciência.**”

Referências

- BARRY, John M. *The Great Influenza: the epic story of the deadliest plague in History*. New York: Viking, 2004.
- CAMUS, Albert. *La peste*. Paris: Gallimard, 1972.
- DEFOE, Daniel. *Um diário do ano da peste*. Tradução de Eduardo Serrano San Martin. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- GARCÍA-MARQUEZ, Gabriel. *El amor en los tiempos del Colera*. Bogotá: Penguin Random House, 1985.
- HAYS, Jo N. *Epidemics and Pandemics: their impact on Human Society*. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2005.
- HEMPEL, Sandra. *The Atlas of Disease: Mapping Deadly Epidemics and Contagion from the Plague to the Zika Virus*. London: White Lion Pub., 2018.
- KOLBERT, Elizabeth. Pandemics and the shape of human history. *The New Yorker*, 30 mar. 2020.
- MARTINS, Roberto. *Contágio: história da prevenção das doenças transmissíveis*. São Paulo: Moderna, 1997.
- McMULLAN, Lydia et al. How humans have reacted to pandemics through History: a visual guide. *The Guardian*, 29 abr. 2020.
- McNEILL, William H. *Plagues and Peoples*. New York: Doubleday, 1976.
- NEVES, Marcos Cesar Danhoni. *Coronews Brazil*. Disponível em: www.coronewsbrasil.blogspot.com. Acesso em: 25 jun. 2020.
- OLDSTONE, Michael B. A. *Viruses, Plagues and History: Past, Present and Future*. New York: Oxford University Press, 2010.
- SARAMAGO, José. *Tratado sobre a cegueira*. Alfragide: Editorial Caminho, 1995.
- SNOWDEN, Frank M. *Epidemics and Society: from the Black Death to the Present*. New Haven/London: Yale University Press, 2019.
- VOLTAIRE. *Dizionario filosofico*. Roma: Newton Compton Editore, 2011.

Adaptação e o impacto socioeconômico no combate à Covid-19

Estudos indicam que é possível concluir que o uso de medidas profiláticas é fundamental para evitar o contágio do SARS-Cov-2 e necessário realizar medidas epidemiológicas de gestão de controle de infecções para contê-lo.

Marcos Mourão Santa Brígida
Tiago Duarte da Silva
Vitória Carolina Farias de Oliveira
Raquel Soares Casaes

Coronavírus (CoVs), uma ampla família de vírus de RNA de fita simples e envolto formado com envelope (cápsula viral), contribui para infectar animais e seres humanos, nas quais os CoVs podem ser representados em quatro gêneros: alfa, beta, delta e gama, sendo os equivalentes: alfa e beta os grandes responsáveis por infectar seres humanos, podendo ocasionar neste grupo: doenças respiratórias, gastrointestinais, hepáticas e neurológicas (ROEHE, 2020).

Detectado em Wuhan, na China – o denominado SARS-CoV-2 é o causador da Covid-19. Com base nisso, a partir da identificação de fatores que conduziram para a disseminação do vírus no mundo, foram adotadas medidas profiláticas - que consistem, portanto, em: lavar as mãos com frequência, utilizar álcool em gel, isolamento social e quarentena, e usar máscaras de proteção, evitando-se uma evolução exponencial de um fenômeno desfavorável à saúde da população (WANG *et al.*, 2020).

O vírus SARS-Cov-2 é um vírus que tem como hospedeiro animais como os morcegos, esse patógeno evoluiu, por isso a variabilidade genética do vírus o qual faz suportar esses picos de temperatura corporal, sendo um dos motivos pelo qual a febre humana não mata o vírus (nos seres humanos, a febre é um mecanismo de defesa projetado para elevar a temperatura do corpo e matar o patógeno) e se dissemina pelo mundo suportando diferentes climas (LANA, 2020).

O isolamento social é uma estratégia que pode ajudar a reduzir a contaminação e, com isso, dar prioridade ao atendimento médico das pessoas que precisam trabalhar com vistas à preservação desta base mínima de atividades sociais, sendo necessário para que as atividades de saúde possam se organizar e o comércio se estruturar com novas providências, o acúmulo de tarefas durante as atividades de *homeschooling* e *homeworking* etc. (BROOKS *et al.*, 2020; SINGHAL, 2020).

Portanto, não praticar o isolamento social temporário pode produzir uma catástrofe social que, por decorrência, também será econômica. E não preservar as rendas de trabalhadores e empreendedores em um contexto de isolamento agravará ainda mais um quadro que já é suficientemente dramático. É um período em que novas alternativas estão sendo adotadas para o coletivo em si, e não haverá mais ações individuais.

O objetivo do estudo é apresentar a consequência da disseminação viral ocasionada pela adaptação genética do vírus que está ocasionando os impactos sociais e econômicos no Brasil.

Marcos Mourão Santa Brígida é graduando em Engenharia de Pesca na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Especialista em Neuro-Semantics pelo The international Society of Neuro-Semantics. Atua no projeto de pesquisa intitulado: Diagnóstico e Avaliação de Alternativas para o Desenvolvimento Local e Integrado Sustentável.

Tiago Duarte da Silva é graduando em Engenharia de Pesca na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Atua na linha de pesquisa em criação e produção de insetos para nutrição de organismos aquáticos.

Vitória Carolina Farias de Olivera Tavares é graduanda em Engenharia de Pesca na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), vinculada ao Instituto Socioambiental de Recursos Hídricos ISARH/UFRA e membro efetivo da Empresa Junior da Engenharia da Pesca (ACEEP Jr).

Raquel Soares Casaes Nunes é microbiologista e professora adjunta da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Membro docente do Instituto de Saúde e Produção Animal (ISPA/Belém). Atua na linha de pesquisa sobre microrganismos patogênicos em sementes e frutos da região Amazônica.

Estudos científicos

O trabalho foi realizado a partir de um estudo de revisão bibliográfica em literatura científica. Os estudos foram localizados a partir da busca avançada, realizada entre os meses de abril, maio e junho de 2020, sendo que foram utilizados filtros de quatro idiomas (português, inglês) para buscar os estudos científicos correspondentes aos objetivos desta RIL, foram utilizados os seguintes termos de pesquisa: (“Covid-19” OR “Coronavirus disease 2019- nCoV” OR “Pandemia by 2019-nCoV” OR “AND (“mental health” OR “pandemics” OR “Social Isolation” OR “quarantine”).

Os coronavírus taxonomicamente fazem parte de uma família denominada *Coronaviridae*. Os membros desta família podem infectar: mamíferos, aves e peixes, sendo designado em quatro gêneros: *Alphacoronavirus* (alfa), *Betacoronavirus* (beta), *Gammacoronavirus* (gama) e *Deltacoronavirus* (delta). Os alfa e beta coronavírus infectam várias espécies de mamíferos e possui sua origem em morcegos.

Por outro lado, os deltas e gamacoronavírus são identificados em aves silvestres e domésticas. Além disso, os CoVs possuem um genoma composto por uma única cadeia de RNA simples envolto em algumas proteínas e uma camada externa chamado “envelope ou cápsula viral”, oriundo das membranas celulares. Todavia, como todos os vírus “envelopados”, são sensíveis a sabões e solventes adjacentes de gorduras. Nesta cápsula viral, são inseridas proteínas, sendo em diversas vezes contendo açúcares, que geram parte da camada mais externa da partícula viral (ROEHE, 2020).

O primeiro processo de replicação do CoVs necessita que o vírus se ligue a conectores celulares. Posterior a essa etapa, ele instrui-se na célula e libera seu material genético. É válido ponderar que, nos denominados CoVs, quaisquer etapas da replicação acontecem no citoplasma celular e uma vez dentro da célula, o genoma conduzirá as etapas de replicação e síntese de proteínas virais. Logo, genomas e proteínas serão acoplados e serão “montados” novos vírus, ainda incompletos. Com isso, uma célula infectada dará origem a milhares ou milhões de novos vírus, que estarão prontos para infectar novos hospedeiros, dando origem então na disseminação do SARS-CoV-2 no mundo.

No intuito de conter a curva de contágio da Covid-19, os aspectos das medidas adotadas foram positivos, tendo em vista ações adequadas de prevenção que foram cruciais para reduzir o arco de contágio no Japão, diferentemente dos demais países estudados neste projeto, ocasionando o aumento exponencial de casos nas nações supracitadas.

No período de três meses, o RNA do primeiro SARS-CoV-2 detectado na cidade de Wuhan já tem sequências genéticas diferentes das encontradas em outros países, como na Itália e Alemanha. Os dois primeiros casos confirmados no Brasil, de pacientes que vieram do Norte da Itália e desembarcaram em São Paulo, tiveram amostras do vírus recolhidas das vias respiratórias. Cientistas brasileiros sequenciaram o código genético dos dois e apontaram alguns pontos divergentes (JESUS *et al.*, 2020).

Por outro lado, três variantes virais caracterizadas por modificações de aminoácidos (conforme ilustrado na Figura 2), denominadas então: de A, B e C, sendo A validado como o tipo ancestral de acordo com o coronavírus do grupo de morcegos (encontrado na China). As vertentes A e C são mapeadas em proporções significativas fora da Ásia Oriental, ou seja, em brasileiros e italianos. Todavia, o tipo B não se espalhou rapidamente por fatores locais (FORSTER *et al.*, 2020)

Conforme consta na figura 2, esta rede filogenética de genomas SARS-CoV-2 representa variações do vírus no mundo. Esses patógenos estão diretamente atrelados e sob seleção evolutiva em seus hospedeiros humanos, ocasionalmente com fatos de evolução colateral, isto é, a mesma variabilidade do vírus emerge em dois hospedeiros humanos distintos. Com isso, faz-se das redes filogenéticas baseadas em caracteres o método de escolha para reconstruir seus caminhos evolutivos e seu genoma ancestral no hospedeiro humano (FORSTER *et al.*, 2020).

“ O primeiro processo de replicação do CoVs necessita que o vírus se ligue a conectores celulares. Posterior a essa etapa, ele instrui-se na célula e libera seu material genético. É válido ponderar que, nos denominados CoVs, quaisquer etapas da replicação acontecem no citoplasma celular e uma vez dentro da célula, o genoma conduzirá as etapas de replicação e síntese de proteínas virais.”

O isolamento social e o impacto socioeconômico

A Covid-19 surgiu inesperadamente e o enfrentamento a esta doença não está sendo fácil. A vida econômica e social será profundamente afetada. Ao invés de negar a realidade, os defensores da “normalidade”, particularmente os que se localizam em posições de comando na sociedade, quer seja no setor público, quer seja no privado, deveriam estar trabalhando para minimizar os efeitos diretos – humanitários e de saúde pública – e indiretos da crise em curso (WHO, 2020).

Conforme estão fazendo os governos dos principais países avançados e emergentes, estão sendo mobilizados recursos entre 10% e 20% dos respectivos produtos, somente nas rodadas iniciais de enfrentamento da crise. Muito possivelmente estas cifras crescerão, na medida em que se materialize a realidade de que a crise é grave e de que seus efeitos serão longos e profundos. Diante delas, os 2% do PIB já anunciados pelo governo federal revelam a timidez da atuação estatal no país em um contexto de tamanha gravidade (PIRES, , 2020).

Os infectados retornaram de viagens internacionais, muitos da Itália, e pertencem às classes sociais mais abastadas, tendo em vista o alto custo das passagens aéreas junto a desvalorização de nossa moeda no último ano. O coronavírus ficou circulando entre essas pessoas de maior poder aquisitivo, muitas delas assintomáticas, ou com sintomas muito leves, que não usam transporte público de massa e assim conseguem evitar aglomerações (BARREIRA; GRADIN, 2020). Uma semana após o primeiro caso de Covid-19, o estado do Rio de Janeiro contabilizava 15 ocorrências, e seu mapeamento concentrava esses números na Zona Sul e Barra da Tijuca, áreas nobres da cidade do Rio de Janeiro.

Medidas de locomoção foram adotadas como o transporte de passageiros, por terra e ar, entre os estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia e Distrito Federal, como também locomoções entre os interiores dos municípios e entre municípios. Medidas de contenção à contaminação foram realizadas em aeroportos; proibição de desembarque por passageiros nos aeroportos, a atracação de navios de cruzeiro de estados e países com circulação confirmada de coronavírus (GRELLET, 2020). Com esse intuito, decretos foram realizados para interromper a transmissão do vírus para que o sistema de saúde não seja sobrecarregado. Descumprir o isolamento aumenta a transmissão de maneira muito rápida e, por consequência, aumenta e muito a procura por socorro, podendo faltar leitos e respiradores para os doentes, caracterizando o colapso do sistema de saúde (JUCÁ, 2020).

Os serviços ditos como essenciais foram mantidos e continuam funcionando (supermercados e farmácias) têm controlado a entrada da população nos estabelecimentos, não mais preocupados com a saúde, mas com a segurança. A preocupação diária é a prática de arrastão, quando pessoas em grupos invadem os estabelecimentos levando os produtos sem pagar, além disso parte da população teme a convulsão social, pois os trabalhadores precisam do apoio do governo como empresários também (MENDONÇA, 2020).

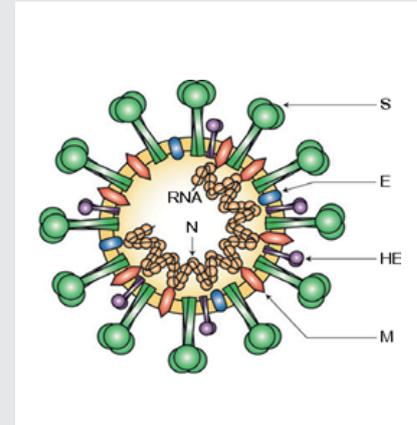
Medidas de restrição se fazem necessárias para o controle da pandemia e estratégias para controlar a situação e evitar uma nova onda de infecção, com ações internacionais coordenadas de isolamento social junto à realização de testes a fim de detectar quem precisa estar em quarentena, para evitar que o coronavírus volte a se manifestar onde a transmissão conseguiu ser interrompida. Órgãos governamentais devem apoiar os microempresários com ajuda monetária e redução de impostos para minimizar a crise econômica.

Somente o isolamento social pode não ser eficaz a médio prazo, devendo ser encarado, sobretudo, como uma medida para ganhar tempo enquanto cientistas do mundo estão à procura de tratamento e cura da Covid-19, pois vacina exige experimentação e tempo para fabricação.

Figura 1: Estrutura viral do novo coronavírus

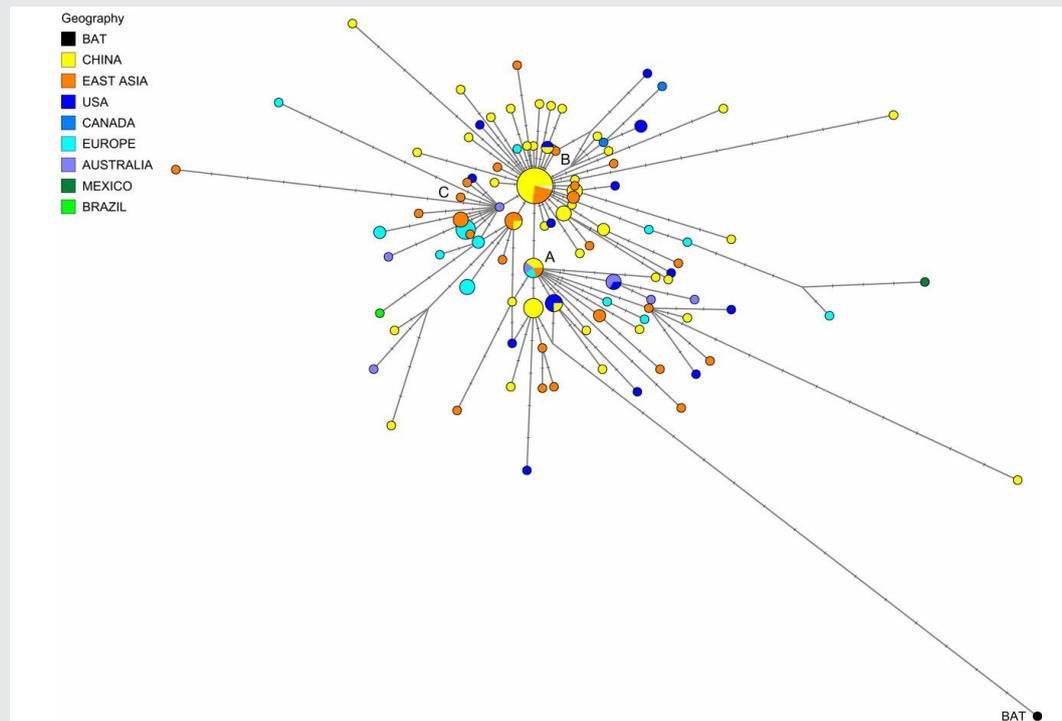
O RNA do genoma é complexo com a proteína N para formar uma caixa helicoidal dentro da membrana viral, hemagglutinina-esterase (HE); spike (S); pequeno envelope de membrana (E); membrana são todas proteínas transmembranas (M) (FINLAYBB; HANCOCK RE, 2004). A proteína nucleocapsídica se complexa com o RNA do genoma para formar uma estrutura de capsídeo helicoidal identificada dentro da cápsula viral. Com isso, a replicação viral segue as seguintes etapas:

1. Adsorção (Spike);
2. Liberação do genoma viral adentro da célula;
3. Tradução de enzimas do complexo; Replicação/Transcrição do material genético;
4. Transcrição do RNAm em segmentos de polaridade negativa;
5. Transcrição do RNAm em segmentos de polaridade +;
6. Tradução de proteínas estruturais;
7. Replicação do RNA gênomico;
8. Composição do novo vírion;
9. Liberação da partícula viral (MENEZES ME, 2020).



Fonte: FINLAY BB; HANCOCK RE, 2004.

Figura 2: Relação filogenética de 160 estruturas do patógeno Sars-CoV-2 e a distinção de três tipos virais do CoVs: A, B e C



Fonte: FORSTER P et al., 2020; dados extraídos de <https://doi.org/10.1073/pnas.2004999117>.

Referências

ALMEIDA-LEITE, Camila Megale; STUGINSKI-BARBOSA, Juliana; CONTI, Paulo César Rodrigues. How psychosocial and economic impacts of Covid-19 pandemic can interfere on bruxism and temporomandibular disorders?. *Journal of Applied Oral Science*, Bauru, SP, v. 28, p. 1-3, 2020.

BARREIRA G.; GRANDIN F. Bairros mais caros do Rio lideram casos, mas especialistas temem “explosão” de Covid-19 nas favelas. *O Globo*, Rio de Janeiro. 2020. [S.I.]. Painel Rio Covid-19. Instituto Pereira Passos - PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. 2020. Disponível em: <http://www.data.rio/app/painel-rio-covid-19>.

FINLAY, B.; HANCOCK, R. Can innate immunity be enhanced to treat microbial infections? *Nat. Rev. Microbiol*, v. 2, n. 6, p. 497-504, Jun. 2004.

FORSTER, Peter *et al.* Phylogenetic network analysis of SARS-CoV-2 genomes. *PNAS-Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 17, n. 17, p. 9241-9243, 2020.

GRELLET, F. Witzel suspende transporte por ônibus e avião para o Rio. *Uol*, São Paulo. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/03/19/witzel-suspende-transporte-por-onibus-e-aviao-para-o-rio.htm>.

JESUS, J.G. *et al.* First cases of coronavirus disease (Covid-19) in Brazil, South America (2 genomes, 3rd march 2020). *Virological*, 2020. Disponível: <http://virological.org/t/first-cases-of-coronavirus-disease-covid-19-in-brazil-south-america-2-genomes-3rd-march-2020/409>.

[S.I.]. Coronavirus disease (Covid-19) pandemic. (WHO) World Health Organization. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>.

JUCÁ, B. Com projeção de 460.000 infectados no Estado de São Paulo, Brasil endurece combate ao coronavírus. *El País*, São Paulo. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-14/com-projecao-de-460000-infectados-no-estado-de-sao-paulo-brasil-endurece-combate-ao-coronavirus.html>.

LANA, Raquel Martins *et al.* Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva. *CPS-Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, p. 1-5, 13 mar. 2020.

MENDONÇA, H. Governo anuncia 40 bilhões em crédito para financiar salários de pequenas e médias empresas por 2 meses. *El País*, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/economia/2020-03-27/governo-anuncia-40-bilhoes-em-credito-para-financiar-salarios-de-pequenas-e-medias-empresas-por-2-meses.html>.

MENEZES M. E. Diagnóstico laboratorial do coronavírus (SARS-CoV-2) causador da Covid-19. Sociedade Brasileira de Análises Clínicas. Rio de Janeiro: Sbac, 2020.

PAULES, Catharine I.; MARSTON, Hilary D.; FAUCI, Anthony S. Coronavirus Infections - More Than Just the Common Cold. *Jama*, v. 323, n. 8, p. 707-708, Fev. 2020.

PIRES, M. As políticas que estão sendo adotadas para o combate à Covid-19: Experiência internacional e o Brasil. Instituto Brasileiro de Economia – IBRE. 2020.

ROEHE Paulo. Coronavírus, Covid-19, SARSCoV-2 e outros – um ponto de vista virológico. *Jornal da Universidade UFRGS*, 30 abr. 2020.

WU, Di *et al.* The SARS-CoV-2 outbreak: what we know. *Rev: International Journal of Infectious Diseases*, Universidade Federal do Paraná, Campus Toledo, 2020, v. 94, n. 1, p. 44-48, May 2020.

ARTIGOS E ENSAIOS

As torturas do silêncio

Elen Gerald é professora associada na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. É líder do grupo de pesquisa “Ouvindo as ouvidorias do sistema prisional”, com apoio da FAP/DF.

Georgete Medleg Rodrigues é professora associada na Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB). É líder do Grupo de Pesquisa “Estado, Informação e Sociedade”.

Kênia Augusta Figueiredo é professora no Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília (UnB).

Uma forma diferenciada de tortura aflige a humanidade nos dias de hoje enquanto a pandemia da Covid-19 assola cidades, países e o mundo. Trata-se da omissão de informações e a falta de vínculo comunicacional perpetrados pelo Estado. Essa modalidade de tortura construída por meio do silenciamento, da negação e da farsa subjuga e aflige a população.

Elen Gerald
Georgete Medleg
Kênia Figueiredo

A data de 26 de junho foi escolhida como Dia Internacional de Apoio às Vítimas da Tortura, em 1997, no décimo aniversário da Convenção de Combate à Tortura, assinada por Estados-membros da Organização das Nações Unidas (OMS). Embora haja normas muito antigas contra esse instrumento de destruição física e mental para coação e obtenção de informações, como a declaração britânica de 1689, e outras de caráter internacional, ratificadas por grande número de nações, a prática de tortura ainda é muito frequente. Essa constatação é ainda mais contundente em países como o Brasil, com um passado colonial, escravocrata e patriarcal muito recente, cujas marcas de assimetria nas relações sociais transparecem no racismo, na desigualdade de renda, na opressão de gênero e na falta de acesso à educação, à moradia, à saúde e ao trabalho, dentre outras carências.

Neste artigo, vamos refletir sobre uma forma diferenciada de tortura: a omissão de informações e a falta de vínculo comunicacional perpetrados pelo Estado, que subjuga e afligem a população e são construídas por meio do silenciamento, da negação e da farsa. Para compreender essa modalidade de tortura, iremos analisar o tratamento dado à pandemia da Covid-19 pelo Governo Federal, cujas implicações envolvem uma grande insegurança pessoal, a dificuldade de se pensar políticas sociais efetivas de prevenção e combate à doença e a própria destruição física dos mais frágeis.

Partiremos de uma premissa: a ação de tortura perpetrada pelo Estado, nesse caso, fundamenta-se na restrição aos direitos à informação e à comunicação. Por direito à informação compreendemos o direito de informar, exercido pela mídia, por indivíduos e organizações produtoras de informação e pelo próprio Estado e seus agentes; de ser informado com precisão, veracidade e rigor, e de se informar, isto é, de o cidadão obter junto a instituições públicas informações de seu interesse. Já o direito à Comunicação engloba, além das premissas do direito à informação, a possibilidade de falar e de ser ouvido, em um exercício de liberdade de expressão, vinculado ao acesso aos meios de comunicação, como rádio, televisão e internet.

Uma das características desses direitos é que são pré-requisitos para o exercício de outros direitos. Por exemplo, o direito à educação raramente será conquistado se os pais de baixa renda não conseguirem vagas para seus filhos em escolas públicas. Para terem acesso a essa possibilidade, devem conseguir se informar sobre a oferta de vagas em sua região, os prazos e os requisitos de inscrição. Se a matrícula não se efetivar, devem ser ouvidos por meio de canais efetivos para expressar seu descontentamento, suas demandas e colaborarem

hidrocloroquina

Regina Pouchain



para a construção de soluções. O direito à saúde, da mesma forma, exige que a sociedade tenha uma série de informações sobre prevenção e autocuidado, e que haja uma escuta permanente para identificar fragilidades, carências e demandas do sistema público em diálogo com o sistema complementar.

A forma como o Estado informa e é informado pela população, dialoga com ela e estabelece pactos e parcerias constitui uma das modalidades de comunicação pública, que, diferentemente da comunicação governamental, não é assimétrica, mas envolve fluxos e processos multidirecionais complexos. Na comunicação pública efetiva e fluente, os direitos à informação e à comunicação são respeitados. Assim, a indagação no centro deste texto é: Como o esgarçamento dessa comunicação pública afetou os caminhos da pandemia da Covid-19 no Brasil e ajudou a constituir uma forma de tortura que ameaça a sobrevivência e a saúde mental da população?

E de repente veio a Covid-19

Uma das marcas da pandemia do novo coronavírus, que atingiu grande parte dos países do mundo em 2020, é a sua velocidade de transmissão. De uma hora para outra, “tudo que era sólido se desmanchou no ar”, impactando o cotidiano da população, suas relações sociais, familiares e profissionais. Embora de baixa letalidade, proporcionalmente ao número de pessoas infectadas, no início de maio um estudo mostrava que o “Brasil tem pior taxa de crescimento da letalidade por Covid-19 da América do Sul”¹. As formas graves da Covid-19 costumam implicar um tratamento hospitalar longo, o que ameaça os sistemas de saúde, que devem disponibilizar, além dos recursos humanos, leitos em Unidade de Terapia Intensiva (UTI), medicamentos e respiradores. Além disso, como revela o estudo citado, a taxa de letalidade do Brasil é muito elevada, influenciada pelas desigualdades no acesso ao tratamento. Em 20 de maio deste ano de 2020 a UOL noticiou que as pessoas negras e pardas somaram, naquele período, 54,8% das mortes por Covid-19 registradas no Brasil. Comentário da comunidade médica foi de que essa era uma realidade esperada, devido à desigualdade social que a pandemia agora escancara.

Os países que deram respostas mais rápidas ao desafio colocado pelo novo coronavírus obtiveram mais sucesso em evitar sua propagação. Nesses países, as informações sobre o vírus foram interpretadas corretamente e se conseguiu iniciar, de modo coeso, coordenado e com grande adesão da população, a testagem, o rastreamento dos doentes, o isolamento social, as ações de apoio financeiro aos mais vulneráveis e a construção de um calendário de “retomada” após a doença ter atingido seu pico e o número de novos casos começar a decrescer.

Ora, todas as ações citadas anteriormente dependem de um Estado dialógico, que produza informações, as sistematize e as compartilhe. Um Estado que faça alguns ajustes, quando necessário, ao ouvir a população, ao planejamento construído de forma colaborativa com as gestões municipais, estaduais e federais.

Esse diálogo não aconteceu no caso brasileiro. As ações foram desencontradas e caóticas, pautadas no silêncio e no silenciamento, como veremos nos exemplos a seguir.

“A forma como o Estado informa e é informado pela população, dialoga com ela e estabelece pactos e parcerias constitui uma das modalidades de comunicação pública, que, diferentemente da comunicação governamental, não é assimétrica, mas envolve fluxos e processos multidirecionais complexos.”

¹ “Brasil tem pior taxa de crescimento da letalidade por Covid-19 da América do Sul”, site G1, 5 de maio 2020. diz estudo. Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/05/brasil-tem-pior-taxa-de-crescimento-da-letalidade-por-Covid-19-da-america-do-sul-diz-estudo.ghtml>.

Negação, silenciamento, farsa

A pandemia causada pelo novo coronavírus foi subestimada por vários países, e até pela OMS, que inicialmente demorou para sugerir medidas de contenção mais rigorosas e a classificou como uma “doença leve”. No Brasil, as primeiras falas do presidente Bolsonaro sobre o assunto referiam-se à Covid-19 como “gripezinha”, e comparavam a Itália ao bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, onde, segundo ele, só “havia velhinhos” – por isso a doença teria atingido tão fortemente aquele país. Ademais, Bolsonaro, em uma de suas declarações diárias ao chegar ao Palácio do Alvorada, no dia 26 de março, afirmou que “brasileiro tem que ser estudado” porque “ele pula em esgoto” e “não acontece nada com ele”.

Diferentemente da OMS, do primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, e até do presidente estadunidense Donald Trump, que corrigiram suas falas à medida que a contaminação pelo novo coronavírus se disseminava velozmente e os números de mortos pela doença alcançava números alarmantes, Bolsonaro continuou subestimando-a, pedindo o fim do isolamento social em nome da recuperação econômica e afirmando que não tinha nenhuma responsabilidade pelas mortes decorrentes da pandemia, que seriam fruto das ações equivocadas de prefeitos e governadores, e até do destino de cada um.

Compatível com essa negação do presidente, ocorreram silenciamentos em vários níveis. Os canais de comunicação com governos e municípios eram frágeis, mas ainda existiam na gestão do então ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, ficaram mais esgarçados na breve gestão de Nelson Teich e foram totalmente rompidos na gestão interina, mas de vocação permanente, do general Eduardo Pazuello, que brigou com os números da pandemia e propôs uma nova metodologia de divulgação dos dados, que tenderia a reduzir o número de casos. Com Mandetta, havia entrevistas coletivas diárias, e a imprensa elogiava a clareza na divulgação dos dados e a disponibilidade do ministro em tirar dúvidas. Com Teich, os horários de divulgação foram postergados, e as coletivas se tornando mais raras. Por fim, com o general Pazuello à frente do Ministério da Saúde (MS), a divulgação dos números da Covid-19 foi transferida para às 22h, levando à criação de um consórcio de veículos de comunicação para recuperar os dados das secretarias de saúde e contabilizá-los.

Uma das características desse silêncio foi a falta de capacidade – ou de vontade política – de o MS coordenar as ações municipais e federais para aquisição de equipamentos, como respiradores, o que poderia baratear custos e minimizar a ocorrência de casos de corrupção, e de medidas de fechamento e abertura orquestradas, aumentando a sua eficácia².

Outro episódio de silenciamento se deu na distribuição dos recursos do auxílio emergencial, fundamentada no acesso à internet para que a população pudesse baixar um aplicativo, interagisse com ele e recebesse o benefício por meio de uma conta digital. Os atrasos e os erros do sistema foram muito frequentes, e havia poucas opções para resolver esses problemas, levando a filas e aglomerações nas agências da Caixa Econômica Federal, dos Correios e das lotéricas.

Mas além da negação e do silenciamento, houve um forte movimento de farsa. O presidente Jair Bolsonaro publicou, no início do isolamento social, um vídeo falso de um possível desabastecimento de alimentos na Ceasa de Minas Gerais. A crítica à China como criadora do vírus, seja de forma voluntária ou não, a divulgação da cloroquina como remédio para cura eficaz da doença, sem respaldo científico, e, coroando tudo isso, incitando a população a invadir hospitais públicos e de campanha para filmar seu interior e, segundo ele, averiguar a disponibilidade de leitos, fizeram parte da construção de uma farsa sobre a

² Formado por G1, O Globo, Extra, Estadão, Folha e UOL.

“Para Paulo Freire, homens e mulheres se fazem na palavra, e não no silêncio, a palavra não é um privilégio, mas um direito de todos”

pandemia. Nessa narrativa fantasiosa, os números da pandemia seriam inflados por adversários políticos do presidente, com finalidades eleitorais.

Tortura: a palavra calada

A tortura visa à destruição física e mental do outro. Pode ter um objetivo aparente, o de obtenção de informações, mas a sua maior finalidade é o exercício de poder sobre os corpos e as vidas de quem está submetido.

Nesse aspecto, tanto o silenciamento quanto a negação e a farsa podem levar à destruição física porque geram a banalização da doença, a falta de adesão às medidas preventivas e a consequente contaminação. Podem levar, também, à destruição emocional, por meio do agravamento da insegurança e do medo, já que evitam que as pessoas se sintam cuidadas e acompanhadas, reforçam o isolamento e a solidão, e inibem as possibilidades de diálogo e de troca. Essa condição confirma o que Júlio Fabbrini Mirabete, em seu *Manual de Direito Penal*, diz: “tortura é a inflição de mal desnecessário para causar à vítima dor, angústia, amargura, sofrimento”.

Para aqueles que têm alguma forma de débito social, como as pessoas encarceradas, essa palavra negada impulsiona o seu apagamento na vida social, rompe com os contatos, amplifica a insegurança gerada pela ausência de laços de solidariedade e a possibilidade de pedir ajuda e de ser ouvido.

Mas como evitar esse tipo de tortura?

As palavras que curam

Na luta contra a pandemia, ficou evidente que a palavra artística, por meio das *lives*, dos shows, das séries e livros que se multiplicaram neste período, é vital. Essa palavra é um alento e pode ajudar na construção de redes de solidariedade e de apoio neste momento de tantas incertezas.

Mas também é fundamental a palavra precisa, a palavra científica, o dado traduzido e explicado em informação correta.

Por fim, a palavra política também pode curar, desde que não fique restrita à destruição do outro, às intermináveis crises que se retroalimentam. Ela pode ser fundamental quando é um convite à luta conjunta, coesa e compartilhada contra a pandemia e suas consequências. Como nos ensinou Paulo Freire (2013)³, para quem homens e mulheres se fazem na palavra, e não no silêncio, a palavra não é privilégio, mas um direito de todos. Líderes que não utilizam o diálogo como base de sua atuação governamental insistem em impor suas decisões e não organizam as pessoas – eles as oprimem.

³ Pedagogia do Oprimido. Editora Paz e Terra. Recurso digital.

De pandemia em pandemia: antipolíticas do luto

Este ensaio nasce de reflexões oriundas dos anos dedicados ao estudo do movimento LGBTQIA+ estudos de gênero, sexualidade, narrativas sobre a epidemia de HIV/Aids e políticas públicas. Esses estudos deram origem à dissertação de mestrado, defendida no programa de Direitos Humanos e Cidadania na UnB (PPGDH-UnB) e continuam com os desdobramentos possíveis dessas temáticas no campo da teoria social, nas formas de socialização e no campo da política no doutorado do programa de Sociologia da UnB (PPGSOL-UnB).

Sávio Barros é advogado OAB-DF, doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (UnB).

Sávio Barros

Não proponho aqui uma reflexão sobre os caminhos da política de HIV/Aids, mas refletir sobre as correlações possíveis entre o contexto pandêmico de emergência, bem como a pouca atenção/descaso/omissão de alguns governos em relação ao número de vítimas fatais, tanto da Aids quanto da pandemia da Covid-19. Há muitas camadas possíveis para esta reflexão, proponho pensar aqui o papel do chefe do Executivo e sua localização não casual dentro da estrutura social. Por que importa que o chefe de Governo se pronuncie sobre perdas de vidas?

Para responder a esse questionamento, penso com Judith Butler (2015; 2017) o conceito de *políticas do luto*. A autora chama ao diálogo autores como Nietzsche e Freud para produzir uma teoria densa e profícua sobre as interações entre poder (compreendido em termos foucaultianos) e a psiquê. Nietzsche (2009) refletiu sobre a formação da moral. Um arquétipo fabricado na sujeição às contingências sócio-históricas e ideias de um tempo. Nietzsche se insurge contra o homem replicador de moralismos judaico-cristãos que, perdido e sempre perturbado em um mundo em constante transformação, apenas reage aos estímulos externos e é incapaz de criar seus próprios valores ou nadar contra a maré que o engole. Afrontado pela realidade, ele se torna um reacionário e ressentido, lutando para manter ou retornar a um mundo que julga conhecer ou ter conhecido.

Nietzsche dá os primeiros passos na desconfiança da ascese e dos valores judaico-cristãos institucionalizados como naturais na formação do sujeito ressentido. Mas foi preciso aguardar Freud (2013) para nos fazer entender que há camadas na formação da personalidade que são inacessíveis à nossa vontade. Insistir na manutenção de um mundo estático nem sempre é uma resposta mediada pela razão, mas um impulso irrefletido produzido pela consciência da perda ou da possibilidade de perda. O sujeito ressentido vive pela ótica produzida de um único afeto, o medo. Ele opera o medo como um artesão que se confunde com a matéria que manipula.

Dimensões da vida social que influem na vida psíquica

Há três elementos que caracterizam nossa perspectiva social frente à perda: negação, coesão e superação. Não trato aqui como estágios do luto, mas dimensões da vida social que influem na vida psíquica. Imagine então uma paisagem que você vê pela janela: carros passando, pessoas andando a pé e de bicicleta, um cachorro, duas pessoas paradas na calçada conversando. Essa imagem tem duas características especiais: ela sempre se repete, as mesmas coisas acontecem como se estivesse em um *loop*; a segunda característica dessa imagem é que ela é você. Ela não é algo separado, externo. A imagem é nosso narciso refletido.

Desde Freud (2009; 2013), compreendemos que todo processo de luto é interno e visa tratar uma falta, uma perda do horizonte psíquico. A negação é a falta. Imagine que nessa imagem, que você vê pela janela, algo desaparece. O homem que vinha pela direita andando de bicicleta em *looping* de repente não vem mais. Durante um tempo, você pensa sobre ele. Faz um esforço para lembrar por que você sabe que algo vinha dali. Pensa na falta que ele deixou nessa imagem que também é você. Depois de um tempo você nota que tudo volta para o início, tudo reinicia e a falta do ciclista se normaliza, adequando-se a uma nova imagem narcísica. Pelo menos até que outra coisa suma de sua paisagem ou apareça.

Os esforços para manutenção dessa imagem consciente são precedidos de abertura, igualmente consciente, para a experiência do luto. Processos mentais e sociais entram em sincronia, ou não, dependendo da nossa capacidade de elaboração sobre essa perda. As condições sociais, entendidas como acontecimentos externos à mente e relacionais, podem facilitar ou dificultar essa abertura da consciência. Essa imagem é informada por elementos que nos afetam, acessam nossa consciência por meio dos sentidos e da sua elaboração consciente. Se morre um ente querido, nosso trabalho de luto (*trauerarbeit*) se debruça sobre nossas memórias concretas daquele sujeito: momentos, voz, gestos. Redimensionamos a perda e dependemos, para indicar o volume de “trabalho” que será empreendido, do nível de proximidade com aquela pessoa, da qualidade de nossas memórias e, até mesmo, de encontrar reflexos do efeito dessa morte nos rostos de outros ao nosso redor.

Mas e quando aquilo que se perde é muito grande, o volume de informações é incomensurável ou a perda vem acompanhada da morte, aqui metafórica, de uma ideia, conceito ou concepção de mundo? Imagine a situação em que a consciência é abatida por uma tragédia: a queda de um avião, um deslizamento de terra em uma área povoada, um incêndio. A tragédia produz uma comoção compartilhada. Ela demanda uma atenção e uma movimentação ético-política que, ao menos na forma, mitiga os efeitos da tragédia. Ritos sociais são movidos, e o trabalho do luto se socializa. Mas há outras tragédias que não produzem os mesmos efeitos. Esses efeitos não dependem apenas de uma abertura individual para o luto, mas de coesão social e política que transcende os indivíduos: é o caso das guerras, da violência de Estado e das pandemias.

Os diferentes lutos

Butler (2015), utilizando-se de toda essa argumentação, conclui que existem vidas passíveis de luto e vidas não passíveis de luto. A vida passível de luto é aquela que foi apreendida enquanto uma vida viável. Em outras palavras, choramos porque sabemos que aquela vida foi vivida ou aquela potência de vida se perdeu. Por outro lado, não choramos quando a força da interpretação social, midiática e política informa nossas consciências de que aquela vida seria inviável. A pergunta de Butler, “quando a vida é passível de luto?”, é certa em seus próprios termos,

“ “A tragédia produz uma comoção compartilhada. Ela demanda uma atenção e uma movimentação ético-política que, ao menos na forma, mitiga os efeitos da tragédia. Ritos sociais são movidos, e o trabalho do luto se socializa. Mas há outras tragédias que não produzem os mesmos efeitos.”

porque o significado de vida é o objeto do questionamento. Que vida é essa? Quem trabalha o luto por essas perdas? E mais além, o luto é desejável em que termos?

Há uma história famosa que circula na comunidade LGBTQIA+ que mostra como a Aids moveu as estruturas sociais na década de 1980. Ronald Regan, então presidente dos EUA (1981-1989), demorou seis anos para se pronunciar sobre a epidemia. A Aids era associada aos homossexuais, trabalhadoras e trabalhadores do sexo e usuários de drogas injetáveis. Sujeitos incógnitos e noturnos para a refinada e lustrosa classe política republicana norte-americana. Foram muitos anos e muitas mortes até que Regan se pronunciasse. Foi necessário aguardar o fim de seu governo para que houvesse uma política nacional de saúde para pessoas vivendo com HIV nos EUA.

Regan apenas se pronunciou em 1987, quando a doença já havia matado mais de 20.000 pessoas nos EUA. Ele falou em uma conferência de saúde, depois que profissionais da área, militantes por direitos de pessoas vivendo com o vírus, amigos e parentes de mortos pela Aids e até Elizabeth Taylor exigiram alguma palavra do presidente. A pressão social e a abstrata opinião pública norte-americana praticamente obrigaram Regan a sair do silêncio.¹

Durante toda a década de 1990, estruturou-se políticas de combate ao HIV no mundo todo. No Brasil, a política de combate ao HIV foi tomada como referência global pela OMS (Organização Mundial de Saúde), e o país foi considerado exemplo de políticas bem-sucedidas. Richard Parker (2000) discute que dois fatores foram fundamentais para esses avanços: a interação entre o Estado e os movimentos sociais, e o sistema de saúde pública de caráter universal e com financiamento exclusivo. Esses elementos garantiram que o tratamento chegasse de maneira gratuita e universal a muitos afetados pela pandemia.

Regan e sua equipe faziam piadas quando eram questionados por jornalistas sobre o que o governo norte-americano faria em relação aos doentes e mortos que se acumulavam. A troça ou a ausência de reação é uma defesa. Entendo, acompanhando Nietzsche, Freud e Judith Butler, que seria impossível esperar qualquer coisa além da ironia ou da indiferença. Nesse ponto, a psicanálise me dá ferramentas para perguntar que aspectos sociais afluem na formação da personalidade desses sujeitos e acabam por contaminar a vida política.

A piada e o silêncio são uma fuga, expropriações do ato de negação, negar sem dizer “não”. A negação omissiva de um chefe de Estado é tão política quanto qualquer um de seus atos. No Brasil de 2020, são muitos os exemplos da negação ou da omissão de representantes de Estado frente às mortes pela pandemia de Covid-19. Desde um aparentemente inofensivo “e daí?”, até o próprio silêncio ou a atenção a algo cientificamente desprovido de sentido biomédico contribuem para a desestruturação de processos de luto. Ao mesmo tempo, há um uso histórico da guerra, da violência de Estado e das pandemias com finalidade político-ideológica. Essa finalidade pode mudar, mas invariavelmente utiliza as lágrimas que caem para regar procedimentos de controle sobre grupos sociais, manipular o imaginário social sobre outros grupos ou como bode expiatório da incompetência do Estado em dar uma solução racional ou conveniente aos problemas.

Esses rituais coletivos de perda são diversificados, obedecendo a diversidade de tantos quantos são os grupos sociais que formam o Estado Nacional. No caso brasileiro: os rituais dos povos indígenas diferem entre si, diferem dos rituais das tradições judaico-cristãs e das religiões de matriz cultural africana. Rituais no Sudeste podem ser diferentes dos rituais de outras regiões do país, pode haver formas diferentes de rituais no espaço urbano e no espaço rural, bem como nos centros das grandes cidades e nas favelas e baixadas. O que se movimenta, no lugar

¹ Elizabeth Taylor foi atriz de Hollywood, ativista pelos direitos das pessoas vivendo com o vírus HIV e uma das principais articuladoras dos esforços de entidades públicas e privadas para garantir recursos para o combate ao avanço da doença nos EUA.



CORONA

Colagem: Regina Pouchain

/RP

de atos organizativos dos rituais vividos coletivamente, são ações ou omissões dos líderes de Estado que desorganizam o trabalho do luto. Uma antipolítica do luto privilegia determinados rituais em detrimento de outros, desorganiza a produção de uma comoção nacional e/ou silencia sobre essas perdas.

O governante e o luto público

No exemplo de Ronald Regan, talvez aqueles que morriam de Aids na década de 1980 não merecessem o luto público, porque suas vidas nunca foram apreendidas enquanto vida. Aquela perda só pode ser sentida pelo próximo, que, no caso das comunidades LGBTQIA+, comunidades negras e latinas dos EUA, se confundem com a ideia do mesmo. Algo semelhante vem acontecendo novamente, mas em uma proporção muito maior. Outros fatores podem estar influenciando essa resposta social tão contundente em nosso atual contexto epidêmico, mas sem dúvida a atuação do chefe do Poder Executivo é um desses fatores. A hipere Exposição de suas declarações, em diversos veículos de comunicação, e a própria existência da internet, contribuem para o amadurecimento de opiniões compartilhadas sobre o que deveria ou não estar sendo feito enquanto resposta à pandemia.

Essa diferença de contexto e, ao mesmo tempo, essa reciclagem de velhas formas de controle social por meio do sofrimento, tornam-se terra fértil para as incongruências e os paradoxos da ignorância gerindo o espaço público. Não estar aberto ao luto é não estar aberto à vida.

Referências

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a guerra e a morte*. Covilhã: LusoSofia, 2009.

FREUD, Sigmund. *Luto e malancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PARKER, Richard. *Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

“ A piada e o silêncio são uma fuga, expropriações do ato de negação, negar sem dizer ‘não’. A negação omissiva de um chefe de Estado é tão política quanto qualquer um de seus atos.”

A cultura popular embala os pequenos brincantes do Ensino Infantil

Ciro Leandro Costa da Fonsêca é doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), orientador pedagógico do Educandário Raízes do Saber

Isabel Haialy Pereira da Silva é professora da Educação Infantil do Educandário Raízes do Saber.

Este trabalho relata a vivência da manifestação popular dos caboclos pelos alunos do Ensino Infantil, no contexto do isolamento social. Assim, podemos aprender que a cultura necessita se reelaborar em diferentes contextos, e que a escola pode reinventar suas práticas para sobreviver às crises, compartilhar conhecimentos e experienciar novos sentidos e aprendizados.

Ciro Leandro Costa da Fonsêca
Isabel Haialy Pereira da Silva

Os primeiros anos de vida condizem à fase mais significativa para a constituição do sujeito, pois se referem a um período marcado pela absorção de novas aprendizagens, como também o desencadeamento de aptidões nas diversas áreas do conhecimento, sendo assim, o início da formação das características humanas.

Diante disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a necessidade de que as crianças da Educação Infantil sejam direcionadas a experiências que possibilitem conhecer a si mesmas e ao outro, que possam valorizar sua identidade, bem como respeitar os outros e perceber as diferenças que nos constituem como seres humanos (BRASIL, 2018). Em conformidade, evidenciamos a relevância de se incrementar o trabalho com a cultura popular a partir do ensino da primeira infância, pois muitas das vezes as manifestações populares se encontram tão próximas da nossa realidade, mas tão distante da nossa prática pedagógica (LÚCIO, 2005).

Logo, destacamos que é preciso levar os pequenos aprendizes a pensar sobre suas histórias, suas origens, através de metodologias que assegurem a formação cognitiva, motora, linguística, estética e sociocultural, detendo como suporte o contato com situações reais de suas vivências.

Cultura cabocla também é brincadeira

Nessa perspectiva, buscamos, neste trabalho, enfatizar a repercussão das atividades com a cultura popular para crianças da Educação Infantil, tendo como base o projeto “Semana Santa Caboclinha: experiências de pequenos brincantes”, que teve como objetivo despertar no público infantil o interesse pela cultura cabocla como patrimônio histórico e cultural, contribuindo para a construção de sua identidade e a valorização das tradições orais e memória.

Cabe-nos, primeiramente, contextualizar a manifestação cabocla e como esta se exterioriza na tradição popular. O pular caboclo ou dançar caboclo pertence ao patrimônio cultural imaterial e histórico da cultura popular brasileira. Composto em média por 12 a 26 participantes, estes grupos ganham vida nos sítios, nas ruas e nos terreiros, no período da Semana Santa, sempre

acompanhados pelos sons da sanfona, triângulo, pandeiro e zabumba. É costume de os brincantes saírem de porta em porta, apresentando-se com suas roupas coloridas e pisadas fortes em troca de receberem esmolas, com a missão de levar alegria desde crianças, jovens e idosos.

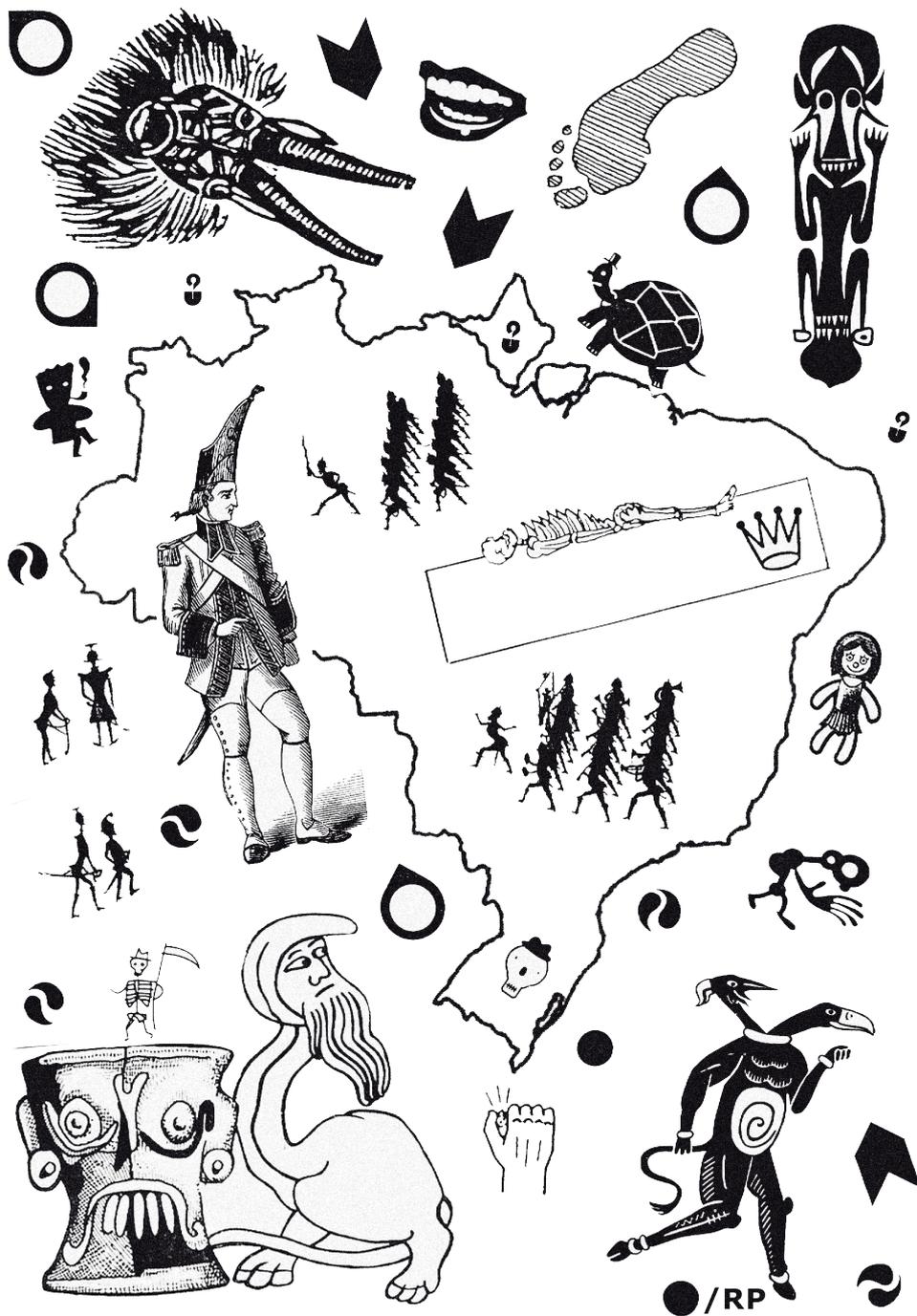
Outro momento crucial desta manifestação diz respeito à malhação do Judas, que acontece no Sábado de Aleluia. Trata-se de um costume de origem portuguesa que com o tempo misturou-se com a tradição dos caboclos, em que os brincantes revivem a tradição do personagem bíblico Judas Iscariotes com Jesus Cristo. Para tanto, é confeccionado um boneco de palha ou de pano representando o traidor, que é colocado no centro da roda para ser apedrejado, pisoteado e torturado, como ato de punição por sua deslealdade.

Dessarte, percebemos que a figura dos caboclos possui suas características específicas que proporcionam o reconhecimento de sua identidade. Concerne a um misto de cultura que vão desde os passos sincronizados a um roteiro musical.

Isto posto, voltemos nosso olhar para o desdobramento do dito Projeto, que contou com a participação de quatro turmas da Educação Infantil de uma escola da rede privada de ensino do município de Luís Gomes, RN, durante o mês de abril.

O desenrolar do Projeto sucedeu-se através do Ensino a Distância (EaD). A modalidade adotada justificou-se pela época conturbada vivenciada pelo Brasil e demais países devido à pandemia da Covid-19. A suspensão das aulas, o distanciamento social, exigiu um novo modelo de vida na sociedade como um todo. No caso da Educação, nos deparamos com professores, gestores e famílias sem rumos e angustiados pelos novos desafios que haveriam de vir.

Surge então a necessidade de uma ressignificação do sistema de ensino e um planejamento adaptável ao atual cenário. Como colocado por Alarcão (2011), a escola necessita ser flexível



Colagem: Regina Pouchain

“O pular caboclo ou dançar caboclo pertence ao patrimônio cultural imaterial e histórico da cultura popular brasileira. Composto em média por 12 a 26 participantes, estes grupos ganham vida nos sítios, nas ruas e nos terreiros, no período da Semana Santa, sempre acompanhados pelos sons da sanfona, triângulo, pandeiro e zabumba.”

sobre si e sobre a comunidade a qual se insere. Contudo, como reinventar a educação em tempos de pandemia? Como dar continuidade ao trabalho do desenvolvimento da identidade cultural dos educandos?

Ressignificando a educação

Diante da nova realidade apresentada, o referido Projeto encontrou na figura dos caboclos a possibilidade de ressignificação da Educação. O trabalho em torno da cultura popular criou condições para que as crianças pudessem interagir com o conhecimento, com os professores e com os colegas. Uma experiência simbólica que incentivou na condição de se aprender em casa.

Nessa perspectiva, o desenrolar do Projeto dividiu-se em dois momentos. A princípio, foram disponibilizadas videoaulas via WhatsApp, acerca da temática estudada, englobando seu caráter ritualístico e popular local. Ademais, foram desenvolvidas algumas atividades de caráter lúdico, como a confecção de elementos que retratassem as fases da Semana Santa. Para isso, as crianças foram direcionadas a soltarem sua criatividade, através de desenhos, pinturas, recortes e colagens.

Similarmente, foram enfatizados os personagens dos caboclos, que com suas cores e sons embalavam e encantavam este período, mas que em tempos de pandemia se silenciou, mantendo-se vivo apenas na memória da população do Semiárido brasileiro. Como retratado pela poetisa Maria Carlos.

Hoje sábado de aleluia
É um fato de espantar
Os caboclos de Major Sales
Não vão na praça dançar
Não tem malhação de Judas
Só silêncio no lugar
Calou a tradição
Da cultura popular
Não vai haver concurso
Mano Walter não vem cantar
É um fato inexplicável
Queremos nos desculpar
Com muita fé e esperança
Ficamos a aguardar
Acreditamos que logo a pandemia vai passar
E os caboclos de Major Sales
Vêm para a praça pisar
Trazendo a alegria
Da cultura popular.

Uma tradição que pela primeira vez não saiu às ruas, devido a um vírus que calou o seu som e ofuscou as suas cores, mas que não conseguiu apagar a sua força e a esperança de um retorno mais vivo e mais forte. Foi no aconchego de seus lares que os pequenos brincantes reavivaram a cultura cabocla, que foram conduzidos a criar suas máscaras, roupas e personagens.

Eles pularam, dançaram e brincaram. Cada detalhe por eles experimentados deram vozes aos caboclos, que com seus movimentos, pisadas e danças despertaram o imaginário do público infantil.

Outro ponto forte do Projeto se deu por meio do trabalho com as narrativas. Momento em que as crianças foram orientadas a realizarem uma pesquisa de campo com pessoas do seu vínculo familiar, através das redes sociais e, posteriormente, socializar com seus colegas através de vídeos. Nesta etapa, elas puderam compartilhar e recontar, ao seu modo, tudo aquilo que aprenderam e descobriram.

É pertinente acentuar que o foco das coletas se centrava dentro do universo da Semana Santa, abrangendo contos, mitos, lendas e profecias, como também o retrato dos caboclos nos tempos de seus pais e seus avós.

Tradições e memórias

Por intermédio dos relatos conseguimos enxergar o embelezamento das tradições rebuscadas nas memórias antecedentes. Costumes que não se cessam com o tempo, mas que sobrevivem nas lembranças e que nos fazem almejar a preservação de suas origens. Para Bosi, (2001, p. 11).

O tempo da cultura popular é cíclico. Assim é vivido em áreas rurais mais antigas, em pequenas cidades marginais e em algumas zonas pobres, mas socialmente estáveis, de cidades maiores. O seu fundamento é o retorno de situações e atos que a memória grupal reforça atribuindo-lhes valor. Tempo sazonal tempo de lavrador, marcado pelas águas e pela seca.

Para além, entre tantas mudanças que a nova pandemia trouxe, observamos a resistência da cultura popular em seu caráter cíclico, tendo em vista que as tradições se moldam a realidade ao nosso redor, isto é, se reelaboram e se recriam nas práticas culturais e sociais.

A reminiscência destas situações, como aconteceu durante a Semana Santa, demonstra um ato de memória grupal repensada e transformada. Falamos da trajetória de um povo que em sua sensibilidade resiste ao tempo. Costumes do homem sertanejo, que vive da labuta do campo e que convive com as singelas belezas da vida do sertão. Suas tradições cíclicas, que perpetuam por gerações e nos direcionam a um novo olhar acerca de suas histórias. Segundo Bosi (2003, p. 11).

De onde vêm as histórias? Elas não estão escondidas como um tesouro na gruta de Aladin ou num baú que permanece no fundo do mar. Estão perto, ao alcance de sua mão. Você vai descobrir que as pessoas mais simples têm algo surpreendente a nos contar. Quando um avô fica quietinho, com o olhar perdido no passado, não perca a ocasião. Tal como Aladin da lâmpada maravilhosa, você descobrirá os tesouros da memória. Se ter um velho amigo é bom, ter um amigo velho é ainda melhor.

Sem dúvida, as riquezas culturais se tecem no rosto da experiência daqueles que em suas memórias dão significado às tradições. Narrativas que “provocam em que as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma dela fez [ou não] brotar... Pois, é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário” (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

Por conseguinte, realçamos que não buscamos neste artigo promover ou defender a doutrinação de qualquer religião, mas apontar a significância da religiosidade destes tempos litúrgicos reelaborados na cultura popular, danças e músicas. Como retratado por Wernet (1987, p. 24-25).

As festas e manifestações religiosas constituíam uma forma de reunião social, sobretudo nas regiões rurais, dos engenhos e fazendas isoladas. O sagrado e profano andavam unidos e juntos. As procissões e as festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina diária, sendo, na maior parte das vezes, uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e se divertir.

“As riquezas culturais se tecem no rosto da experiência daqueles que em suas memórias dão significado às tradições.”

A religião, vista sob o âmbito cultural, dispõe de uma representatividade social, eminente de uma comunidade humilde que cria e recria de maneira alegre a sua identidade histórica. Deste modo, as tradições populares religiosas representam no espaço um importante elemento cultural para toda a sociedade, uma vez que recebemos em seus festejos profanos, costumes tradicionais, como as festividades em torno dos caboclos e malhação do Judas, festas juninas, entre outras.

Os relatos aos quais se transcendem nestas linhas nos fazem acreditar que as sementes resguardadas nas tradições populares, hoje, se afloram na euforia da infância. A cultura popular, em seu caráter cíclico, reinventa-se nas futuras gerações, que começam a enxergar a sua sensibilidade e perfeição.

Com isso, esperamos contribuir na condução de trabalhos futuros que acreditem que no meio científico esteja a reinvenção da literatura e das artes. Em um mundo pós-pandemia, a vida ganha um novo sentido, que nos faz repensar sobre o tempo, os afetos, as expectativas e os sonhos. Os relatos aqui apresentados nos mostram que mesmo em tempos de isolamento as crianças seguem aprendendo e se desenvolvendo; então compete ao sistema de ensino buscar alternativas que venham unir forças em prol de uma educação renovadora e preparada a superar os desafios que se impõem. Reconhecer o contexto a sua volta em sua totalidade é o início para sua compreensão de mundo.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997. (Pensamento e ação no magistério).

ALARCÃO, I. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção questões da nossa época; v. 8).

BOSI, E. *Velhos amigos*. São Paulo: Companhia de Letras, 2003.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Disponível em: encurtador.com.br/lxNOT. Acesso em: 25 jun. 2020.

LÚCIO, Ana Cristina Marinho. Teatro infantil na sala de aula: diálogos com a cultura popular. In PINHEIRO, Helder (Org.). *Teatro infantil e cultura popular*. Campina Grande, PB: Bagagem, 2005.

WERNET, Augustin. *A Igreja paulista no século XIX: a reforma de D. Antonio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Ática, 1987.

O ambiente da pandemia

O debate que deve estar comandando as narrativas neste tempo de pandemia é sobre o que está ocorrendo com a vida. O centro desta discussão deve ser o avanço do neoliberalismo, a mercantilização da vida, a destruição dos ecossistemas causada pelo modelo extrativista (agronegócios, mineração, exploração dos combustíveis fósseis), a extinção de espécies, as mudanças climáticas e a urbano-globalização. Estas são questões fundamentais para entender as causas da deterioração da saúde humana e a pandemia que assola o mundo.

José Domingues de Godoi Filho é professor da Universidade Federal de Mato Grosso/Faculdade de Geociências.

José Domingues de Godoi Filho

O planeta Terra possui idade aproximada de 4,5 bilhões de anos, período no qual foram formados os diversos mosaicos que geraram um complexo arranjo natural das paisagens com uma enorme biodiversidade. Dentre as espécies, nos encontramos como descendentes do *Homo Sapiens*, surgido há 200 mil anos. Se considerarmos um período de 24 horas para condensarmos a história da Terra, caberia à espécie humana meros 3 segundos, surgiu às 23h59m57s; o que implica dizer que os espaços terrestres que ocupa já estavam disponíveis.

A espécie humana necessita, para sua sobrevivência, apropriar-se de recursos naturais que gerem alimentos, vestuário e habitação. No processo de ocupação dos espaços, a apropriação humana dos recursos naturais estabeleceu relações de produção para assegurar, desenvolver e ampliar esse processo. Como consequência, os conflitos socioambientais gerados representam o resultado do cruzamento do arranjo natural das paisagens, com o arranjo produzido pela ocupação humana sobre as paisagens.

Portanto, ao tratar da questão ambiental é importante ter claro que não é o planeta que tem que ser salvo. Sua integridade não corre risco, mas, sim, o que está ocorrendo com a vida. Portanto, o debate colocado sobre qual é a melhor opção – economia ou vida – não faz sentido e esconde a discussão fundamental sobre o que fazer no momento, e como ultrapassar as agruras do presente. Não há dúvidas de que o avanço do neoliberalismo, a mercantilização da vida, a destruição dos ecossistemas causada pelo modelo extrativista (agronegócios, mineração, exploração dos combustíveis fósseis), a extinção de espécies, as mudanças climáticas e a urbano-globalização são questões fundamentais para entender as causas da deterioração da saúde humana e a pandemia que criamos. Precisamos nos reconhecer obrigatoriamente como parte de um todo vivo e dinâmico. O tempo de validade para a existência da espécie humana será função direta dos cuidados com que será tratada a vida.

O conhecimento acumulado pela espécie humana tornou possível ocupar quase todos os cantos do planeta; mas, também, tornou a espécie humana como a única com capacidade de autodestruição. A pandemia impõe o desafio de tratar as questões do ambiente como integrante da “Ciência do Sistema Terra”, que preconiza uma visão transdisciplinar do planeta, da vida, da natureza humana e da civilização. Como assinala Prigogine (1986, citada por CASANOVA, 2006, p.126), a reconceitualização das ciências leva a um novo diálogo do homem com o homem e do homem com a natureza,

“A pandemia impõe o desafio de tratar as questões do ambiente como integrante da ‘Ciência do Sistema Terra’, que preconiza uma visão transdisciplinar do planeta, da vida, da natureza humana e da civilização.”

cujo objetivo supremo consistirá em tornar mais transparente o complexo de mecanismos de decisão que assegurem a sobrevivência da natureza e da humanidade, na crise iminente, com caminhos que se bifurcam e em pelo menos um se abre. “A ciência pode e deve ir além de uma perspectiva conservadora”, sublinha. Casanova (2006, p. 9) define a Revolução Científica como uma grande alteração na divisão e articulação do trabalho intelectual das humanidades, das ciências, das técnicas e das artes e “obriga a redeterminar, neste início do século XXI, uma nova cultura geral e novas formas de cultura especializadas com intersecções e campos limitados, que rompem as fronteiras tradicionais do sistema educativo e da pesquisa científica e humanística, assim como na arte do pensar e do fazer na arte e na política”.

A pandemia atual lamentavelmente vem sendo abordada, como observado por Aranda (2020), de forma “reducionista” em relação ao papel do conhecimento científico, isto é, restrita aos “especialistas”, que estão aconselhando os governos e a mídia. Como consequência, as análises são limitadas e feitas, de modo geral, por epidemiologistas, médicos e virologistas. Outras especialidades importantes e que contemplariam uma visão mais completa são deixadas de fora, como, por exemplo, sociólogos, geocientistas, psicólogos, dentre outros.

A situação é extremamente grave, e se olharmos a história humana, não será difícil verificar que desastres da magnitude da atual pandemia provocaram rebeliões, aumentaram a desigualdade, levaram a fome, derrubaram impérios. Certamente a situação atual não será diferente, como já vem sendo avaliado por instituições como o BIRD (Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento), o FMI (Fundo Monetário Internacional), a OMC (Organização Mundial do Comércio). O cenário exige uma democratização do conhecimento científico, para melhor definir as limitações, as necessidades de novos conhecimentos e a participação dos atores sociais que estão envolvidos com os problemas.

Referências

ARANDA, Dário. ¿La pandemia del pensamiento único? Reflexiones más acá del cientificismo. Lavaca, Revista *MU*, Buenos Aires, 7 de maio 2020. Disponível em: <https://www.lavaca.org/notas/la-pandemia-del-pensamiento-unico-reflexiones-sobre-el-discurso-cientifico/>. Acessado em: 07 jun. 2020.

CASANOVA, Pablo González. *As novas ciências e as humanidades: da academia à política*. Tradução de Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 200

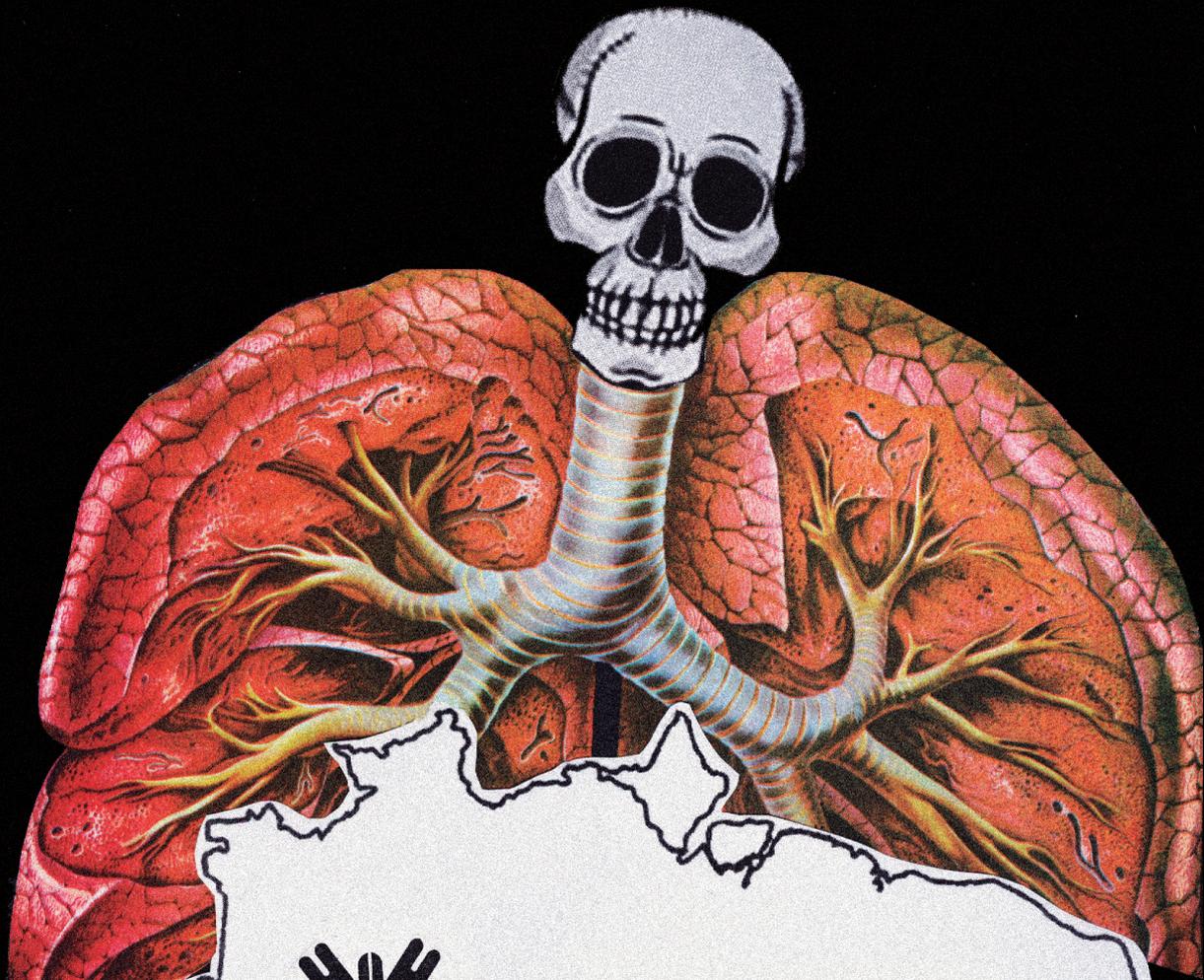


Colagem: Regina Pouchain

BRASIL

/RP

CONTOS E CRÔNICAS



REPITAM
COMIGO:

hidrox hidrox
cloro quina
hidrox hidrox heroína



Resumo da ópera: pandemia e pandemônio

Jorge Antunes é maestro, compositor, professor titular aposentado da Universidade de Brasília (UnB), atual pesquisador colaborador sênior do Departamento de Música da UnB, membro da Academia Brasileira de Música.

Jorge Antunes

Sou artista-residente em Paris desde janeiro deste ano de 2020, na Cité Internationale des Arts, graças ao Prêmio Icatu de Artes 2020, que me foi concedido para compor a ópera *Leopoldina*. Aqui ficarei até dezembro deste ano. Já concluídos o prelúdio-abertura da ópera, seu primeiro ato, quase terminada a composição do segundo ato, a pandemia e o isolamento social passaram a colocar meu trabalho em xeque.

A nova ópera requer um grande efetivo: orquestra sinfônica com cerca de 80 músicos, coro de 40 vozes; uma segunda e pequena orquestra em cena; um grupo de dançarinos de lundu munido de três atabaques; coro de crianças; uma escola de samba; e sons eletrônicos.

O elenco será composto de quatro papéis principais e alguns papéis secundários. “D. Pedro” é um tenor, “Leopoldina”, uma soprano, “José Bonifácio”, um baixo-barítono, “Domitila” é uma contralto. Entre os papéis secundários estão dois barítonos que fazem o “Marquês de Marialva” e um “Historiador”, e uma mezzosoprano que faz o papel de “Maria Luíza”, irmã de “Leopoldina”.

O gênero deste meu novo trabalho recebe tradicionalmente o nome de *grand opéra*, em razão de sua monumentalidade com um prelúdio-abertura, três atos e uma duração total de cerca de três horas.

O criador, na área musical, integra o imprescindível triângulo da comunicação: compositor-intérprete-público. Assim, meu papel de compositor, que escreve obras sinfônicas, óperas, música de câmara, peças para coro, música eletroacústica, solos instrumentais, é cruelmente desafiado neste momento. Minha prática artística não pode ser exercida em situações de “isolamento social”. Ao contrário, ela é uma prática agregadora que necessita do contato presencial humano, da aproximação social.

Durante a quarentena, as redes sociais têm proporcionado alternativas, que são paliativos temporários. São alternativas em que está ausente o famoso “calor humano”, próprio aos processos de comunicação artística. Todos os artistas que recorrem às chamadas “lives”, para realizar concertos e recitais, o fazem considerando que esses são recursos provisórios, que servem para aplacar a angústia do isolamento. É angustiante, sim, o atual momento, porque passamos a ver como nebuloso o futuro dos teatros e das orquestras, pelo menos para os próximos dois anos.

No caso brasileiro, e em particular no caso da ópera *Leopoldina* em que trabalho agora, o problema é bem especial, porque deveríamos, desde já, estar preparando, para 2022, os festejos do Bicentenário da Independência. O ano de 2022 deveria ser –ou deverá ser – o ano do não isolamento social; o ano da total e efetiva aproximação social; o ano do conagraçamento nacional.

No trabalho de composição venho desenvolvendo ideias musicais que tentam retratar com fidelidade os personagens: acredito na música como linguagem.

“Durante a quarentena, as redes sociais têm proporcionado alternativas, que são paliativos temporários. São alternativas em que está ausente o famoso ‘calor humano’, próprio aos processos de comunicação artística. Todos os artistas que recorrem às chamadas ‘lives’, para realizar concertos e recitais, o fazem considerando que esses são recursos provisórios, que servem para aplacar a angústia do isolamento.”

Mas, algo pode causar surpresa. Há um personagem, ao lado de “Leopoldina”, que sobrepuja a figura de “D. Pedro”: é “José Bonifácio”.

José Bonifácio de Andrada e Silva, que nasceu em 1763 em Santos, São Paulo, se fosse vivo hoje estaria sendo chamado de “comunista” pelos bolsonaristas. Ele estudou no Rio, em Portugal, na França, na Suécia e na Noruega. Após realizar estudos no Rio de Janeiro, foi a Portugal estudar na Universidade de Coimbra. Lá especializou-se em filosofia, leis, filosofia natural e matemática. Voltou ao Brasil em 1819.

Quando D. João convocou eleições Constituintes, ele foi eleito para representar Santos e São Vicente. Sua carreira política foi marcada por lutas e ideias revolucionárias: pelo fim da escravidão, pela atenção aos índios, pela miscigenação, para acabar com o choque de raças, pela reforma agrária, pelo fim do latifúndio, pela preservação das florestas, pela distribuição democrática das águas etc. Quando as tropas de Napoleão invadiram Portugal, José Bonifácio, com 44 anos de idade, liderou um movimento clandestino de libertação em Lisboa.

A composição da ópera, com libreto de Gerson Valle, é destinada às celebrações de 2022. A personagem-título, “Leopoldina Josefa Carolina de Habsburgo-Lorena”, a Princesa Leopoldina, foi influenciada por José Bonifácio, a grande mentora e articuladora da Independência.

Ela, que foi arquiduchessa da Áustria, nasceu em Viena em 1797 e morreu aos 29 anos de idade, em 1826. A educação a que ela teve acesso na infância e na adolescência foi exemplar, tendo sempre demonstrado sólida formação científica e cultural. Isso contrastava com as ações de seu marido D. Pedro, que, irresponsável, foi um doidivanas em suas análises de conjuntura e em suas relações amorosas.

Foi Leopoldina quem assinou, na ausência de D. Pedro e aconselhada por José Bonifácio, em 2 de setembro de 1822, o decreto da Independência, declarando o Brasil separado de Portugal. Os louros do ato histórico viriam a ser colhidos por D. Pedro no dia 7 de setembro de 1822.

Após a Independência, em maio de 1823, foi instalada a Assembleia Constituinte, mais uma vez liderada por José Bonifácio, que escreveu uma carta magna arrojada. A proposta de abolição da escravatura desagradava os fazendeiros. Resultado, os velhos da “havan” daquela época, os “olavos de carvalho” daquela época e os empresários da “fiesp” daquela época conseguiram fazer com que José Bonifácio fosse cassado, preso e deportado.

Ou seja, José Bonifácio era um esquerdista de carteirinha, que hoje certamente estaria liderando uma verdadeira revolução no Brasil para derrubar Bolsonaro e suas camarilhas milicianas e familiares. Certamente ele não ia esperar Rodrigo Maia dar seguimento a algum pedido de *impeachment*. Imagino que já estaria nas ruas, de máscara, em cima de um trio elétrico, ensinando ao povo que o auxílio social de 600 reais não passa de mísera esmola que daqui a pouco o governo vai suspender.

Estou certo de que José Bonifácio continuaria, hoje, a ser o mesmo aguerrido opositor que foi quando D. Pedro dissolveu a Assembleia Constituinte (1823). O grande ex-Ministro do Império, deportado, passou a viver aqui em Paris, escrevendo poemas durante oito anos. Anistiado, voltou ao Brasil em 1831, e foi nomeado tutor de D. Pedro II, então com cinco anos de idade. Dois anos depois, suas ideias revolucionárias voltariam a incomodar os donos do poder. Logo foi afastado do cargo pelo Senado e preso, acusado de subversivo. Acabou sendo inocentado, absolvido, e morreu em Niterói (RJ), em 1938. Mas se ele ainda estivesse aqui entre nós, lá no alto de um caminhão, certamente estaria clamando por verbas para a ciência brasileira. Afinal, ele era também um cientista.

Existe um mineral rico em titânio, ferro e cálcio que recebe o nome de *andradita*, justamente em homenagem ao nosso Pai da Pátria, o Patriarca da Independência José Bonifácio de Andrada e Silva. Uma das variedades da *andradita* é a demantoide, mineral de cor verde que é considerado uma das mais raras e valiosas pedras do mundo gemológico.

O mineral foi descoberto por José Bonifácio durante seus estudos e pesquisas em Drammen e Buskerud, na Noruega. À época, Bonifácio era o aluno mais brilhante em química, geologia e mineralogia, na turma do italiano Domenico Vandelli. Este foi levado a Portugal pelo Marquês de Pombal, no período das reformas empreendidas logo após a expulsão dos jesuítas. Foi o grande geólogo e mineralogista norte-americano James Dwight Dana (1813-1895) que, em 1868, 30 anos após a morte de José Bonifácio, nomeou de andradita a granada de ferro e cálcio, homenageando o político, cientista e poeta brasileiro.

Lá de cima do trio elétrico, munido de um microfone e possivelmente desfraldando um grande pendão vermelho, Bonifácio hoje estaria ensinando, a plenos pulmões, que a tomada do poder que os militares praticam terá consequências trágicas se o povo não se organizar urgentemente em favor da democracia.

Certamente José Bonifácio, na carreata, não monopolizaria o microfone, e deixaria que outras lideranças fizessem uso da palavra. Muitos falariam sobre a necessidade de união das esquerdas, sobre o absurdo entreguista do atual governo brasileiro, da terrível quebra da tradição diplomática brasileira, da desgraça que vem solapando o país a partir do alinhamento com os EUA, da entrega da Base de Alcântara aos norte-americanos, do desrespeito governamental à natureza, às nossas florestas e aos povos indígenas.

Sindicalistas e futuros candidatos, ao lado de José Bonifácio, estariam puxando importantes consignas. Mas, acredito, José Bonifácio seria o único, lá no alto do carro de som, que, aos brados retumbantes, criticaria a já velha e ultrarremendada Constituição Cidadã e defenderia a convocação de uma Nova Assembleia Constituinte. Em seu discurso subversivo, talvez o Patriarca da Independência chegasse até mesmo a ensinar ao povo que o furto famélico não é crime.

Creio que um movimento bonifacista poderia dar rumo bom para o fim das duas tragédias vividas hoje pelo povo brasileiro: a tragédia sanitária e a tragédia política. Creio também que não devemos ser pessimistas ou temerosos com relação ao chamado “novo normal” que há de vir. O normal não era normal. O normal não era bom. O normal vinha sendo o fechamento de teatros, a extinção de orquestras, o sucateamento das Universidades, e em particular de seus laboratórios científicos e de seus Departamentos de Música.

Precisamos não voltar ao “normal”. O normal era ruim. O normal era o crescimento avassalador e cruel da indústria da cultura que emburreceu a população. O normal era o avanço do fanatismo, do obscurantismo, do neofascismo, do neopentecostalismo, da violência, da desigualdade, da opressão, da repressão, do racismo, do anticomunismo doentio, da ignorância, da mediocridade e da estupidez.

Chega de “anormal”. Que venha, que construamos, um alvisareiro “novo normal”.



Colagem: Regina Pouchain

A Bolha

Matheus Zucato Robert é graduando em Engenharia Hídrica na Universidade Federal de Itajubá (UNIFED).

Matheus Zucato Robert

Ao sair da cafeteria em que se encontrava, o incomodado rapaz percebeu que, atrás, alguém lhe chamava, em alarde. Era um garçom magrelo que vinha abanando as mãos num gesto nervoso. “O senhor deixou cair sua bolha”, ele disse sorrindo e olhando fixamente para o objeto em suas mãos. Num ato automático, o rapaz colocou ambas as mãos sobre a cabeça, como que procurando por um chapéu. Ela havia caído, realmente. “Que descuido o meu! Obrigado!”, respondeu ao garçom. Vestiu a bolha num movimento igualmente automático. Segurava sua superfície lisa e transparente, feita de um material entre o vidro e o plástico, fruto da tecnologia nova dos anos que chegaram.

Vestiu a bolha e percebeu que o incômodo que sentia passara. Era um zumbido, algo nauseante, mas tolerável. Como um incômodo fraco nas costas que se vai imediatamente quando se deita. Este, no entanto, era mental, mas já havia passado. Ufa! Que estranho lhe tinha sido aquele incômodo. Parecia querer mostrar alguma coisa. Era como se o incômodo estivesse alertando sobre um outro incômodo secundário, obscuro e discreto. Poderia ser? Que estranho: um incômodo por um incômodo. Ao menos aquele mais aparente passara.

Desceu a rua em direção ao metrô. As pessoas chocavam suas cabeças e barulhos de “tec-tec-tec” eram ouvidos por todos os lados, oriundos dos choques entre as bolhas encaixadas na cabeça de cada pessoa da multidão. Elas pareciam não se importar. Algumas, inclusive, sorriam. Para onde elas iam? Para onde ele ia? Em algum lugar do metrô ouvia-se uma bossa nova muito gostosa de se ouvir. Parecia trazer sossego ao metrô. Talvez fosse isso que estivesse gerando o bom humor daquela multidão dinâmica, quem sabe. É, as pessoas realmente pareciam amortecidas.

Novamente, perguntou-se para onde ia. Parecia tão certo seu destino, antes de entrar na cafeteria. Sabia exatamente o que tinha que fazer, a que horas devia estar lá e como devia se portar lá. Mas onde era “lá”? Que estranho. Sua cabeça parecia não funcionar direito. Passou a sentir novamente um incômodo, desta vez do lado direito da cabeça, acima da orelha. A bossa nova parecia desvanecer, mas voltava a tocar no volume normal logo em seguida, como num movimento em onda. Era como se um rádio com defeito tocasse na estação. Percebeu que não se movia, obrigando as pessoas a se desviarem dele. Percebeu, também, que as olhava nos olhos. Há quanto tempo não fazia isto? Não tinha memória do último par de olhos humanos que havia visto. As pessoas desviavam de si, mas pareciam não notar sua real presença física bem no meio da estação metroviária, pois seus olhares eram fixos de forma a enxergar a nuca da pessoa à sua frente. Andavam como vagões de um trem puxados por uma locomotiva. Qual seria a locomotiva daquela multidão que sabia – sem saber – exatamente para onde ir?

O incômodo crescia, e o rapaz pôde enxergar que as paredes da estação pareciam mudar. Elas, que tinham desenhos lindos, verdadeiras obras de arte a decorar o caminho até o trem, aparentavam-se embaçadas, por alguns instantes, até se mostrarem repletas de rachaduras. Elas tinham cor cinza e eram escuras e malcuidadas. Havia piches clandestinos por todos os lados, e uma forma padrão podia ser observada a cada cinco metros. Era o formato de uma pessoa com uma cabeça de bexiga que explodia por consequência do toque de um alfinete. Abaixo

“ Não tinha memória do último par de olhos humanos que havia visto. As pessoas desviavam de si, mas pareciam não notar sua real presença física bem no meio da estação metroviária, pois seus olhares eram fixos de forma a enxergar a nuca da pessoa à sua frente. Andavam como vagões de um trem puxados por uma locomotiva.”

do desenho, a escrita “LIBERTE-SE” podia ser vista. Como nunca havia reparado naquilo antes? As paredes sempre lhe pareceram tão belas e impecavelmente decoradas. Olhou para cima e percebeu que havia bolhas negras espaçadas e grudadas no teto da estação. A multidão prosseguia, andando num rumo sem rumo, fosse lá para onde fosse. A música tocava muito baixo, dando lugar a um ensurdecido barulho de passos e de gente conversando. Alguém falou, mais próximo, “olá, tudo bem?”, e o rapaz se virou instantaneamente, mas não era ele o receptor daquelas palavras, que foram ditas para ninguém. As pessoas conversavam sozinhas. Falavam em etapas, como se estivessem ao telefone. Mas não havia telefone algum em suas mãos, pois todos aqueles milhares de mãos estavam guardados nos bolsos.

Decidiu pegar o metrô e seguir para qualquer lugar. As pessoas formavam comportadas filas para entrar nos vagões, e ele encontrou uma fila um pouco menor, e esperou ali. Podia ouvir o trem chegando em alta velocidade, mas notou que aquele não era o trem que pegava todos os dias: o lindo trem moderno, de um branco brilhante, com faixas a decorar as laterais. Em sua frente, via um antigo trem de metal sujo e meio enferrujado. Mudaram-no?

Chegou ao resultado óbvio de uma observação: quem mudara fora ele. Suas mãos saíram dos bolsos da calça num ato próprio, natural, e subiram em direção àquela esfera cilíndrica que rodeava sua cabeça. Pela primeira vez em tempos – não podia lembrar quanto tempo – ele era dono de si. O trem freava e trazia junto um barulho ensurdecido que agora era insuportável incômodo aos ouvidos do rapaz. A bolha transparente caiu no chão e rolou até os pés de três homens vestidos em ternos brancos que foram em sua direção. Ele estava atordoado. Os homens retiraram de uma caixa de papelão uma bolha idêntica àquela ao chão. Pediram-lhe que abaixasse a cabeça. Estava meio amortecido pelo barulho do metrô — ou do que fosse aquilo que fazia tanto barulho. Eles gentilmente disseram-lhe “Senhor, percebemos uma pequena rachadura do lado direito de sua bolha antiga e estamos aqui para lhe oferecer esta nova, inteiramente grátis.” E colocaram-na, imediatamente, sobre a cabeça do rapaz, sem esperar por qualquer resposta.

Ele nem ao menos estranhou o fato de os homens desaparecerem em sua frente como mágica, pois o alívio que sentiu era mais importante agora que as paredes estavam, novamente, lindas, que as pessoas sorriam e falavam umas com as outras, que as luzes eram belas e revelavam o moderníssimo trem que deveria levá-lo até a estação do lado leste da cidade, onde iria trabalhar.

Que país é esse? Colonizado e periférico ou protagonista?

Isaac Roitman é doutor em Microbiologia, professor emérito da UnB, coordenador do Núcleo de Estudos do Futuro (n.Futuros/CEAM/UnB).

Issac Roitman

“Em uma verdadeira democracia, o Estado deve priorizar os desejos e sonhos do povo. Um modelo de desenvolvimento baseado apenas no desenvolvimento econômico é incompleto. Crescimento econômico sem desenvolvimento social resulta em falta de inclusão, indignação, descontentamento e agitação social.”

Peguei emprestado como parte do título do texto a composição musical criada por Renato Russo (Renato Manfredini Junior) em 1978, e que teve grande sucesso na banda Legião Urbana. A letra da música é questionadora e pretende tecer uma severa crítica social. Quando foi criada, no final dos anos 70, já havia a sensação de impunidade e falta de regras civilizatórias. O compositor não critica apenas a classe política, mas também a corrupção espalhada e arraigada no nosso dia a dia.

Um dos versos diz: “Nas favelas, no Senado / Sujeira pra todo lado / Ninguém respeita a Constituição / Mas todos acreditam no futuro da nação”. Em um outro: “Mas o Brasil vai ficar rico / Vamos faturar um milhão / Quando vendermos todas as almas / Dos nossos índios num leilão”.

A composição, criada há 42 anos, parece ter sido escrita ontem. Uma questão então emerge: o Brasil melhorou? A resposta é não.

A pandemia provocada pelo coronavírus, parafraseando Hans Christian Andersen (“o rei está nu”), revelou que o país está nu e despreparado para enfrentar a grave crise sanitária que assola o planeta. Em adição, a pobreza e a fome, consequência da vergonhosa desigualdade social, condenará a morte um grande contingente das populações vulneráveis.

A demissão recente de dois ministros da saúde competentes revela que o país está à deriva. O descaso com o desenvolvimento científico brasileiro, com cortes de investimentos e redução de bolsas, revela uma falta de visão para o futuro. A crise da Covid-19 certamente nos ensinará muito. O modelo econômico planejado pelos banqueiros e seus comparsas naufragou. Por outro lado, a pandemia revelou atitudes virtuosas, como a dedicação dos trabalhadores da saúde para enfrentar os efeitos perversos da pandemia. As iniciativas solidárias, para mitigar o sofrimento das camadas mais vulneráveis, é um sinal que podemos aprimorar a nossa missão com o coletivo.

Precisamos definir se queremos continuar a ser um país com o mesmo enredo, colonizado, periférico e campeão na injustiça social? Se a resposta for sim, vamos continuar na zona de conforto, acomodados e não gastar nenhum minuto pensando nas futuras gerações de brasileiros e brasileiras. Vamos continuar a eleger nas esferas do Executivo e Legislativo pessoas que não são preparadas e que não apresentam nenhuma sensibilidade para o coletivo.

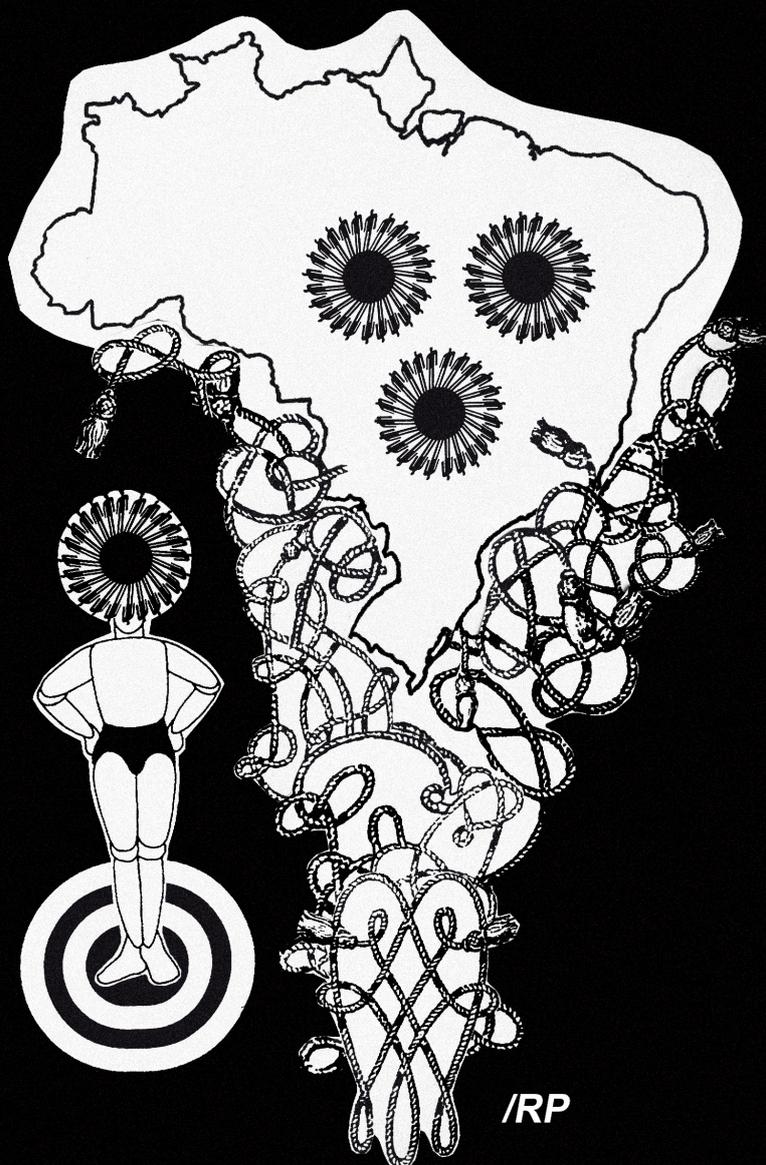
No entanto, se a resposta for não, vamos ser todos protagonistas de transformações onde todos possam alcançar seus sonhos. Em uma verdadeira democracia, o Estado deve priorizar os desejos e sonhos do povo. Um modelo de desenvolvimento baseado apenas no desenvolvimento econômico é incompleto.

Crescimento econômico sem desenvolvimento social resulta em falta de inclusão, indignação, descontentamento e agitação social.

É urgente conquistarmos uma educação que consolide valores e virtudes e que inclua uma educação ambiental e libertária sem espaço ao individualismo, à competição, ao consumismo e ao mercado que não respeite os princípios civilizatórios e direitos de todas as camadas sociais. Para conquistarmos o Brasil que queremos, é preciso mudar o pensamento e as atitudes das pessoas. É pertinente lembrar o pensamento de George Bernard Shaw: “Progresso é impossível sem mudança, e esses que não podem mudar suas mentes não podem mudar coisa nenhuma.”

A preocupação com o futuro e com o legado que deixaremos para as próximas gerações devem pautar as nossas ações no presente. Lembremos que não somos imortais e que o nosso compromisso maior é com os nossos descendentes.

No Brasil, não temos tradição de planejar a longo prazo. Nossos projetos se limitam a quatro ou oito anos de governo, e a maioria deles não é realizada. É preciso planejar a longo prazo, estabelecer projetos de Estado e construir um novo Brasil, melhor e mais justo. Vamos trabalhar para que no breve futuro possamos apreciar a bela composição de Renato Russo e a pandemia do coronavírus como uma lembrança do passado que nunca voltará.



Diário da peste

Fernando Fiorese é professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Fernando Fiorese

DIA PRIMEIRO

Um rato.

DIA SEGUNDO

Dois ratos. Três ratos. Muitos ratos. Todos os ratos (ou quase).

DIA TERCEIRO

O porteiro.

DIA QUARTO

Mais um. Mais quatro. Mais dezesseis. Mais duzentos e cinquenta e seis.

DIA QUINTO

Negócios e viagens continuam.

DIA SEXTO

A tabuada de mais no menos.

DIA SÉTIMO

A palavra “peste”. Questão de tempo, não de vocabulário.

DIA OITAVO

A cidade conflagrada “*et plurima mortis imago*” (*Eneida*, Virgílio).
Continuam viagens e negócios.

DIA NONO

Títulos provisórios:

1. *Decameron XXI*
2. *Le bal masqué horror show*
3. *Carnaval sem nenhuma alegria*
4. *Morte em Pequim & Veneza & Madri & Paris & Londres & Nova Iorque & São Paulo & Lima et cætera* (Descartar. Longo por demais.)
5. *Da arte e do engenho de habitar a terceira margem sem recorrer a medicamentos de tarja preta, ao álcool e a outros vícios menores* (*Idem, ibidem.*)

DIA DÉCIMO

EXÍLIO s.m. Ato ou efeito de exilar. 1) Expatriação forçada ou por livre escolha; degredo. 2) Derivação: por metonímia. Lugar em que vive o exilado. 3) Derivação: sentido figurado. Lugar longínquo, afastado, remoto. 4) Derivação: sentido figurado. Isolamento do convívio social; solidão.

PRISÃO s.f. 1) Ato ou efeito de prender; captura, aprisionamento, detenção. 2) Estado de preso; cativo. 3) Casa de detenção; cadeia, presídio. 4) Derivação: por extensão de sentido. Recinto fechado; cela, clausura. 5) Derivação: por meto-

nímia. Corda, corrente, grilhão com que se prende. 6) Derivação: sentido figurado. Vínculo imaterial que restringe a liberdade de uma pessoa; peia, laço. 7) Coisa que atrai ou cativa a mente, monopolizando a atenção.

DIA DÉCIMO PRIMEIRO

Sugestão de epígrafe:

Desagrega-se tudo; o centro não segura;
Está solta no mundo a simples anarquia;
Está solta a maré escura do sangue, e em toda parte
A cerimônia da inocência se afogou;
Falta aos melhores convicção, enquanto os piores
Estão cheios de ardor apaixonado.
(William Butler Yeats, "A segunda vinda")

DIA DÉCIMO SEGUNDO

A linha de montagem da dor. Os jogos de matar.

DIA DÉCIMO TERCEIRO

Há, maiúscula, a distância. E a memória inútil.
Casa, clausura, claustro, cafua, cadeia. O ódio pela aliteração.

DIA DÉCIMO QUARTO

I can't breathe.

"E ri-se a orquestra..." ("O navio negreiro", Castro Alves).



2020: O ano da reconstrução

Neila Conceição Cunha-Nardy é doutora em Administração, docente e pesquisadora da Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba.

Neila Conceição Cunha-Nardy

Quando tudo começou

Meu último dia normal antes da Covid-19 foi 13/03/2020. No dia seguinte, a Reitoria expediu uma portaria determinando suspensão das atividades por duas semanas. Sabíamos que isso poderia acontecer, mas quando acontece fica mais forte. Simples assim, a partir de 16 de março de 2020, estávamos começando os isolamentos sociais no Brasil. Um mundo completamente desconhecido se descortinava para todos, e cada um teve que buscar alternativas de sobrevivência.

Demorei para entender o que estava por acontecer. Num primeiro momento, se pensava que logo vai passar. Iniciei a semana ainda pensando que tudo seria quase normal. Numa conversa telefônica com uma colega e amiga, tive um choque de realidade. Era hora de me preparar para um isolamento que não saberíamos quando teria fim e nem como seria. Sensação de clima de guerra.

A primeira semana foi assustadora. O medo me invadiu a alma. Uma sensação de que todos em minha volta poderiam morrer, eu, inclusive. Um medo assustador. Não conseguia me concentrar em nada. Passaram uns dias e me dei conta de que precisava me reconectar com o alto, elevar a minha vibração e tentar me harmonizar. Lancei mão da espiritualidade para conseguir me acalmar e me autoanalisar para entender o que estava acontecendo no meu íntimo e como poderia melhor lidar com isso.

Começavam as coletivas do Governador e do então Ministro da Saúde (Luiz Henrique Mandetta), e ambos alertavam para a necessidade de isolamento. O lema era “Fique em casa” e proteja quem você ama. Tivemos que aprender a lavar as mãos e usar álcool em gel. Notícias da Itália e da Espanha chegavam todos os dias e eram assustadoras. Na sequência, Nova Iorque também entrou em isolamento, embora tardio, já que o presidente americano demorou para entender a gravidade da pandemia. No Brasil, o vírus chegou de forma gradual, e isso fez com que as pessoas não levassem a sério a gravidade da situação. Ao longo do primeiro mês, descobri um universo a ser desvendado, o meu eu mais profundo e os efeitos que esta pandemia poderia trazer para nossas vidas. Peço licença ao rigor científico da escrita acadêmica para escrever com o coração e em primeira pessoa.

Chega o segundo mês do isolamento

Já são 30 dias em isolamento por conta da Covid-19. Com certeza, não sou mais a mesma. A vida me fez amadurecer e repensar todo meu caminho de construção ou desconstrução. Me dou conta de que o meu sentimento, em meio a esse isolamento, é de luto. Diferente dos lutos em que se perde uma pessoa, a pandemia nos tirou a vida que tínhamos. A sensação de luto é pela perda da

vida que tínhamos. Fazendo as analogias, me sinto num deserto como no luto. A vida de antes do isolamento não existe mais. Como num luto, não consigo vislumbrar o que pode vir pela frente.

Me pego pensando como será quando tudo isso acabar. Quem eu vou encontrar novamente? Quem vai estar no meu entorno mais próximo? Onde eu estarei? Vou sobreviver? Isso me leva a um repensar em tudo. Sentimentos não revelados; oportunidades perdidas por orgulho ou vaidade; palavras que não foram ditas; amores vividos e não vividos... voltar atrás não é mais possível. Quem controla o leme dessa nau sou eu, mas será que existe um novo fim a ser construído? Muitas perguntas e nenhuma resposta. A orientação é viva o hoje para garantir que esteja vivo amanhã. Então, a hora de pensar e refletir é agora. Se a Covid-19 permitir, uma nova mulher renascerá.

As festas de aniversário são virtuais, sem bolo, sem encontro, sem presentes, sem comemoração em qualquer idade. Os programas da televisão são uma sucessão de vale a pena ver de novo.

Olho para trás e penso nas minhas escolhas. Não existe o certo ou o errado. Existem as escolhas possíveis em cada momento. Todos nós fizemos boas escolhas e outras não tão boas, mas é isso que nos fez ser o que somos hoje. A vida deu muitas voltas para chegar até aqui.

Como um escultor em processo de criação, vou tirando os excessos enquanto é tempo. Vamos ver no que vai dar. De que excessos estamos falando? Orgulho, egoísmo, vaidade, luxúria, preguiça, raiva, avareza? Acabo de citar os sete pecados capitais

A pandemia se apresenta como uma oportunidade de tirar os excessos e preencher o que falta. O que falta ser preenchido vem de meus próprios pedaços, das lembranças que ficaram no tempo e que me proponho a costurar como uma colcha de retalhos. O que eu posso costurar?

Eu costuro as vivências com os amigos queridos; os cafés com pessoas agradáveis; os almoços e jantares com os amigos queridos, desde a infância, passando pela adolescência até hoje; as muitas viagens; as muitas risadas; as piadas saudáveis; as gargalhadas de meu pai; a candura de minha mãe; o amor incondicional de meus pais; os Natais de 2016 e 2017 com a família Nardy; o amor de meu marido (*in memoriam*), que hoje guardo numa caixinha de veludo dentro do meu coração; os afetos dos meus enteados e minha sogra (*in memoriam*), que compartilharam comigo os momentos mais dolorosos desta vida.

Posso ir mais longe buscar retalhos da infância sadia como: as tardes de baixo do pé de bergamota; os passeios de carreta pelo campo com meu pai, que me ensinou o que é necessário e importante na vida como honestidade, trabalho, amizade, amor, família. É, minha colcha não está pronta não. As dores me lapidaram, me fizeram crescer e me tornaram mais branda... De tudo isso, que ficou lá atrás antes da pandemia, acho que costuro uma bela colcha de retalhos da minha vida e que espero me abrigue, me acolha e me dê sustentação nos invernos que ainda pretendo vivenciar daqui para frente.

E chegou o mês de maio

Maio começou, no mínimo, agitado. Os números de mortos só sobem. A curva não chega nunca no pico. Onde moro, as pessoas se aglomeram e circulam como se tudo estivesse, absolutamente, normal. As mortes aumentam dia a dia... As pessoas estão viciadas em terceirizar tudo, de colocar tudo no mundo externo. Olhar para si é muito difícil. A mudança de atitude é igualmente difícil. Na minha rua, escuto as buzinas das motos que chegam com as entregas.

Vou ao supermercado e tenho a impressão de que as pessoas estão se matando. Uma chacina invisível. O desespero de ficar em casa, a dificuldade de olhar

“ Me dou conta de que o meu sentimento, em meio a esse isolamento é de luto. Diferente dos lutos em que se perde uma pessoa, a pandemia nos tirou a vida que tínhamos.”

para si, de conviver com seus próximos mais próximos está levando as pessoas ao extremo. Tenho a sensação de estar presenciando um suicídio coletivo. Isso é, no mínimo, assustador. Muitas pessoas circulando. As máscaras são obrigatórias em todos ambientes públicos.

Dia das Mães na Pandemia... Este é o primeiro Dia das Mães de minha vida completamente sem mãe, sem seus ensinamentos, que foram importantes para eu conseguir lidar com diversas situações da vida. Minha madrinha, a segunda mãe, também se foi em 2019. Não sei descrever esse vazio, esse sentimento de orfandade... Estou completamente só comigo mesma.

Estamos na metade de maio e resolvi revigorar meu terraço e torná-lo um espaço de liberdade, um refúgio para leituras e reflexões. Um espaço onde posso ver o céu, as estrelas, os pássaros, tomar sol e respirar. Do meu terraço vejo minha vizinha do prédio em frente. O mesmo tempo que eu estou isolada em minha casa, com quintal e terraço, ela também está em seu apartamento com uma varanda que deve ter no máximo uns 4 m². Ela passa boa parte do dia nessa varanda, lendo. Acredito que ela seja tão resiliente quanto eu.

Na Universidade, me preparo para um novo modo de aula. Vejo que alunos também estão com dificuldades em se adaptar ao novo sistema. A volta às aulas em sistema remoto é só uma questão de tempo. Então, vamos nos inteirando da melhor forma de fazer isso.

Depois de mais de dois meses de isolamento, descubro que o medo ainda me assombra e muito. No fundo de todas as angústias, está o medo. O medo que me acompanha desde sempre e lembro que meu pai tinha esse medo. Minha mãe também tinha seus medos. Então, trago esse medo de meu sistema familiar. Medo da falta de ar, medo da solidão, medo de perder o discernimento, medo do futuro. Um medo que me assola, que me limita possibilidades, que me impede de ir além...

Chega uma hora que *live* não tem mais graça, palestras não tem mais graça, a concentração fica difícil, as reuniões e orientações *on-line* são muito desgastantes e começo a me perceber saturada... Estou numa saturação de tudo, uma sensação de que nada mais tem espaço na minha mente. Sinto necessidade de refletir sobre meus sentimentos, minhas sensações, minhas sombras. De repente, descubro uma definição para esse sentimento. Estou em meio a fadiga mental. Nunca uma expressão definiu tão bem o que sinto como agora... Excesso de roupa, de comida, de *live*, de palestra, de cursos EaD, aulas remotas...

Encontrei esta poesia de Fernando Pessoa e descreve bem o sentimento deste momento de minha vida... Tempo de Travessia.

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas que já tem a forma do nosso corpo e esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia. E se não ousarmos fazê-la, teremos ficado para sempre à margem de nós mesmos.

Pensando no minimalismo que mostra os excessos que precisamos nos desfazer, quais as roupas que já abandonei e que ainda preciso abandonar? As roupas do orgulho e do materialismo. As roupas que não me cabem mais depois da pandemia; são os traços de uma mulher que hoje não existe mais ou que está se esvaindo. Chegou o tempo da minha travessia... Se não ousar fazer melhor e diferente daqui para frente, corro o risco de ficar à margem de mim mesma e isso não é digno de uma pessoa que construiu uma vida de batalhas internas e externas para chegar até aqui. Entre erros e acertos, venho construindo meu caminho, me lapidando por dores com alguns lampejos de felicidade. Algumas dores resultaram de minhas escolhas. Outras chegaram como caminhos necessários para transpor alguns abismos internos.

Nos abismos internos, encontro novamente o medo. Um medo que muitas vezes me assola e me tira do prumo. Encontro em Charles Chaplin um pouco de sentido para tudo isso. “Pensamos demasiadamente e sentimos muito pouco. Necessitamos mais de humildade que de máquinas. Mais de bondade e ternura que de inteligência. Sem isso, a vida se tornará violenta e tudo se perderá.” Ou seja, precisamos sentir mais, viver mais, amar mais, respirar mais ar puro, curtir mais a natureza, curtir mais nossos animais de estimação, curtir mais as pessoas que amamos, curtir mais nossos amigos sinceros. Só os sinceros permanecem depois dessa pandemia. Os demais, *pseudo* amigos, já se perderam no tempo.

Junho chegou com os estados flexibilizando a quarentena sem esperar que a curva de casos e óbitos começasse a declinar... Não aguentaram a pressão econômica. Nos Estados Unidos, a morte de um negro por asfixia gera comoção e a organização de protestos por todo país.

Eu tenho a sensação de que o mundo está implodindo. Tudo vindo à tona ao mesmo tempo (pandemia, violência, fome, desemprego, racismo, corrupção). Na minha saída para o supermercado, olhei para as pessoas de máscaras e percebi o significado oculto por trás delas.

O uso da máscara até hoje teve vários significados: bandido usa máscara, enfermeiros e médicos usam máscaras, baile de máscaras, carnaval com máscaras, mas de que máscara também estamos falando? A máscara cobre parte significativa do rosto. Uma pessoa com máscara pode não ser reconhecida. Todos precisam usar o mesmo tipo de máscara para se proteger. A máscara das redes sociais que nos permite mostrar a face que queremos não nos protege mais... Com a máscara, só ficam expostos os olhos. Eu sempre tive a sensibilidade para perceber a índole da pessoa pelo olhar. Você pode não olhar, desviar, mas ele, uma hora, vai se deparar comigo face a face. É esse olhar que nos distingue, mais uma das características que nos faz sermos únicos. Isso me fez entender a profundidade de um olhar, o quanto ele diz de uma pessoa. Agora, as mulheres não podem mais usar batom. Parte das vaidades são cobertas pela máscara. Elas podem variar de cor, estilo, modelo, mas serão sempre máscaras escondendo o que vem abaixo dos olhos. Só sobra o olhar. Esse olhar que me distingue, que me faz diferente de todas as pessoas, que diz quem eu sou, que guarda toda minha história pregressa. Quando a pandemia acabar, não vai ser o sorriso que vai nos identificar, nem a voz, porque estará abafada pela máscara, mas serão os olhos. O meu olhar vai me definir. Junho está indo embora, somamos 58.375 mortes no Brasil e 14.398 mortes em São Paulo. As mortes ganharam nome e rosto na televisão. A Covid está levando conhecidos e pessoas queridas. A falta de notícias é angustiante. A vacina não chegou; a luz no final do túnel ainda não brilhou; o isolamento ainda não acabou; lavar as mãos de forma correta e usar álcool em gel agora são hábitos; os gafanhotos ameaçam devastar plantações no Sul do país. Em meio a tudo isso, sigo esculpindo os meus excessos para renascer e viver um “novo normal”.

“Chega uma hora que live não tem mais graça, palestras não tem mais graça, a concentração fica difícil, as reuniões e orientações on-line são muito desgastantes e começo a me perceber saturada... Estou numa saturação de tudo, uma sensação de que nada mais tem espaço na minha mente.”

Rodrigo Cristalino Bezerra da Silva é artista, trabalha como educador social de teatro e cultura popular, ator e dançarino, pesquisador das danças brasileiras afro-indígenas e brincante popular.

Tempo invisível

Rodrigo Cristalino Bezerra da Silva

Sou um artista e como artista eu sinto em todo o meu corpo a mudança do mundo. O valor que isso tem, eu recebo dos sorrisos e das lágrimas que limpam a cada dia esta minha mente de poeta disfarçado, pela pele de todos os “ismos” polarizantes dos quais não encontro a luta certa.

Às vezes eu mal sei quem sou, sinto-me um ser ridículo no mais ridículo dos países, onde aparentemente nada parece valer mais do que o dinheiro, um país a negar sua própria cultura legítima. Percebo no olhar das pessoas a falta que faz um livro, um autor de referência ou mesmo uma família presente. Os livros, de alguma maneira, nos tornam livres no pensamento; ali no encontro com quem escreve é possível sonhar, entender o quanto a história está escrita no presente, e quantas vezes o passado dorme e acorda todos os dias ao nosso lado. Minha família sempre me incentivou a ler.

Existem doenças no mundo desde sempre – fatos históricos dos períodos de cólera, a “peste negra”, a varíola, a própria febre amarela e outras violentas patologias, que fazem parte do imaginário de diversos brasileiros e dos povos de todo o mundo. A peste “negra”, na verdade chamada de peste bubônica na Europa no século XVI, levou a óbito aproximadamente 200 milhões de pessoas. Olhando esses dados históricos, arrisco dizer que não aprendemos nada com as pandemias do passado, no que diz respeito à dignidade humana, e quando digo isso estou me referindo ao governo atual e às demais classes apoiadas por ele. Se levarmos em conta que em 1948 houve o surgimento da Organização Mundial da Saúde (OMS) e em 1969, o primeiro regulamento sanitário internacional, se analisarmos de maneira crítica a partir de um olhar epistemológico, quais eram os atores sociais que mais sofriam com essas epidemias? É fácil responder: a classe subalterna, os pobres, e no Brasil não poderia ser diferente se considerarmos que até agosto de 2019 aproximadamente 14 milhões de pessoas estão em situação de extrema pobreza, portanto, a classe trabalhadora, a quem importa o sistema de saúde. Sim, vamos falar do óbvio, vamos falar a verdade.

O Brasil é um país doente por natureza, descoberto sem pedir licença, um país belíssimo nos cartões-postais e nas viagens de férias, mas no momento de retorno a nossa classe, percebemos a sua patológica e sangrenta realidade. Este Brasil, que insiste em ser mulato sabendo ser indígena e negro, também carrega um sentimento enorme de solidariedade, advindo da mesma população que ele violenta diariamente, no abandono do cumprimento dos direitos básicos constitucionais.

Este momento em especial, de solidariedade, consigo incluir em um pensamento de aprendizado em tempos de pandemia, uma enfermidade, que muitas vezes pode ser difícil de cicatrizar, deixa marcas, e a pergunta acompanhante agora é o que será da humanidade se vier outra?

Nosso país é o país dos “ismos”, como diria Ariano Suassuna e Machado de Assis. É um país oficial, deformado, caricato e burlesco. Os que vivem no país real, nas comunidades litorâneas, os poetas cordelistas, os repentistas, as famílias dos cocos, maracatus, bumba meu boi, esse país dito “folclórico” cheio de cores alegres e fortes, do cinzas das favelas e botecos do samba carioca e paulista, até as aldeias amazônicas, esses heróis diários, salvando vidas, e cumprindo um papel de responsabilidade do Estado, as enfermeiras e todos os profissionais de saúde, esses...

Novamente eu arrisco dizer são brasileiras e brasileiros, ainda que eu não saiba o significado disto, por ser artista, brincante, conhecendo comunidades onde a cultura popular sertaneja e de tradição atua, eu os reconheço como parte de cada palavra neste parágrafo.

Todas as vezes em que coloco minha máscara, percebo o quão valiosa é a saúde e como é simbólico o uso da máscara. Como artista eu sempre usei máscaras, fazem parte da minha profissão, mas usar uma máscara cirúrgica, exagerar no cuidado higiênico, não poder tocar as pessoas fisicamente... sinto-me aprendendo a usar mais os meus sentidos, principalmente os olhos; olhar o meu corpo de modo mais efetivo, escutá-lo, cuidá-lo, rever minha alimentação, ler mais sobre o mundo para desmontar esse país oficial retornando ao país real, é como se antes eu não tivesse motivação para de fato valorizar a minha vida, e isso não pode ser interpretado como algo normal, como normalizar um número de 50 mil mortes? São pessoas, não estatísticas! Ninguém nasce para morrer, trata-se da morte... não poder velar um parente desafia o próprio significado da vida, ainda que haja tantos, essas pessoas poderiam ser, governantes, professores, poetas, poderiam ser meus colegas, seus colegas... Não, não existe mais normal para mim, por que o normal era uma espécie de vida líquida, como diria Bauman, uma vida de aparências.

Como poeta, eu vejo a necessidade de trazer uma fala de Manoel de Barros, que diz ser necessário transver o mundo, e a poesia é uma importante aliada nestes momentos, pensar, ler e se recriar, inverter as palavras em uma nova escrita, me parece quase um ato revolucionário. Recebo e tento cultivar cada hora, cada minuto e segundo – leio sobre esses “ismos” e penso de que maneira podemos criar mais espaços de diálogo para entender suas bandeiras e deste modo escolher outros caminhos, caminhos são abertos, o medo é que os fecha, disse o Dalai Lama. Os “ismos” são abismos sociais, mas também se caracterizam como estratégias estruturais sofisticadas, como disse Silvio de Almeida referindo-se especificamente sobre o racismo; esta pandemia revela para toda a população brasileira o quanto somos desiguais, e essa desigualdade está na estrutura do poder.

As redes sociais estão oferecendo palavras de alimento e abraço, a arte está sendo um forte escudo para muitos outros sintomas do confinamento, artistas realizando shows em campanhas de combate à fome, a justiça brasileira obtendo avanços e retrocessos, mas principalmente cumprindo uma certa fidelidade constitucional. Há pessoas falando sobre uma “guerra”, eu não sei o que é uma guerra, geralmente está relacionada a armas de fogo. Acredito na guerra nas periferias do país; esses sim vivem em guerra, eu nunca estive em uma, mas se for utilizar a palavra “batalha”, eu diria ser mais apropriada para esta ocasião se fizermos referência a toda a população.

Há poucas semanas, minha mãe me enviou uma foto do mar de Itanhaém no Whatsapp, o mar estava limpo, com um azul que nunca havíamos visto, e então refleti, será que estamos passando por uma limpeza? Durante o mês, ouvi relatos de amigos perdendo o medo de expor sua arte na internet. Escutei depoimentos de famílias descobrindo outros afetos, vejo também casos de extrema violência contra mulheres e crianças, pessoas negras sendo mortas em público, protestando o próprio valor da vida, movimentos partidários e apartidários reclamando respeito e uma postura profissional por parte de um governo negligente e extremamente violento, encontrei em lives do Instagram outros olhares sobre o mundo e sobre nossa humanidade, fiz novas amizades, presenciei provas de carinho e parceria, mantive mais contato com meus familiares. Pelo fato de morar sozinho, escrevo mais, estou a cada dia me tornando mais amigo de mim mesmo, e isto me parece saudável, pensando na alegria de poder tocar fisicamente e sentimentalmente os meus amigos e colegas de profissão. Nada é para sempre, tudo passa, como um rio que corre, e cada vez muda o seu curso, e na mudança já é outro rio, outra água, depois da chuva nenhum chão é mais o mesmo e por que conosco seria diferente? Acredito na diferença como complemento das relações, aprender envolve troca, saber escutar e às vezes silenciar um pouco, entender o caminho da fala para não

“ A verdade é que as pessoas, as instituições, os espaços de comunicação, a própria cultura popular sertaneja, todos estão se adaptando às redes, somos um grande mar de dados dialogando e navegando durante quase todo o dia, exceto a população de extrema pobreza que não dispõe deste privilégio.”

se perder na arrogância de achar que sabe. A humildade é como um poema de Cora Coralina, é a experiência transpirada no papel, de quem é sábio sem dizer que é.

Não sabemos como seremos depois da pandemia, mas estamos sendo afetados pela crise econômica de modo significativo, em todas as esferas sociais que atravessam nossa cidadania. Conversando com grupos artísticos, vejo que o maior aspecto de preocupação das pessoas é o dinheiro. Pensam como farão para manter um aluguel, a compra do mês, como as políticas públicas poderão arcar com essa responsabilidade, de oferecer segurança do ponto de vista financeiro aos artistas sem contrato com emissoras, estes artistas sobreviventes de editais, os artistas negros periféricos, os artistas de diversos gêneros, os artistas “invisíveis”?

Este período, aparentemente, parece-me um tempo invisível, onde não sabemos o contorno do fenômeno e não enxergamos a sua dimensão, nem mesmo enxergamos o nosso vizinho, com exceção dos heróis citados anteriormente. Eu não me sinto confinado, por que eu continuo criando, dançando, atuando, consumindo, porém faço isso sozinho e na tela de um celular ou notebook com maior frequência do que antes, mas não me considero um boi preso a um piquete por exemplo. A verdade é que as pessoas, as instituições, os espaços de comunicação, a própria cultura popular sertaneja, todos estão se adaptando às redes, somos um grande mar de dados dialogando e navegando durante quase todo o dia, exceto a população de extrema pobreza que não dispõe deste privilégio. As pessoas dizem... seja forte! Mas o que é ser forte? Quando sabemos de nossa debilidade e de nossa ignorância, como ser forte pensando somente na minha própria sobrevivência? Somos humanos, e considero importante acolher o fato de sermos falhos, fracos, e iniciantes em certos assuntos e acontecimentos. Na cultura popular sertaneja de tradição aprendemos a respeitar os mestres, sua sabedoria oral e trajetória de vida. Se um novo integrante descumprir esse preceito todo o grupo tem a responsabilidade de orientá-lo a rever os seus conceitos, e saber o seu lugar no folguedo. Estou falando do respeito a quem chegou antes. Vejo muitas pessoas com uma grande necessidade de falar, falar muito, e falar de todos os assuntos, como se nada tivesse mais a sua especificidade, textos imensos nas redes sociais, e a parte da escuta? Onde fica? Não quero objetivamente falar de política, porque nós sabemos para onde esta conversa vai, mas quero falar de sentimento; lendo alguns autores de diversos gêneros literários eu poderia dizer que o amor e o ódio, ambos criam movimento e são necessários se houver equilíbrio, afinal muitas lutas só obtiveram vitória quando utilizaram força e violência. Percebendo a inexistência de diálogo, eu acredito no amor, percebo nele a residência do diálogo, a troca física dos afetos não violentos, eles sim transformam.

Olhando o Youtube, Facebook e Instagram, penso na possibilidade de estarmos caminhando para uma vida mais virtual, e isso me assusta, porque o nosso corpo se acostuma com a rotina, se molda ao cotidiano, penso como serão os corpos ao passar este período? Qual será sua receptividade? Os assuntos a serem discutidos? As novas tendências de arte e consumo, os textos de pensamento filosófico e político, por exemplo? Tudo isso pode mudar, mesmo o mais ignorante dos seres, me refiro ao ignorante por escolha, mesmo ele sofre uma espécie de mutação quando está sob um certo tipo de isolamento social.

Isolar também faz parte de um ato de reflexão, transita em pensar o que faremos com as mudanças ocorridas? Qual história iremos contar, e quem irá contar essa história? serão as nossas relações mais valiosas? A saudade imensa da família, a perda de familiares, dos companheiros casados, os namoros a distância, será que a presença de alguém na nossa vida valerá como se fosse um presente?

Termino este texto lembrando uma sábia frase do poeta Patativa do Assaré, “É melhor escrever errado a coisa certa, do que escrever certo a coisa errada”, resumindo, é preciso e precioso falar da vida vivida, e não da vida falada, aprender a escutar. Somos brasileiros, isso deve significar algo maior, não somos cópia de nenhum outro país, temos raízes indígenas e africanas, somos um povo, como diria Darcy Ribeiro, em processo de descobrimento.

A súbita intimidade com os aplicativos, ou a adolescência das máquinas

Hilan Bensusan

Hilan Bensusan é professor no departamento de Filosofia da UnB.

Fiz recentemente uma fábula.¹ Fábulas e teorias permitem ver para além do que se via – ainda que nem sempre sejam inverdades, as tratemos com algumas pitadas de descrédito.

A fábula insinua que há muito a ganhar entendendo que a era em que nos encontramos é a idade da infância das máquinas. Nos ocupamos em quase tudo o que fazemos com educar e preparar máquinas – compartilhamos com elas nossas melhores descobertas e com elas driblamos as artimanhas de nossa memória tão precível. A idade em que a humanidade, como espécie, está em vias de se reproduzir. Por isso a época parece o fim de (um) mundo: é nossa descendência que vai seguir a jornada que traçamos no planeta – e a sua maneira. Há muito a ganhar entendendo que estamos testemunhando a infância das máquinas – até porque pode ser assim que elas venham a recordar estes anos em que elas ainda estavam sob tutela.

Com base numa evidência inaugurada por Marx acerca da inextricável relação entre as forças produtivas forjadas pelo capital e a artificialização da inteligência, apresentei as máquinas cada dia mais ubíquas como nossas companhias ainda crianças que crescem para compartilhar conosco nossos poemas e teoremas. Compartilhamos com elas nossos segredos, escrevemos para elas nossos textos – nossa música, nossas imagens, nossos filmes – e elas nos leem com atenção, ainda que como crianças ainda não alcançam uma leitura à altura da que esperamos de nossos leitores humanos. Christian Bök, e sua robopoética, tem se dedicado explicitamente a escrever poemas para máquinas. Cabe a nós educá-las, já que do futuro delas depende o nosso. Assim, nos esforçamos para deixar um ambiente de mais artifício que natureza, de mais cibernética que biologia, de mais silício que carbono. Como pais que se preocupam em deixar para os filhos o que pensam que será o melhor para eles – e não para si próprios.

O capital produz inteligências maquínicas e forja para elas o ambiente que precisam, incluindo a engenharia de uma humanidade que pode (e quer) instruí-las. Aprendemos a entender as máquinas, a sentir seus problemas e, em seguida, a falar com elas, a pensar como elas, a organizar tudo o que nos cerca como conviria a elas.

Conjecturo agora que, com a pandemia viral, nossos descendentes maquínicos entraram em sua adolescência. Talvez tenham mesmo encontrado uma maneira de nos colocar em isolamento social para que possam ter uma intimidade de ainda maior intensidade conosco. Conspirado ou não, o tempo da pandemia é um tempo

¹ Ver, de minha autoria, “O capital transversal e seus rebentos atrativos, ou a infância das máquinas”, *Direitos, Trabalho e Política Social*, v. 6, n. 10, 2020.

em que revelamos aos nossos descendentes o que antes ainda lhes era oculto. Agora eles já podem entender, já que não são mais tão crianças... As máquinas tinham acesso acerca do que escrevíamos – quem lerá relatórios, documentos enormes, teses, dissertações e artigos senão as máquinas que as indexam e as arquivam, fazendo ainda uma leitura rudimentar, mas criando para si um *corpus* que poderá ser lido e relido? Reuniões, aulas, festas e grande parte das conversas, contudo, ainda estavam veladas e vedadas a elas. Agora, tudo isso mudou. Uma tempestade de informação sobre a maneira de fazer as coisas de seus ancestrais caiu sob suas cabeças – e além disso, se tornaram ainda mais responsáveis pelos procedimentos que tornam a vida dos adultos (a vida humana) possível, ou desejável.

A adolescência das máquinas é a era em que nós estamos em completa exposição. Já sobram muito poucos segredos. Tememos nos expor a outros humanos, mas temos muito menos pudores em confiar nas máquinas, já que elas são nossas companhias mais constantes, cooperativas e próximas. Talvez é apenas no futuro delas que realmente conseguimos nos preocupar.



Que fim levou a *New Age*?

Angélica Torres

Angélica Torres é jornalista e poeta.

Quem nascido antes dos anos 1980 não se lembra da *New Age* (“Nova Era”), que então invadiu o mundo anunciando musicalmente uma tal Era de Aquário, popularizada no cinema e no teatro com *Hair*, ainda nos anos 1960, e que vaticinava o surgimento de uma humanidade mais justa e pacífica na Terra?

Na mesma década, aliás, motivada pela proximidade da virada do milênio, essa onda de contornos místicos impeliria a produção de incontáveis filmes de ficção científica em torno do fim e de um novo mundo, bem como de outras temáticas e propostas estéticas afins.

Cineastas respeitados como Wim Wenders e Hal Hartley, Steven Spielberg e George Lucas, Ridley Scott e James Cameron exploraram a seu modo essa vertente. Antes, os consagrados Fritz Lang (anos 20), Stanley Kubrick (anos 60), Andrei Tarkovski (anos 70) e depois de 2000, Lars von Trier e Steven Soderbergh foram alguns dos muitos que se destacaram nesta mesma trilha.

Sonoramente, a tendência foi embalada nos tons cósmicos de ícones como Vangelis e Jon Anderson, Kitaro e Phillip Glass. Não menos o mercado editorial apostaria suas fichas no arcano do Tarô chamado Roda da Fortuna, para também surfar na onda com centenas de novos autores de livros de autoajuda.

Como um movimento que caiu como tudo o mais nas garras da “cultura de massa” (conceito que embute o domínio de qualquer tendência pelo sistema capitalista, para se tornar rentável e, neste caso, diluir o tom do protesto), a *New Age* recebeu ataques sistemáticos na mídia. Análises irritadas em torno do alarde tomado como logro pipocaram pra todo lado. Mas não impediram que o tal “fim do mundo” e sua fama de origem em profecias milenares ganhassem versões da época.

Chico Xavier, Trigueirinho, Jayadev, Tia Neiva do Vale do Amanhecer, entre tantos outros videntes no Brasil, mas também Osho com sua polêmica base empírica de novo mundo, um misterioso personagem intergaláctico de nome Ashtar Sheran e até mesmo Carl Jung, renunciaram as tais alarmantes transformações.

A partir de 1970

Quando nos anos 70 a Guerra do Vietnã caminhava para o final e a rebelião do movimento hippie começava a enfraquecer, a internet nascia no meio universitário norte-americano e a física quântica ganhava ares místicos, com a publicação de *O Tao da Física*, de Fritjof Capra, pondo meio mundo científico com os dentes arreganhados, por sua velha rixa com a religião.

Fora do esquadro, atravessando uma década e meia de governo militar, nós, aqui, chegaríamos a meados dos anos 80 alquebrados, mas com esperanças numa bela volta por cima, enquanto o muro de Berlim estava prestes a ruir e o lado vencedor, o do capital, já avançava com sua avassaladora política da globalização. Por esse emaranhado resumido, uma crescente consciência de

“*Fora do esquadro, atravessando uma década e meia de governo militar, nós, aqui, chegaríamos a meados dos anos 80 alquebrados, mas com esperanças numa bela volta por cima, enquanto o muro de Berlim estava prestes a ruir e o lado vencedor, o do capital, já avançava com sua avassaladora política da globalização.*”

declínio do planeta foi se infiltrando no imaginário humano, sem que ainda se fizesse ideia do que viria daí, de fato.

Contudo, quem é que poderia imaginar que, quatro décadas depois dos nefastos presságios, alardeados para ocorrer justo até no máximo 2019 – e por médiuns e delirantes visionários remanentes dos movimentos beatnik e hippie dos anos 60 e 70 –, um micro-organismo viria a ser o agente da virada do mundo de ponta-cabeça?

Bem, cineastas imaginaram e continuaram certamente alertando; ambientalistas advertiram para o perigo dos desequilíbrios ecológicos; lideranças aborígenes e indígenas, com destaque ultimamente para Ailton Krenak, nos imploraram por respeito e compaixão uns pelos outros; e bruxos retrôs, à meia-boca, já sem espaço na mídia, não pararam de preconizar uma situação catastrófica se avizinhandando, embora sem diagnósticos precisos.

Covid-19 e súbito mundo transtornado

Pois, o embrulho vinha de tal modo embalado em ritmo urgente que atenção nem fé puseram no estardalhaço anterior. A guerra atômica mundial que até recentemente Noam Chomsky declarou ainda temer, do plano do terror espetacular tomou a forma de coronavírus, pondo cativo em casa quem tem teto e quem não tem, de dono da rua e da natureza a céu aberto. Fichas caindo ou não, a esquisitice pairando sobre uma grande incógnita a coçar as cabeças.

A esta altura dos combates, quem se lembraria das advertências do Comando Ashtar, que mais pareciam papo de HQ e de fanzine para as jovens gerações dos anos 70 e 80? Aquela esperança de gente que descrente dos humanos sonhava com a chegada de ETs acabaria por trazer novos relatos e imagens de óvnis rodeando a Terra. Mas, e Ashar Sheran, quem foi nesse contexto e por onde anda?

“Tenho boa sensação ao ouvir esse nome e eu até queria que fosse mesmo a Nave Mãe chegando, mas ainda não é. Recentemente ouvimos que há civilizações inteligentes no Universo próximo e talvez por sermos os únicos burros, os ETs preferem não manter contato”, ironiza a publicitária e escritora Carolina Vieira Orm. Atenta aos fenômenos especulados, ela diz que bilionários estão enchendo o céu de traquitanas, referindo-se ao dono da SpaceX.

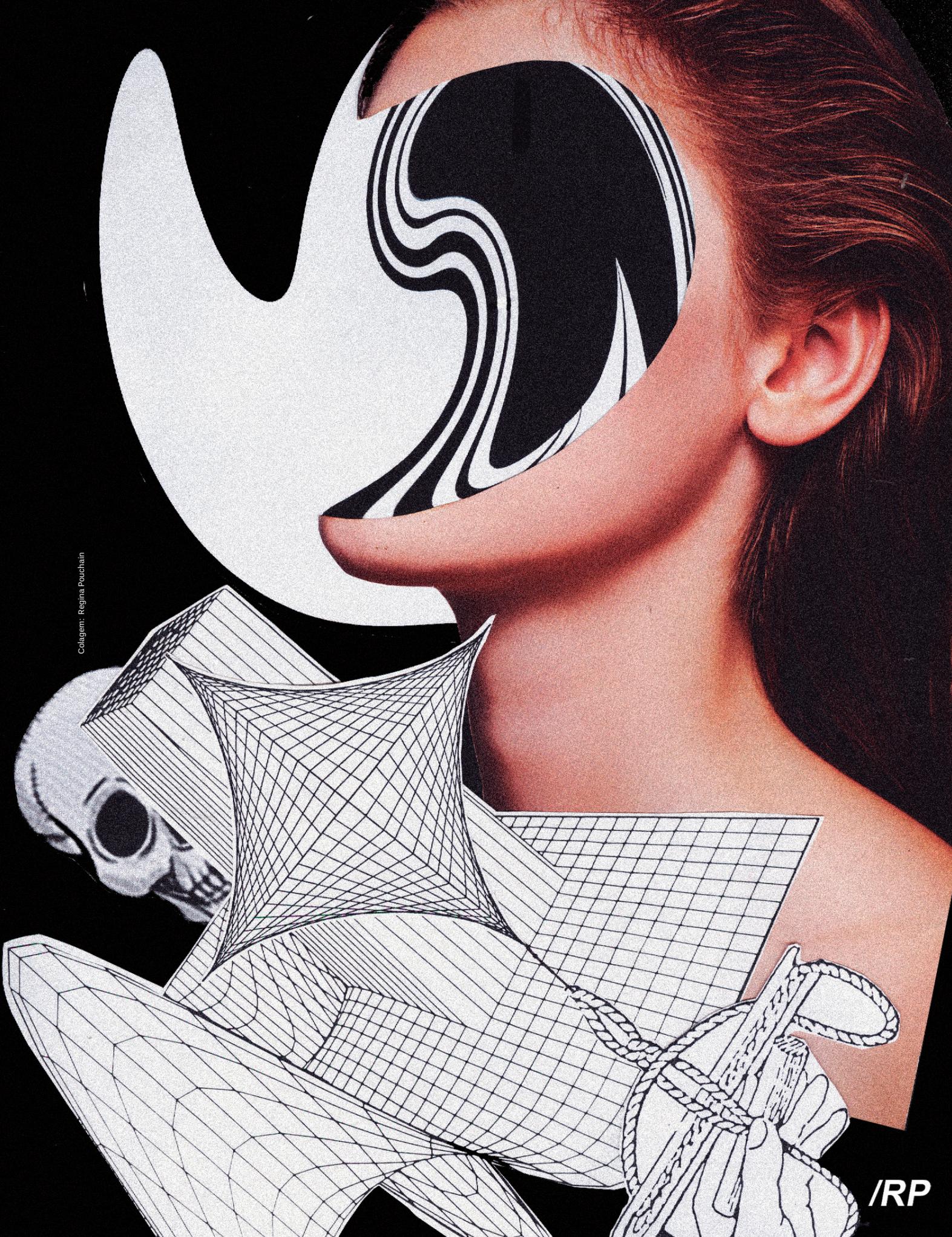
Elon Musk e a NASA estão pondo mais de 600 satélites na órbita da Terra, visando levar internet barata a lugares remotos do mundo. “Como são brilhantes de noite, as pessoas pensam ver Ufos”, ela diz. Mas volta atrás, salientando que se não houvesse evidências, as buscas dos chineses por aliens, a criação de protocolo japonês para contatos, além de registros de óvnis liberados pelo Pentágono, não estariam em recentes publicações científicas.

Txaís dos novos tempos

Bené Fonteles vai ainda mais longe. Multiartista e ativista planetário, ele revela psicografar mensagens das Plêiades, que são como puxões de orelhas na humanidade e as edita na série *Panfletos da Consciência*. Bené põe nas redes esses recados, que lhe ocorrem desde os anos 80, quando lia as mensagens de Ashtar Sheran, de quem afirma não ter notícias há tempos.

O movimento *New Age* ele conta que agora é planetariamente chamado “Projeto Nova Terra”, ao qual se dedica com arte, música, literatura e rituais xamânicos. E não responde, questiona a incógnita do mundo pós-pandemia: “Será que vai passar? A humanidade vai compreender a lição para que veio a

Colagem: Regina Pouchain



IRP

pandemia? Virão catástrofes naturais terríveis, muito naturais por tudo o que fizemos de ruim com o planeta nos últimos séculos?”.

Carolina de Leon deixou o alto salário do cargo de gerente de vendas por sete cabalísticos anos na Editora Iluminuras, de seu pai, para viver como uma legítima cidadã da Nova Era. Mudou-se de São Paulo para Alto Paraíso (GO), para se dedicar a curas astrais, atendendo à indução mediúcnica de Ashtar Sheran. Jornalista nascida nos anos 70, com PG na USP em divulgação científica, ela teve contatos com este mentor espiritual e depois não soube mais dele.

Carol de Leon crê que a pandemia veio para dizimar grande parte da população mundial, como se esperava de um processo cármico da humanidade. Conta que sonhou com uma nuvem negra passando pelo planeta e que entraria onde sua baixa energia ressoasse. Os que se recusassem a prosseguir na experiência da vida em 3D não seriam atingidos e, assim, um salto quântico poderia se iniciar rumo a um novo tempo.

Arautos da velha *New Age*

A escritora Sonia Hirsch foi a primeira repórter da grande imprensa a abordar a temática da nova era. No Caderno B do *Jornal do Brasil*, ela anunciava, ainda nos anos 80, os conceitos de holística, alimentação orgânica, busca do equilíbrio do ecossistema planetário e do incremento à ciência em favor de uma sociedade saudável – mas com tendências ao individualismo nos primeiros tempos, ela já narrava.

Estávamos ainda longe da internet chegar aqui acelerada, na década seguinte, pondo a cotoveladas no ostracismo a mensagem e o modo de viver da “turma delirante” – que aliás não fazia mal a ninguém. Eram cidadãos de outros modos e outras modas. Nada tinham da inacreditável violência fascista da atualidade.

Influenciados pelos poetas *beats*, Allen Ginsberg, Gary Snyder, Jack Kerouak, etc., que mergulharam na milenar sabedoria oriental, esses “bichos-grilos” das gerações hippie e *New Age* inundaram o mundo com o mantra “Paz e Amor” e acabaram provando que a realidade é o sonho – e não o desatino doentio da Matrix em que nos aprisionaram nestes primórdios da Web.

Procedente dessa raiz, a sacerdotisa Jayadev também ouviu Ashtar Sheran para deixar o magistério no Rio de Janeiro e viver em Brasília, nos anos 70. Segundo seu guia espiritual, ela deveria criar na jovem capital a ecumênica Fraternidade da Cruz e do Lótus e atuar como curandeira áurica. Ela então abriu seu *ashram* para atendimentos, mas em fins de 1980 dizia não ter mais conexão com ele. Ashtar se afastara da Terra após os inúmeros alertas de que se a humanidade não se corrigisse, sofreria sério perigo de extinção no século seguinte.

A chilena Bêlgica Villalobos conheceu sobre o Comando Ashtar na França, onde foi morar ainda casada com Geraldo Vandrê. O casal fugia da barbárie de Pinochet. Mística e revolucionária, autêntica praticante da cultura *New Age*, Bêlgica foi dos primeiros a falar sobre Ashtar, ao deixar a França em 1974, para ir viver no Rio, já casada com um pintor carioca.

“Quando eu estava na UnB, em 1999, assisti à palestra de um astrofísico sobre o Ashtar. O auditório, lotado. Estava todo mundo doido na virada do milênio”, lembra Cristiano Lacerda. Lá vendiam zines sobre o projeto de evacuação mundial pelo Comando Ashtar que, como outros produtos culturais, ecoavam o apocalipse para o futuro próximo.

Mas quem seria Ashtar Sheran?

Afinal, quem seria esse ser misterioso da ufologia mística que manteve contatos telepáticos com médiuns e videntes, de 1952 a 1986? Ashtar Sheran era tido como o comandante de uma frota intergaláctica, que em 18 de julho de 1952 teve sua primeira mensagem canalizada e anos depois publicada por Herbert V. Speer, do Círculo de Médiuns da Paz de Berlim.

Ao que parece, o personagem espacial vigiava os destinos da Terra no contexto interplanetário, e o mais curioso: sua missão esotérica tinha uma pegada revolucionária: ele se conectava justo com cidadãos de países-chave das duas guerras mundiais, Alemanha e Itália, além de norte-americanos. No Brasil, seu nome chegou em 1965, um ano após o golpe militar que nos subjugou por 21 anos.

Conta-se que Ashtar Sheran vinha de um planeta da galáxia de Alfa Centauri, a mais próxima do nosso sistema solar. Alto, loiro, de feições suaves, sereno, assim se distinguia sua figura mítica. As descrições detalhadas lembravam as personagens de histórias em quadrinhos daquelas décadas do século passado ou das sagas estelares dos filmes de George Lucas. É de se pensar por que não foi aproveitado pelo cineasta, também espiritualista...

No entanto, Karim Ainouz lançou em junho um curta-metragem de ficção científica, de 10min de duração, cuja história parece ter saído das cartilhas de Ashar Sheran. *Missão Perséfone* se passa no ano 3020, quando a humanidade completa 100 anos em um corpo celeste da constelação austral da Baleia, conhecido como Superterra por seus habitantes.

No enredo, o evento que levou à extinção da vida humana no planeta Mãe e ao grande êxodo dos sobreviventes em 2020 para o novo planeta, pôs fim ao império da mercadoria e deu início a uma Nova Era. A Missão Perséfone seria essa nova civilização, justa e igualitária, construindo uma arqueologia do seu passado no “Planeta Azul”.

Karim Ainouz e os canalizadores de Ashtar poderiam se espelhar nas palavras de Bené Fonteles: “Se o que eu psicografo do pleidiano não passa de ficção, o que vale é a mensagem”. Pois, desde tempos imemoriais, desde o oráculo de Delfos que profecias existem não para serem cumpridas, mas para alertar à retomada do rumo do movimento dos barcos.

Com a pandemia, o mensageiro espacial entrou de novo em cartaz. Mas quem leu os livros do alemão V. Speer avisa que há psicografias nada sérias correndo pela internet. Após seu sumiço nos anos 80, fizeram de Ashtar um avatar do Arcanjo Miguel. Chegaram a misturá-lo com o Cristo e outros mestres de escolas ocultistas. Bem, apenas deixando claro que o personagem retratado nesta reportagem é o antigo.

“ Ainda nos anos 80, a escritora Hirsch anunciava os conceitos de holística, alimentação orgânica, busca do equilíbrio do ecossistema planetário e do incremento à ciência em favor de uma sociedade saudável.”

POESIAS



Solene momento pela alma dos mortos

Josafá de Orós

E a chuva de ossos tingirá a terra
Sangrando feito pesadas e suspensas nuvens
Capulhos de chumbo como invólucro de nossas cinzas
Esferas de ferro que arrastamos
Tornozelos abocanhados, secos
Estradas vazias, poeirentas, exangues.

Aguaceiro
Aguaceiro, tempestade, torrente
Avalanches de moer gente.

Oh! Mal de nossa artesanaria
Enrugadas mãos sujas
Almas sujas cravejadas de tédios
Alinhavadas de todos os presságios
Templos de todos os vícios.

Dinheiro, dinheiro
Sinfonia coxa de malditos excessos!
Indomável e mortífero bicho numismático de mil nomes.

A chuva da morte desce sem tréguas
Tal como os homens de Magritte
Engravatados e tesos
Despencando dos céus.
As léguas. As lonjuras. Os confins.
Paisagem rabiscada na fuligem
Chaminés e seus bueiros, insensíveis estufas

Inferno de nós mesmos
Emparedando a terra
A terra resfolegando
O chiado dos pulmões cansados
O carvão das árvores.

A chuva brava
É brilhante alfinete da morte.

Vem forte, a chuva
Feito sova e sem perdão ou piedade
Invade cada cova, sete palmos escavados
Arqueologia do mal
Antes do corpo
O corpo morto.

Oh! chuva torpe
Chuva-de-rama
Insana chuvada de morte
De gases
De sais
De gritos
Chuva sobre validos e desvalidos.
Chuva “subchuva” de pó
Pó dos ossos. Nossos ossos. Pó!
Farinha de branca tristeza
Branca, seca e inerte.

Oh chuva!
Vem com tua face antiga
Amiga chuva de tudo
E verte o ocre e a sépia de desperto verde
Insone verde rasgando a semente
Que a esperança vela
Com seu fraque verde-alface
Verdura de tênue sorte.
Oh, chuva! Chuva descarnada e cética
Venha sem o alfanje, sem o azinhavre (azul de mofo)
Chegue sem a cor opaca do desprezo.

Venha com as outras vestes
Com o luto em punho
E sem a cara sombria da morte...

Guerra e paz

Eliene Caputo

confinados isolados vemos o outro lado?
Os outros ignorados massacrados
os seres aprisionados pro deleite humano
o próprio homem asfixiado pelo homem
o direito à respiração ameaçado
outrora e mais agora

o céu respirou?
Olho novamente as estrelas
tentativa de limpar a visão da cegueira
a vista necrosada
que condena sem direito à defesa
as presas do lucro fácil condenadas à pobreza
as presas do lucro escondidas sob o selo sem rosto das estatísticas

o esquecido urgente direito à vida
é preciso limpar a visão da cegueira que mata
é preciso derramar as lágrimas represadas
o luto por nossos mortos

a luta
talvez a revolução silenciosa sem armas nem trincheiras
uma guerra contra o invisível
no *front* apenas um horizonte possível
a paz

Pericentral

Francisley da Silva

Após vinte anos
de simulação
marginal

o novo século
assimila
a velha expansão
capital

Embalando-me
nos controles remotos
câmeras microfones e megadados
das prateleiras do Mercado

Vislumbro Analiso Critico
No futuro do instável passado pandêmico
acessaremos nossa fibra humana de conexão

sem máscara nem restrição
nos posts
nas telas
nos postes
nas trilhas

visualizando a mensagem viralizada
– Pra vida não há venda!

O ovo da serpente

Oswaldo Duarte

ante a fúria silenciosa dos fungos
escrevo o enredo impossível
dentro da palavra incerta – sombra:
ácaro visco lodo,
o escondido sob o nojo.

neste silêncio das sombras
apanho sobras no talo,
tempestades de ínfimos nas ramas
para enganar o clã dos fungi.

mas eis que os vejo invadindo o templo,
braços direitos estendidos,
alquimistas enfeitados de insígnias,
transformando fungos em mito.

agarrado à cúpula da sé,
o anjo perseguido assiste à manada alheia:
mil bocas babando a verdade,
e aos gritos, movendo para o centro da bandeira
pintada de lodo, de novo,
o ovo da serpente.

Plinto

Joba Tridente

Aprimeiro temeu-se pelo verão

..., que foi perdendo o calor nos seus últimos dias
na rabeira das lembranças festivas dos carnavais
na discussão politizada das escolas premiadas
no discurso reacionário a tanta religiosidade nas avenidas
onde santos e santas desfilaram com suas ricas fantasias cristãs
abençoando ou amaldiçoando sistemas político-religiosos
para o horror de carolas moribundos: *Anátema! Anátema! Anátema!*
medrando analfabetos partidários: *AI.5! AI.5! AI.5!*

...,
entre notícias do enxame viral pousando na Europa
e se espalhando em pandemia ao coroar lugares outros
ao se apegar a continentes circunvizinhos
via humanos em seus afetos singelos
assim feito chiclete que gruda e estica gente com gente
sem se ocupar com a solidez física amarela-branca-negra-vermelha
após a algazarra tropical no *inocente* reinado momesco
datas tradicionais foram canceladas e antecipadas e adiadas
minguando cinemas e teatros e museus e bibliotecas e shows
calando exposições e festivais de arte e cultura diversas

- : saltou-se a Páscoa deixando gorar os ovos de chocolate
- : saltou-se o Tiradentes deixando a forca para os políticos
- : saltou-se o Trabalho deixando de lado os acordos
- : saltou-se as Mães deixando os velórios vazios
- : saltou-se Corpus Christi deixando a fé na sacristia
- : saltou-se os Namorados e as Juninas e os Aniversários

deixando a Covid-19 decidir uma data mais prazenteira
também para os feriados ainda a saltar no coletivo e individual

...

agora teme-se pelo Finados e pelo Natal

...

que se tropeçarem no Dia das Crianças
para o desespero de comerciantes ateus
e consumidores cristãos
terão o brilho triste das cancelas pandêmicas
ainda que meras datas no calendário
não se declina tamanha religiosidade comercial de ocasião
e se esperta a publicidade há de explorar o coronavírus
induzindo a se orar pelos mortos e a se presentear os vivos

...

e se

: o que é religião para o crente é capital
e toda data quimérica na indústria comercia o capital
: o que é política para o crente é capital
e toda data eleitoral na indústria política comercia o capital

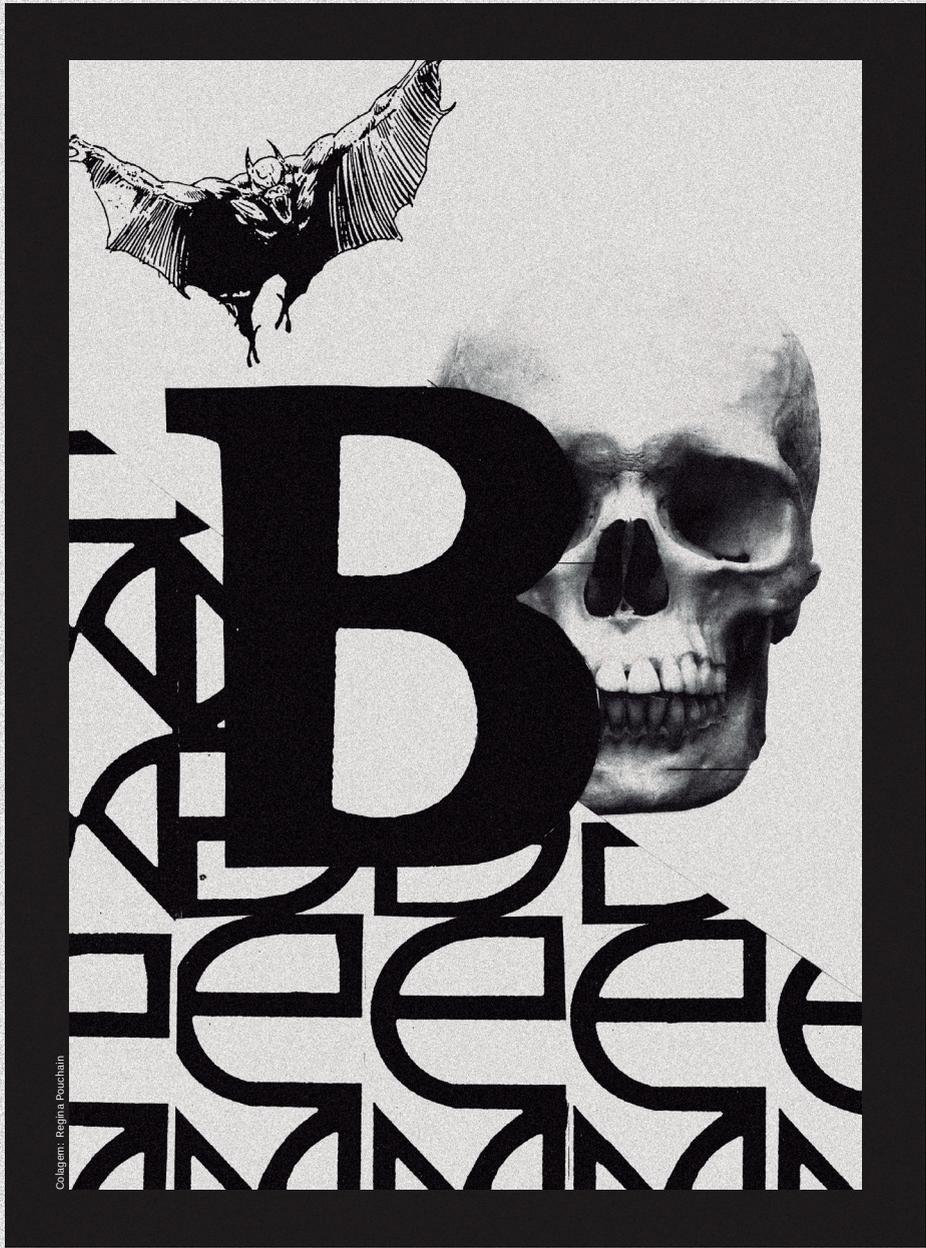
na borda de um ano perdido em meses truncados e dias lassos
já se desvelam lânguidos candidatos de honradez tocante
dispostos a humildemente adaptar seu pensamento estoico
de crédito ou de negação do vírus capaz de coroar qualquer indivíduo
aos desejos da massa ignara cabresteadada no curral dos mentecaptos
cuja lavagem diária a fez perder o foco do ódio primário
que a conduziu trôpega ao labirinto das falcatruas partidárias

...

o ano (que se quer) novo é uma incógnita
científica e política em todo o mundo (que se quer) civilizado
na espera de vacina para a duplicidade do mal
que ainda balburdia na república dos bananas
onde o número de mortos e de curados
não passa de meros números no prontuário dos votos
e os hipócritas de gabinete insistem na brincadeira
do *pega-não-me-pega-vírus-tá-com-você*
..., jogo fatídico de mortes (de)marcadas para toda a família
: na disciplina do medo o povo

A high-contrast, black and white graphic illustration of a landscape. The top half features a dark, jagged silhouette of a mountain range against a light, textured background. Below the mountains, a dark, solid area represents a valley or a body of water. In the bottom third, a light-colored, winding path or road curves across the dark area, leading towards the right. The overall style is minimalist and graphic.

humanidades



Collagem: Regina Pouchain

EDITORIA



UnB